

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ENSINO, APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO DE
PROFESSORES

A Invasão da Erotização do Adulto no Mundo Infantil: micropoderes na vida pública e privada

KELI ANDRÉA VARGAS PATERNO

MARINGÁ
2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO
Área de Concentração: Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores

A Invasão da Erotização do Adulto no Mundo Infantil: micropoderes na vida pública e privada

Dissertação apresentada por KELI ANDRÉA VARGAS PATERNO ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração: Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Verônica Regina Muller

MARINGÁ
2011

KELI ANDRÉA VARGAS PATERNO

A Invasão da Erotização do Adulto no Mundo Infantil: micropoderes na vida pública e privada

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Verônica Regina Müller – UEM
(orientadora)

Prof. Dr. Geovanio Rossato - UEM

Profa. Dra Maria de Fátima Salum Moreira - UNESP

Maringá
2011

Dedico este trabalho aos educadores, às crianças e a todos aqueles que se sentem responsáveis pelas crianças, pela infância, na esperança de que, de alguma maneira, esta pesquisa possa contribuir em seus cotidianos e, talvez, produzir comportamentos menos coisificados.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Verônica Regina Müller, minha orientadora, que despendeu boa parte do seu tempo na dedicação da leitura e dos ajustes deste trabalho, bem como, humildemente, partilhou comigo seu vasto conhecimento.

Aos professores e funcionários do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

À minha mãe, Nélide, que, apesar da distância que nos separa, sempre torceu pela realização dos meus sonhos.

À minha filha Cassie e ao meu marido Jean, que souberam comigo, superar os obstáculos e encontrar energia para me dar força nos momentos de dificuldades para que eu superasse mais este desafio. Amo vocês.

À minha irmã, Stephanie, que também esteve junto comigo, apesar da distância.

À minha querida amiga Maria Olivia, que sempre esteve comigo. Ouviu minhas angústias e me ajudou a renovar minhas forças para continuar.

À minha anja, irmã de vida, amiga, companheira, Mary. A ti devo muito e não sei se um dia conseguirei retribuir.

A Michelle, Lucimar, Andresa, Alexandre, Renata, Fabiana! Vocês são parte da minha vida. Obrigada!

A D'Alice, que sempre me recebeu e me acolheu com muito carinho em sua casa enquanto permanecia em Maringá e a todas as pessoas que estiveram comigo nessa caminhada.

Aos meus alunos das 4^{as} séries, queridos, que amo de paixão, participantes desta pesquisa.

Aos pais e responsáveis pelas crianças pesquisadas, que prontamente foram solícitos em participar desta investigação.

À Prefeitura Municipal da cidade de Cascavel, por ter-me concedido a licença para o mestrado.

Às minhas amigas colegas de trabalho da Escola Municipal Almirante Barroso que me ajudaram nos momentos de ausência, de dificuldade, que contribuíram muito com

momentos de alegria e de descontração para que as energias fossem renovadas para mais um dia de trabalho.

A todos/as que direta e indiretamente, compartilharam, partilharam, participaram deste trabalho.

Peço desculpas se deixei de mencionar alguém, mas o importante é que cada um saiba o quanto foi e é especial em minha vida. Cada um com sua especificidade. Fiz muitos amigos/as, dos/as quais muita saudade sentirei.

“Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito, e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer”.

Paulo Freire

PATERNO, K.A.V. **A Invasão da Erotização do Adulto no Mundo Infantil: micropoderes na vida pública e privada.** PG 220f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Profa. Dra. Verônica Regina Müller. Maringá, 2010.

RESUMO

A erotização precoce é o objeto de estudo desta investigação, cujo objetivo principal foi descobrir que mecanismos sociais impulsionam a normalização da erotização das crianças no ambiente das cidades. A pesquisa do tipo qualitativa envolveu uma parte bibliográfica de cunho histórico, sociológico e antropológico tendo como base Foucault. Na ida a campo pretendeu-se conhecer as atividades de crianças e de adultos por elas responsáveis e o tempo ocupado cotidianamente nessas ações. Participaram do estudo 30 crianças em idades entre 9 e 11 anos e um responsável legal por criança, na cidade de Cascavel/PR. Além de um questionário-relógio, foram realizadas fotos de materiais erotizantes, entrevistas e busca pelo *Orkut* dos/as pequenos/as pesquisados/as. Os resultados indicam que um dos principais mecanismos sociais de construção da normalização da erotização da infância, para os sujeitos investigados, são as mídias e os conteúdos veiculados por meio dos aparelhos de televisão. Outro dispositivo é a internet, onde as crianças podem ser qualquer um, inclusive dizer ter mais idade. Há também conteúdo erótico disponível aos olhos dos diversos sujeitos, inclusive das crianças, em panfletos distribuídos nas ruas, bancas de revistas e *outdoors*, que estão espalhados pelos trajetos escolares. As crianças apresentam alguns comportamentos que seguem tendências hegemônicas, quando se vestem de acordo com a moda e assumem tais características em suas atitudes. Conforme alegam os/as responsáveis, as crianças brincam pouco na rua em virtude da falta de segurança, porém, mesmo dentro de suas casas, estão expostas a um universo de informação adulta que oferece um perigo, embora diferente do físico, ou seja, o contato com conteúdos próprios de adultos. As mensagens eróticas estão intimamente ligadas ao estímulo ao consumo de produtos vendáveis e associadas à idéia de felicidade. Também trazem conhecimento e estímulos comportamentais específicos de poder e de força para meninos e de delicadeza e de sensualidade de mulher para meninas. Pais ou responsáveis legais estão demasiadamente ocupados com o trabalho, mesmo assim, apesar das dificuldades encontradas, muitos dos sujeitos investigados realizam ações contra-hegemônicas, no âmbito privado, para ressignificar seu dia a dia. A família, a escola, os clubes e várias outras instituições são micropoderes que atuam diariamente sobre a vida dos sujeitos. A banalização do sexo pela indústria do comércio, divulgada nos lugares da vida pública e da vida privada, precisa ser tratada com mais responsabilidade por parte dos/as adultos/as. As categorias da responsabilidade e da liberdade estão intrinsecamente ligadas. O respeito aos direitos dos cidadãos, na promoção de maiores níveis de liberdade

para adultos e de crianças, precisa ser disseminado para que seja construída uma sociedade menos individualista, que cuide da formação das crianças para que elas não se tornem adultas antes do tempo. O que é próprio da vida privada ou íntima e o que é o papel do indivíduo na vida pública merece ser melhor definido a partir da responsabilização dos sujeitos. Já existem leis de contenção da erotização infantil que regulam o uso das publicidades e dos programas televisivos no Brasil e no exterior. Esse mecanismo precisa ser divulgado e usado pelos sujeitos no cotidiano contemporâneo.

Palavras-chave: Erotização precoce. Mecanismos de poder. Adultização. Direitos da criança. Vida pública. Vida privada.

PATERNO, K.A.V. **A Invasão da Erotização do Adulto no Mundo Infantil: micropoderes na vida pública e privada.** PG 220f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Profa. Dra. Verônica Regina Müller. Maringá, 2010.

ABSTRACT

The sexualization of children is the object of this research study, whose main objective was to uncover social mechanisms that drive the standardization of the sexualization of children in the city environment. The qualitative study involved a literature part of historical, sociological and anthropological based on Foucault. On the field trip was intended to ascertain the activities of children and adults responsible for them and the time spent daily in those actions. The study included 30 children, ages 9 to 11 years and a legal guardian for children in the city of Cascavel, PR. In addition to a questionnaire-clock, there were pictures of eroticizing materials, interviews and the search for Orkut of kids surveyed. The results indicate that a major mechanism of social construction of the normalization of the sexualization of childhood, for the subjects investigated are the media and the content served through television sets. Another device is the internet, where children can be anyone, even say you are older. There are also erotic content available in the eyes of many subjects, including children, in pamphlets distributed in the streets, newsstands and billboards, which are scattered throughout the school trips. They have some childish behaviors subsequent hegemonic tendencies, when they dress according to fashion and assume such characteristics in their attitudes. As the claim responsible, the little children play in the street because of lack of security, but even within their homes are exposed to a world of adult information, offering a different physical danger, or contact with own adult content. The messages are closely linked to erotic stimulation of the marketable product consumption and the associated idea of happiness. They also bring knowledge and behavioral stimuli specific power and strength for boys and delicacy and sensuality of women for girls. Parents or guardians are too busy with work, but despite the difficulties, many of the subjects investigated counter-hegemonic actions performed in the private or public to reframe their day to day. The family, school, clubs and various other institutions are working micropowers daily on subjects' lives. The trivialization of sex trade industry, published in places of public life and private life, must be treated with more responsibility on the part of adult. The categories of responsibility and freedom are inextricably linked. Respecting the rights of citizens, in promoting greater levels of freedom for adults and children, must be disseminated to the construct of a less individualistic society, which attends to the education of children so they do not become adults before their time. What's own privacy or intimate and that is the individual's role in public life deserves to be better defined from the accountability of individuals. There are already laws to curb child eroticism that regulate the use of advertisements and television programs in Brazil and abroad. This mechanism needs to be disseminated and used by subjects in contemporary everyday life.

Keywords: sexualization of children, the mechanisms of power, children's rights,
public life and private life.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Questionário-relógio (criança).....	34
Imagem 2: Questionário-relógio (responsável).....	35
Imagem 3: Foto <i>Outdoor</i>	51
Imagem 4: Imagem de várias marcas de cerveja.....	55
Imagem 5: Capa Menininhas.	61
Imagem 6: Capa Menininhas	62
Imagem 7: Capa <i>Hi Girls</i>	62
Imagem 8: Capa Fadas	63
Imagem 9: Capa <i>Dog Patrol</i>	65
Imagem 10: Capa <i>Skull</i>	66
Imagem 11: Capa Batman Tilibra.....	66
Imagem 12: Capa Bem 10.....	67
Imagem 13: Foto Estojos Jolie.....	69
Imagem 14: Foto Mochila <i>Dog Patrol</i>	70
Imagem 15: Foto Mochila <i>Helo Kitty</i>	70
Imagem 16: Imagem Faustão	73
Imagem 17: Imagem Gugu.	74
Imagem 18: Capa <i>Videogame Call of Duty</i>	79
Imagem 19: Foto de criança posando para <i>Vogue Paris</i> retirada da internet	83
Imagem 20: Foto <i>Outdoor</i>	86
Imagem 21: Foto Banca	87
Imagem 22: Foto Banca	87

Imagem 23: Foto Capas de revistas/externo de bancas.....	88
Imagem 24: Foto <i>Outdoor</i>	88
Imagem 25: Foto Bar próximo da escola	89
Imagem 26: Foto Bar próximo da escola	90
Imagem 27: Foto Shopping e <i>Outdoors</i>	90
Imagem 28: Foto <i>Outdoor</i>	91
Imagem 29: Foto Restaurante e Revenda de bebidas	91
Imagem 30:..Foto <i>Outdoor</i> New York	99
Imagem 31: Foto <i>Outdoor</i> New York	100
Imagem 32: Foto publicidade retirada da revista	115
Imagem 33: <i>Outdoor</i>	125
Imagem 34: Scanner Lei nº 16486/1	127
Imagem 35: Scanner Lei nº 1233/10.....	129

Lista de Siglas

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBARP – Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária

CDC – Código do Consumidor

CONAR – Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EDUCERE-PUC – Evento acadêmico e científico organizado pela Graduação e Pós-Graduação em Educação da PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PRB – Partido Republicano Brasileiro

PSB – Partido Socialista Brasileiro

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

UNIPAR – Universidade Paranaense

MTV - era originalmente acrônimo de *Music Television*

CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	O INTERESSE PELA EROTIZAÇÃO PRECOCE	12
1.2	A EROTIZAÇÃO PRECOCE A SER DESVENDADA: princípios teórico-metodológicos	15
1.2.1	Comportamento Humano, Verdades e Poderes	16
1.2.2	A Sexualidade na Infância e o Consumismo	21
1.2.3	A Infância em Tempos sem Tempo	27
1.2.4	A Ida a Campo	31
1.2.5	Questionário-Relógio: uma maneira de materializar o tempo gasto no cotidiano	32
2	RUMO À DIVERSIDADE DA CULTURA DA INFÂNCIA	38
2.1	A CRIANÇA E AS DIFERENTES INFÂNCIAS: o controle do sexo, dos corpos das crianças e dos adultos	38
2.2	A CRIANÇA E A ADULTIZAÇÃO NA ATUALIDADE	49
2.3	DISPOSITIVOS DE NORMALIZAÇÃO DE PENSAMENTOS E COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	53
2.3.1	As Máquinas como Companheiras	71
2.3.2	<i>Outdoors</i> , Bancas e Revistas, Panfletos, Músicas, Materiais Escolares, Roupas	85
3	A EROTIZAÇÃO NO LIMIAR DA VIDA PÚBLICA E DA VIDA PRIVADA	93

3.1	UM POUCO DE CIVILIDADE: relações entre vida pública e vida privada	93
3.2	DAS SUBJUGAÇÕES DO MARQUÊS DE SADE ÀS INCORPORAÇÕES SUTIS DA ATUALIDADE	101
3.3	O PRIVADO E O ÍNTIMO: a casa, a mulher, a família e a erotização	105
4	MECANISMOS LEGAIS PARA A DESCONSTRUÇÃO DA EROTIZAÇÃO DA INFÂNCIA	120
4.1	AS LEIS: o Brasil e outros países	120
5	SÍNTESE CONCLUSIVA PARA NOVOS COMEÇOS	131
	REFERÊNCIAS	139
	ANEXOS	149
	APÊNDICES	160

1 INTRODUÇÃO

1.1 O INTERESSE PELA EROTIZAÇÃO PRECOCE

Há algum tempo fui instigada a estudar as questões pertinentes à infância. A partir da palestra intitulada “A infância e a Educação”, do professor Arroyo, no ano de 2001, em Cascavel, o interesse se intensificou. Ele sugeriu a leitura do livro “O Desaparecimento da Infância”, de Neil Postman (1999), que li e aguçou minha curiosidade sobre o assunto.

Em 2003, concluí uma pós-graduação em Educação Infantil, com trabalho monográfico intitulado “O (des)aparecimento da infância”, e, em 2007, uma pós-graduação em Fundamentos Filosóficos, com estudo relativo à linguagem e à infância.

Interessam-me, desde então, as problemáticas relativas às crianças, sempre considerando que algo mais pode ser feito por quem é responsável por elas, pois assumimos, com Müller (2007), que existem várias infâncias construídas e modificadas historicamente. Quando partimos com o olhar da história como processo em movimento e nela a existência de diversidades culturais, ampliamos nossa compreensão dos acontecimentos do mundo infantil.

Neste início do século XXI, entre tantas características culturais urbanas, a erotização da infância tem se evidenciado. Minhas preocupações a respeito surgiram das observações do comportamento da população infantil na escola onde sou professora concursada pelo município de Cascavel. Atuo no Ensino Fundamental - séries iniciais, crianças com idades aproximadas entre 4 e 10 anos, desde 2003.

Houve um evento em especial que motivou a pesquisa. Ocorreu em virtude de uma apresentação na escola, quando na época era diretora e, ao ser chamada para apreciar o ensaio de dança de uma das turmas (crianças entre 8 e 9 anos), verifiquei que a música e a coreografia utilizadas demonstrava abundante incitação erótica, o que me parecia ser mais próprio para adultos.

Outro fato que chamou a atenção foi que somente meninas compunham o grupo de dança. Os meninos não quiseram participar e justificaram “[...] que

elas estavam em maior número e escolheram uma música que não é o gênero que eles curtem” (PATERNO; MÜLLER, 2010, p. 7).

[...] As meninas dão os primeiros passos ao som da música *Lloraras Por Mi*, [...] Provavelmente o ritmo “caliente” tenha seduzido as meninas, pois logo dançavam e gesticulavam, com muita sensualidade. A dança era insinuante, rebolados, um sobe e desce, mãos que passeavam pelo corpo e gestos mais obscenos, que faziam entender a que se destinavam (PATERNO; MÜLLER, 2010, p. 7-8 – grifo das autoras).

O jogo de sensualidade envolto nos movimentos eróticos da coreografia provoca um estado de alerta pela linguagem sexual contida naquela prática e, principalmente, por ser realizada por crianças, que reproduzem publicamente o mundo erótico do adulto sem a dimensão de seu significado.

Os estudos relativos à erotização infantil são recentes. Os assuntos sobre a sexualidade ainda provocam muitas discussões, pois a maneira como ela é vista e propagada na sociedade depende da época, da cultura envolvida e, ainda, das simbologias conceituais reelaboradas individualmente.

Em busca realizada no portal da biblioteca da UEM – Redes Scielo (agosto – novembro/2010), no método de pesquisa integrada – periódicos/artigos no Brasil, não encontramos nenhum título com as palavras erotização precoce, erotização infantil, sexo na infância.

No banco de dados da Capes, localizamos (agosto, 2010), em estudos de mestrado na última década, seis trabalhos que abordam a mídia, a televisão, a maneira de vestir e as músicas que estão direta ou indiretamente ligados com a temática da erotização precoce. Na mesma fonte, nas produções de doutorado dos últimos dez anos, obtivemos somente um resultado de pesquisa feita a partir das expressões: erotização precoce, erotização infância, erotização criança.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (8/11/2010), encontramos quatro trabalhos relacionados com as palavras erotização infantil, dois como erotização precoce e três como erotização das crianças. A preocupação com a erotização das crianças como fator desencadeador de uma exacerbação da sexualidade infantil aparece em algumas produções de artigos apresentados em eventos como o Educere-PUC. Deste, vale citar, por

exemplo, “Os discursos da mídia, suas múltiplas leituras, como propulsora da sexualidade precoce e gravidez na adolescência”, de autoria da professora Vera Pagnussatti (2009), que ressalta sua inquietude com a temática e comenta que um dos resultados dessa precocidade poderá ser a gravidez de crianças.

No GT 23 (Grupo de Trabalho sobre Gênero, Sexualidade e Educação) e no GT 16 (Grupo de Trabalho sobre Educação e Comunicação), da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), observamos que, da 27^a à 33^a reunião anual, há evidências de escassas discussões sobre a erotização precoce ou infantil.

Quanto à erotização das crianças, ainda caminhamos na busca por estudos acadêmicos no Brasil, que visem conhecer o que os adultos e as crianças pensam a respeito desse assunto. Apesar de ser um tema interessante a investigar, não o fazemos nesta oportunidade.

Nosso trabalho de pesquisa foi realizado com a intenção de conhecer e entender melhor as influências na construção da erotização precoce para que, fundamentadas nesse conhecimento, pudéssemos pensar significados deste fenômeno em nosso tempo e ainda, formas concretas de interferir com eficácia na realidade. Partimos do entendimento de que não deve ser norma a erotização das crianças. Decidimos então responder à seguinte questão: – Quais são os mecanismos sociais que impulsionam a normalização da erotização precoce?

A questão direciona o trabalho para uma reflexão/ação no presente, o que nos interessa, já que acreditamos na possibilidade de mudança do *status quo*, quando utilizamos a ciência aliada ao sentido de humanidade para intervir coletiva ou individualmente na sociedade. Assim é que nos propusemos investigar que mecanismos sociais geram e retroalimentam a normalização da erotização da infância no ambiente das cidades da atualidade.

Esperamos que a investigação traga elementos para que possamos estabelecer enfrentamentos conceituais, políticos, legais e culturais que contenham e/ou revertam a construção da erotização da infância. Para contribuir, com o estudo bibliográfico e de campo, na busca por atingir o objetivo principal, elencamos os seguintes objetivos específicos: investigar a

respeito da história da infância no âmbito da sexualidade; identificar acessos e relações de crianças ao conteúdo erótico em seu cotidiano; relacionar os resultados investigados com a teoria de Foucault e com estudos sociológicos e antropológicos sobre a vida pública e privada.

1.2 A EROTIZAÇÃO PRECOCE A SER DESVENDADA: princípios teórico-metodológicos

Neste tópico explicitamos os fundamentos metodológicos da pesquisa, bem como detalhamos as estratégias da ida a campo e os instrumentos aplicados.

O cotidiano é o vivido, o fazer diário. Como diria Certeau (1998), são as artes de fazer – as maneiras de fazer, falar, ler, caminhar, comprar, cozinhar, etc., sem redução do sujeito ao simples fazer passivo, de disciplinarização, pois em concordância com o autor, acreditamos no potencial da subjetividade humana.

Certeau (1998, p. 273) lembra que “[...] é sempre bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas” e Souza Filho (2002, p. 3) complementa:

[...] no consumo dos bens culturais e materiais, existem sempre apropriações e ressignificações imprevisíveis, incontroláveis, modificadoras de pretensões previstas na origem, no planejamento, na idealização das coisas. As astúcias dos “consumidores” compõem uma “rede de uma antidisciplina” que, majoritariamente na vida social, quase sempre aparece como “resistência” ou inércia com relação às imposições sociais (grifos do autor).

Foucault (36ª ed. 2009) e Certeau,(1988) escrevem a respeito de inúmeras estratégias, diferentes dispositivos, jogos que provocam e tentam criar ou, talvez, moldar comportamentos. Ocorre que o ser humano pode desenvolver, sob certas condições, a capacidade de reelaborar o conteúdo recebido e jogar de acordo com as regras postas ou mesmo desobedecer ou transformar as mesmas regras, na busca de sentido para suas ações e no exercício de sua liberdade.

1.2.1 Comportamento Humano, Verdade e Poderes

A base teórico-metodológica foucaultiana sustenta as discussões a respeito dos mecanismos e das técnicas de poder que compõem os pilares analíticos deste estudo. Partimos do entendimento de que a construção do que é aceito como normal pelos adultos nas culturas da infância é fruto de tramados e entramados poderes que se tornam hegemônicos e adquirem estatuto de verdade, até porque as crianças estão sob os cuidados dos adultos.

As crianças, pelo menos nos seus anos iniciais de vida, são incapazes de sobreviver sozinhas, impondo o cuidado dos adultos, os quais, por isso, com elas contraem uma obrigação tendencial e progressivamente regulada de protecção jurídica e de defesa ante a vulnerabilidade constitutiva. As crianças, finalmente, possuem modos diferenciados de interpretação do mundo e de simbolização do real, que são constitutivos das “culturas da infância”, as quais se caracterizam pela articulação complexa de modos e formas de racionalidade e de acção.

Por isso a sociologia da infância costuma fazer, contra a orientação aglutinante do senso comum, uma distinção semântica e conceptual entre *infância*, para significar a categoria social do tipo geracional, e *criança*, referente ao sujeito concreto que integra essa categoria geracional e que, na sua existência, para além da pertença a um grupo etário próprio, é sempre um actor social que pertence a uma classe social, a um género, etc. (SARMENTO, 2005, p. 371).

A criança também participa da construção das culturas da infância, diferenciada pelo tempo e pelo espaço que ocupa. Sarmiento (2005) considera as crianças atores sociais, pois sua diversidade e alteridade centradas em ações reais permitem proceder leituras menos estereotipadas se comparadas a de muitos adultos já imersos nas práticas de consumo. A criança se relaciona com os diversos fenômenos da vida diária, sejam aspectos naturais ou produzidos pelos sujeitos – escolarização, diversão, trabalho, etc. –, com os poderes que cercam tais acontecimentos e participa ativamente da construção e reelaboração da vida social.

Para Foucault (1979), onde houver o outro, haverá relação de poder, ou seja, onde há relação, sempre há poder. Emaranhados nessas relações estão os jogos de verdade e ele entende por verdade

[...] o conjunto dos procedimentos que permitem pronunciar, a cada instante e a cada um, enunciados que serão considerados como verdadeiros. Não há, absolutamente, uma instância suprema (DES, 407). [...] O termo 'jogo' pode induzir a erro; quando eu digo 'jogo', digo um conjunto de regras de produção de verdade. Não é um jogo no sentido de imitar ou fazer a comédia de...; é um conjunto de procedimentos que conduzem a um determinado resultado, que não pode ser considerado, em função de seus princípios e de suas regras de procedimento, como válido ou não, vencedor ou perdedor (DE4, 725) (grifos do autor) (apud CASTRO, 2009, p. 421:423).

O poder está nas relações e em relação social na produção de verdades. Em seu livro "Microfísica do Poder" (1979) compreendemos a destituição do lugar institucional que teoricamente o poder ocupava até então. Foi necessário esse despejo do poder, ou seja, essa desapropriação, para relacioná-lo a diferentes saberes e formas de exercício que são imprescindíveis para sua sustentação. O poder, conforme o autor,

[...] deve ser analisado como algo que circula, ou melhor como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltipla e inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou estraçalhando-os. Efetivamente, aquilo que faz com que os corpos, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu. (FOUCAULT, 1979, p. 183-184).

O poder é relação e a partir dessas associações, também, se desencadeiam micropoderes¹ (instituições particulares, públicas, família, sociedade), situados dentro do macropoder que é o Estado, que são regidos por normas específicas e outras comuns.

¹ Micropoderes: são redes de minúsculos poderes que atuam sobre o social (família, instituições escolares, igrejas, sindicatos e outros).

O autor observa que o poder não tem um caráter unicamente repressor,

[...] pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz [...]. (FOUCAULT, 1979, p. 148).

O poder que se impõe e disciplina corpos também poderá ser utilizado como uma ação contradisciplinarizadora², pois seu conceito e resultado dependerão do objetivo de sua aplicação, porque está sempre em relação a algo ou a alguém, bem como com o macro e os micropoderes.

Um micropoder extremamente relevante é a escola, que, em muitos casos, não mudou muito com o passar dos séculos e continua, a seu modo, a produzir um certo adestramento de cérebros e dos corpos, pois boa parte do sistema educacional está voltado à visão neoliberal de uma educação para a aceitação de generalidades ou com especificidades restritas, voltado ao mercado de trabalho. Poderíamos dizer que há uma mecanização do sujeito, que, apesar de ser ativo, por vezes, em muitos aspectos se rende ao poder da normalidade.

O autor reconhece que a edificação da escola se configurou em um aparelho de vigia porque foi construído funcionalmente com tal fim e, como o esperado, produziu olhares disciplinarizantes, pois,

[...] a disciplina, ao sancionar os atos com exatidão, avalia os indivíduos “com verdade”; a penalidade que ela põe em execução se integra no ciclo de conhecimento dos indivíduos.

[...] a divisão segundo as classificações ou os graus tem um duplo papel: marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e recompensar [...].

[...] segundo suas aptidões e seu comportamento, portanto segundo o uso que se poderá fazer deles quando saírem da escola; exercer sobre eles uma pressão constante, para que se submetam todos ao mesmo modelo, para que sejam obrigados

² Contradisciplinarizador - termo usado por nós tendo como base o conceito de contra-hegemonia de Gramsci (GRAMSCI, A. **Cartas do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987).

todos juntos “à subordinação, à docilidade, à atenção nos estudos e nos exercícios, e à exata prática dos deveres e de todas as partes da disciplina”. Para que, todos, se pareçam. [...] a penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui. Em uma palavra, ela *normaliza* (FOUCAULT, 36ª ed. 2009, p. 175-176 – grifos do autor).

Não só a escola ou as instituições tendem a disciplinarizar os corpos infantis ou a construir normalizações, mas a família também contribui, quando recebe, apropria e transmite as mensagens com tendência doutrinadora. O cotidiano, em todas as suas abrangentes manifestações e composições, constrói ideias, desejos e comportamentos normalizadores, que são instaurados sutilmente devido à sua constância na vida da criança e na dos demais sujeitos.

O conceito de normalização, para Foucault (2001), tem relação com Canguilhem em “O Normal e o Patológico”, quando faz referência

[...] a um processo geral de normalização social, política e técnica, que vemos se desenvolver no século XVIII e que manifesta seus efeitos de domínio da educação, com suas escolas normais; da medicina, com a organização hospitalar; e também no domínio da produção industrial. E poderíamos sem dúvida acrescentar: no domínio do exército. [...] a norma não se define absolutamente como uma lei natural, mas pelo papel de exigência e de coerção que ela é capaz de exercer em relação aos domínios a que se aplica. Por conseguinte, a norma é portadora de uma pretensão ao poder. A norma não é simplesmente um princípio, não é nem mesmo um princípio de inteligibilidade; é um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado. [...] a norma traz consigo ao mesmo tempo um princípio de qualificação e um princípio de correção. A norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação, a uma espécie de poder normativo. (FOUCAULT (1974-1975), 2001, p. 61-62).

A norma “[...] refere os atos e as condutas dos indivíduos a um domínio que é, ao mesmo tempo, um campo de comparação, de diferenciação e de regra a seguir” (CASTRO, 2009, p. 310). A normalização pode ser considerada um fim do funcionamento e das finalidades do poder. Aqueles que não se adequarem às normas poderão ser considerados anormais, pois não estão adaptados às condições socialmente sugeridas.

Um exemplo está nas questões de gênero³, a respeito da sexualidade dos sujeitos, quando algumas pessoas consideram os não heterossexuais como anormais, indicando que o normal seria não ter outras orientações sexuais. Cabiceira (2008, p. 22), fala do binarismo de gênero, que

[...] a restringe e enquadra em uma única identidade – a heterossexual – considerada aceitável e “natural” para se viver “os prazeres do corpo”, como a define Foucault. Opondo-se a essa identidade heterossexual, considerada normal, se constrói a identidade considerada desviante e anormal – a homossexualidade –, de modo que são ignoradas as diversas e múltiplas possibilidades de sentir, desejar, imaginar e vivenciar os prazeres corporais. (grifos da autora).

Muitas técnicas de poder são utilizadas para que verdades se normalizem. Para Foucault (1979), técnica diz respeito às estratégias práticas, procedimentos inventados pelos sujeitos, os meios para chegar a um determinado fim. Na sociedade contemporânea de consumo, geralmente, o ponto de chegada é o lucro.

Na cultura do consumo, em que a criança está exposta a uma diversidade de produtos disseminados por meio de publicidades, ela poderá estar sujeitada por uma biopolítica constitutiva de um modelo de comportamento pensado como hegemônico. Foucault (2008, p. 431) entende, por biopolítica,

[...] a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças... Sabe-se o lugar crescente que esses problemas ocuparam desde o século XIX e que desafios políticos e econômicos eles vêm constituindo até hoje.

Para Gadelha (2008), a biopolítica surge com objetivos de gerir e controlar o “corpo-espécie da população”, sua maneira de viver, o controle de natalidade e mortalidade, o lazer e a vadiagem, a segurança pública e outros relacionados aos acontecimentos sociais.

³ Mesmo apoiando a defesa do gênero feminino e masculino na escrita das palavras, optamos por não usar o símbolo @ como têm defendido alguns autores, por não existir ainda uma solução gramatical para a conjugação das palavras subsequentes, pois nem sempre se consegue adequar o uso da @ com a terminologia correta da língua portuguesa.

Castro registra em seu livro “Vocabulário de Foucault”, que

[...] a biopolítica estuda fenômenos de massa, em série, de longa duração [...] a biopolítica persegue o equilíbrio da população, sua homeostase, sua regulação (CASTRO, 2009, p. 59-60).

Entende-se, então, que a biopolítica poria uma organização no cotidiano dos sujeitos. Ela pode orientar dinâmicas que contribuam para minimizar ou até para conter a exacerbação da erotização da criança, da infância.

O fato de quisermos colocar a erotização no seu devido lugar, o do adulto, não significa que defendamos uma visão moralista sobre a questão, e sim um olhar de cuidado, um olhar que percebe a criança como um sujeito com características naturais (ser biológico) e culturais próprias e em transformação. A criança é um ser político, pois está inserida e em relação na sociedade que hoje se apresenta coisificada, e precisa ser transformada.

Se as práticas diárias influenciam a coletividade e a produção de culturas, entendemos que está havendo a construção de uma sexualidade precoce que invade o mundo infantil, em virtude dos inumeráveis mecanismos à disposição expostos no dia a dia dos sujeitos, sejam adultos ou crianças.

1.2.2 A Sexualidade na Infância e o Consumismo

A invasão da sexualidade do adulto no domínio infantil é motivo de preocupação de vários profissionais das áreas afins, como, por exemplo, da psicóloga clínica Sonia Thorstensen (1999), que participa de um projeto que procura orientar os sujeitos infantis, adolescentes e jovens sobre as possíveis consequências de se deixar levar pelas seduções da sociedade do consumo, principalmente as relacionadas ao sexo. Ela observa que “[...] a criança possui uma sexualidade com características diferentes da sexualidade adulta, porque ela ainda não organizou todos aqueles impulsos e impressões eróticas dispersas, num todo coerente” (THORSTENSEN, 1999, p. 1).

A palavra sexualidade deriva de sexo, tem qualidade de sexual, conforme o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (2008, p. 1179). Estudos recentes sobre o assunto mostram que

[...] o tema dominante da sexualidade nos últimos sessenta anos da história mundial envolve um comprometimento e um empenho cada vez maiores com a concepção do sexo como recreação e fonte de prazer; embora nem de longe tenha desaparecido, o sexo com fins procriativos ficou em segundo plano. Essa foi a maior mudança com relação aos padrões característicos, e muitos dos códigos predominantes, do período agrícola. Foi uma mudança que também resolveu parcialmente – mas não integralmente – algumas das tensões que haviam surgido nos dois séculos anteriores a 1950, quando definições cada vez mais rigorosas de responsabilidade sexual enfrentaram mudanças comportamentais efetivas. A cultura pública tornou-se cada vez mais sexualizada (STERNS, 2010, p. 231).

O sexo acompanha o sujeito desde o início de sua existência, porém, para a humanidade, a sexualidade começa a ser concebida a partir do período agrícola na Pré-História, que, em conformidade com esse autor, começa

[...] por volta de 9000-8000 a.C. na região do mar Negro e Mesopotâmia, e logo se espalhou para o norte da África, partes da Índia e partes do sul da Europa. [...] Mas nem todos os grupos humanos se converteram. Em muitas regiões continuaram existindo agrupamentos dedicados à prática da caça e da coleta, às vezes incrementada com algum cultivo de grãos. Surgiram também sociedades nômades de pastores, calcadas na domesticação de animais como cavalos, gado bovino e camelos. Nesses casos, padrões sexuais estabelecidos anteriormente continuaram em vigência sem grandes alterações. [...] Os padrões agrícolas de sexualidade refletiam um novo conjunto de necessidades e oportunidades econômicas, e os efeitos demonstram o quanto a sexualidade humana pode se tornar flexível em face de novas conjunturas. [...] Mesmo hoje, quando as sociedades agrícolas ensejam condições mais urbanas e industriais, continuam perdurando resquícios e tradições nevrálgicas da sexualidade, o que faz com que o movimento na direção dessas formas sexuais características seja mais do que apenas uma questão de interesse histórico. (Idem, 2010, p. 29).

Apesar de esse autor mencionar a falta de registros mais contundentes acerca das questões relativas ao sexo e à sexualidade humana, explica que se pode ter uma ideia de como ela se constitui historicamente, bem como a economia pode influenciar condutas sexuais atreladas a uma visão que beneficie o comércio. Na atualidade registramos a erotização precoce como estímulo para produzir ou provocar comportamentos próprios ao consumo das

crianças, ou seja, o sexo e a sexualidade humana se tornam vendáveis. Mas a venda do sexo não significa o mesmo para adultos e crianças.

As crianças ainda não possuem condições para lidar com o coito, o ato sexual que é próprio do adulto, principalmente pela imaturidade infantil e por estar ligado à reprodução. O sujeito em formação ainda não possui conceitos elaborados para promover a análise crítica da possível indução de um comportamento sexualizado, principalmente quando este estiver atrelado a fatos comercializáveis. Ou seja, além da restrição do conhecimento, devido à pouca idade, as crianças apresentam pouca, ou nenhuma, característica física própria dos adultos, que são os que tem poder para instigar comportamentos repetitivos associados a uma indústria do prazer com objetivo/fim relacionado ao lucro.

A criança fica no entremeio das ações dos mais velhos, propensa a seguir seus passos, mesmo que ela seja considerada invisível (SARMENTO, 2005) enquanto ser humano e, por outro lado, é vista com relevância na formação de conceitos neoliberais, pois

[...] na sexualização da infância, o sexo está automaticamente presente, mas fisiologicamente ausente; presente em sua atividade, mas reprodutivamente ineficiente; presente em suas manifestações, mas ausente em seus efeitos. (CASTRO, 2009, p. 402).

Rebeca Ortiz escreve, para o site Vanitatis, que uma menina de dez anos havia dado à luz a um filho em novembro de 2010 – parto normal –, em Jerez de La Frontera, na Andaluzia (Espanha). Rebeca suscita uma discussão, pois “[...] la edad en la que los jóvenes se inician en las relaciones sexuales se há adelantado [...] y cada vez comienzan a interesarse o a mostrar conductas como la coqueteria o el intento de seducción a menos edad”.

Existem muitos casos, de diferentes práticas sexuais, espalhados pelo mundo. Alguns não são interpretados como abuso ou como violação dos direitos da criança, de acordo com as expressões culturais próprias a cada etnia. O fato citado é um exemplo de aceitação, de uma normalidade, pois Abel Coelho de Moraes escreve que “[...] tratar-se de uma menina de origem romena, que ‘vivía no seu país com o namorado’, também menor [...]” e a mãe da

menina estaria muito satisfeita com o nascimento da neta, porque “[...] os partos de menores ‘são muito comuns’ no seu país, independentemente de se tratar ou não de casos de puberdade precoce [...]”. Ou seja, há diferentes entendimentos, conceitos, do que denominamos por infância e criança, quando aumentamos o leque de análise para a diversidade cultural, o que faz a temática apresentar-se como polêmica.

O assunto é complexo (MORIN, 2000). Não pode ser tratado com ligeireza, sob pena de correr o risco de ser interpretado como uma posição puritana das pesquisadoras. Não defendemos o retrocesso aos costumes da Idade Média, que pregava o sexo como um mal que necessitava de controle (BRAUNSTEIN, 2009), nem à Idade Moderna, que começou a tratar o sexo como algo velado, dando início a outro tipo de controle, a “pedagogização⁴ do sexo da criança”, como ressalta Foucault (1988), ou ainda como na Antiguidade, época de poucas contenções, ao mesmo tempo em que de bastantes privações para alguns.

Nosso tempo, o início do século XXI, e lugar, o mundo civilizado, parte do princípio de que a liberdade é um fundamento que deve ser respeitado. Para tanto é necessário esclarecer que conceito de liberdade assumimos, pois partimos de um fundamento ético quando anunciamos que algo está errado na formação das crianças. Os adultos responsáveis por gerir as condições de vida das pessoas precisam considerar as crianças como sujeitos de direitos e julgamos que em várias situações, elas não são respeitadas em seu direito de ter infância e também de exercer sua cidadania. Acreditamos que é negada a liberdade quando lhes são impostas mensagens adultas de sexo e de comércio, em espaços públicos ou privados, veladas ou explícitas.

Precisamos esclarecer como entendemos essa liberdade, porque, conforme Bobbio (1992), não há um conceito correto do que seja liberdade, mas todas as pessoas, empresas, instituições, trabalham com um conceito de liberdade. Não podemos impor nosso conceito de liberdade, mas é possível

⁴ *Pedagogização do sexo da criança*: dupla afirmação, de que quase todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual; e de que tal atividade sexual, sendo indevida, ao mesmo tempo “natural” e “contra a natureza”, traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais; as crianças são definidas como seres sexuais “liminares”, ao mesmo tempo aquém e já no sexo, sobre uma perigosa linha de demarcação [...]. (FOUCAULT, 1988, p. 115, grifos do autor).

considerar que alguns desses conceitos não estão em acordo com o que concebemos como liberdade.

Bobbio (1992) apresenta pelo menos dois tipos de liberdade, a negativa e a positiva. A liberdade negativa é aquela do liberalismo, que praticamente não proíbe nada e deixa os sujeitos livres para galgarem seus êxitos econômicos e individuais. Cada um pensa em si e isso é um estímulo ao individualismo, porque a pessoa é levada a se preocupar somente consigo e desconsiderar as coisas relativas ao coletivo.

A liberdade positiva, ou até chamada democrática, é aquela que leva em si um princípio ético do entendimento, primeiro de que há uma coletividade, com a qual os sujeitos estão em relação, e que precisa haver um consentimento para as realizações das ações, onde uma não fira o direito da outra, atuando como autorregulação individual e coletiva.

Ela se tornará mais positiva quanto mais proporcionar a participação dos sujeitos e é nesse conceito de liberdade que nos encontramos, pois a liberdade só existirá assim, quando grupos e indivíduos se sentirem, o mais possível, livres para exercer sua cidadania. Então a liberdade é contemplada quando o direito de todos é respeitado e a justiça, como bem maior, se estabelece.

Complementando, a liberdade foucaultiana trata da dissolução do sujeito alienado, dócil, adestrado, que, a partir do contato com o conhecimento, será “[...] liberado de todas as determinações das quais ele não era dono, que ele possa, graças a esse conhecimento que tinha dele mesmo, voltar a ser ou converter-se pela primeira vez em senhor e dono de si mesmo” (apud CASTRO, 2009, p. 246).

O conhecimento é algo fundamental para o sujeito ter condições de eleger um caminho ou outro. Autores da linha crítica reforçam que só o conhecimento não é suficiente, e sim, o conhecimento crítico. Observamos, porém, que, como existe a possibilidade do conhecimento libertar o sujeito das artimanhas do poder repressor, há com o conhecimento outra opção, a de ele dominar, pois o que está em jogo, muitas vezes, é o resultado, o fim ao qual serve – o de proporcionar uma certa autonomia ou de regular e conter práticas antidisciplinares, com objetivo de manter a hegemonia dominante.

A partir dessas reflexões, compreendemos que existem graus de liberdade, pois Bobbio (1992) vai além, quando menciona uma autonomia, referindo-se à liberdade de vontade. A liberdade precisa estar acompanhada pela responsabilidade, ou seja, não existe plenitude, liberdade pura e total. O que se pode desfrutar são níveis de liberdade. Vemos então que, inerente ao conceito de opção orientada pelo conhecimento crítico, a liberdade vem acompanhada de uma postura ética, a da responsabilidade.

A sociedade de controle utiliza-se de perspicazes estímulos que provocam o desejo de posse do que é ofertado junto com uma sensação de liberdade de escolha e de felicidade. Essa liberdade é cerceada sem que se sinta o limite do cerceamento. Ou seja, a pessoa opta por algo que acredita ter selecionado para satisfazer sua necessidade, porém essa escolha, muitas vezes, é fruto dos dispositivos de disciplinarização. Eles estimulam, controlam e muitas vezes limitam as opções dos sujeitos.

A falta de liberdade se torna opressão, diz Bauman (2000), quando as pessoas são forçadas a agir contra a vontade e sofrem, portanto, por não serem capazes de se portarem conforme seus desejos e terem que realizar o que não fariam por vontade própria. Observa, contudo, o autor que nem toda falta de liberdade é sentida e vivida como opressiva; pois, com bastante frequência, a obediência às regras e aos comandos que os sujeitos/autores não formularam nem escolheram não causa nem aflição nem lamento, mas eles não escolheram aquilo.

O referido autor menciona que a liberdade só pode ocorrer na coletividade, em relação com os outros, pois não se pode oprimir o outro para fazer uso da própria liberdade. A insistência em promover uma erotização precoce de cunho comercial é, para nós, uma opressão que limita o exercício da liberdade de escolhas inerente a cada sujeito, pois, para Bakunin (1871), a liberdade consiste “[...] *in the fullest development of all the faculties and powers of every human being, by education, by scientific training, and by material prosperity*” (no pleno desenvolvimento de todas as faculdades e poderes de cada ser humano pela educação, pela formação científica e pela prosperidade material).

O sujeito tem a responsabilidade de exercer sua liberdade sem ferir o direito do outro, bem como de manter-se alerta às questões políticas e sociais tangíveis que exercem, na sutileza, empobrecimento da subjetividade humana e reforçam uma hegemonia da docilidade, aceitação e, possivelmente, da submissão tanto dos mais experientes como das crianças.

As sugestões, geralmente advindas do mundo adulto, que são absorvidas pelas crianças interferem na cultura da infância, promovendo modelos de comportamentos sociais adequados para o *status quo*, porém, como Jipson e Reynolds (2004, p. 375) registram, os “[...] adultos nem sempre sabem o que as crianças querem ou necessitam”. Há adultos, empresas, instituições, governos que não se importam com as crianças e outros que acreditam estar fazendo o melhor para elas, mas é necessário ouvir seus anseios, seus desejos, suas aspirações para, a partir desse conhecimento prover melhores condições à cultura da infância e, por sua vez, às crianças.

1.2.3 A Infância em Tempos sem o Tempo

A erotização precoce se vincula ao tempo de vida, que, para a criança, faz muita diferença. Concordamos com Sarmento (2005) quanto ao entendimento de que a infância é uma categoria geracional, própria da criança, construída de acordo com a cultura, – entendida aqui como acúmulo de conhecimentos das pessoas, que agem e interagem com os conceitos, valores, diversos saberes e fazeres. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal nº 8.069, de 13 de junho de 1990), no artigo 2º: “[...] considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”.

Alguns adultos e instituições ainda partilham uma visão de que a criança é aquela que não fala, não trabalha, não produz, não domina a razão – enfim, definido pelo que ele não é –, portanto não tem por que ser sujeito de sua história. A infância

[...] é, simultaneamente, uma categoria social, do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos activos, que interpretam e agem no mundo. Nessa acção estruturam e

estabelecem padrões culturais. As culturas infantis constituem, com efeito, o mais importante aspecto na diferenciação da infância. (SARMENTO, 2005, p. 25).

Schmiedt (2000) registra no vídeo “A invenção da infância”, a fala de algumas crianças pertencentes a diferentes classes sociais. Suas manifestações dizem respeito ao seu cotidiano. No caso, as crianças de classe social mais favorecida se queixam das inúmeras atividades (inglês, natação, balé, sapateado, informática, etc.) e as das classes mais desfavorecidas argumentam que precisam trabalhar para contribuir com o sustento da família ou para ter o seu dinheiro: “Se trabalhar a semana, ganho três reais para ajudar na feira de domingo e se forem três semanas, dá nove reais e já dá uma boa feira”, expressa um dos meninos participantes do documentário (idem, 2000).

As diferentes necessidades que influenciam a vida das crianças, criadas pelos maiores de idade, certamente farão com que a criança realize representações e simbolizações a respeito do mundo ao qual pertence. Então, criam-se mundos, identidades, personagens, etc., mas, principalmente, atores sociais (SARMENTO, 2002).

Sacristán (2005, p. 13:40: 43), escreve que

“[...] o *aluno*, como a *criança*, o *menor* ou a *infância*, em geral, são invenções dos adultos, categorias que construímos com discursos que se relacionam com as práticas de estar e de trabalhar com eles. [...] Um segundo grande traço da cultura que dota de significado os construtos de *menor* e de *criança* está ligado às crenças que os consideram adultos diminuídos, seres a caminho de conseguir a identidade adulta, carentes da plenitude de capacidades que a idade-meta tem.

[...] A *meninice* está associada, por um lado, a uma concepção linear de tempo, de etapas que se sucedem seguindo uma trajetória inexorável, cuja primeira e mais evidente manifestação é o processo de desenvolvimento biológico de caráter mais material (grifos do autor).

Com o passar dos anos, a criança já não está no tempo da infância, deixa essa fase para adentrar a adolescência e concluir o ciclo da vida enquanto adulta e idosa. A precocidade é um adiantamento no tempo, do tempo de deixar de ser criança.

É curioso constatar o que pensa a respeito do tempo o autor Norbert Elias (1998). Para ele, o tempo não existe, por isso é impossível que ele seja medido. Então, o que temos é uma ideia de tempo que referenciamos por meio de instrumentos fabricados pelos homens. Os relógios são

[...] instrumentos construídos e utilizados pelos homens em função das exigências de sua vida comunitária, é fácil de entender. Mas, que o tempo tenha igualmente um caráter instrumental é algo que não se entende com facilidade. Será que seu curso não se desenrola de maneira inexorável, sem levar em conta as intenções humanas? O uso linguístico também contribui para confundir o panorama, dando a impressão de que o tempo é aquele algo misterioso cuja medida é dada por instrumentos de fabricação humana, os relógios. (ELIAS, 1998, p. 9).

O tempo que conhecemos foi uma construção social modificada em concordância com as necessidades que as pessoas sentiam em se situar no tempo e no espaço. Criar instrumentos como o calendário para regular o tempo em dias, meses e anos é de fundamental importância, pois precisamos deles para saber o período de férias, a duração de um contrato e outros.

Está normalizado sermos regidos por um tempo medido e cada vez mais escasso. Estamos à mercê de um tempo profissional, de produção, que ocupa a maior parte do nosso dia, deixando poucas horas para o ócio. Ele nos devora, nos consome a cada instante, em medidas mínimas como as do *cronômetro*.

Procuramos situar o trabalho em meio à complexidade a que o tempo remete, pois, para esta pesquisa, no tempo presente, o relógio, foi de extrema utilidade por permitir a visualização e a quantificação do tempo gasto nas atividades cotidianas. A organização do tempo tem sido de incalculável importância para as determinações do mundo em geral e também em âmbitos particulares. A linguagem do tempo tem colocado a humanidade em conexão, e assim pode funcionar como um dispositivo controlador da vida humana.

As instituições da sociedade de consumo utilizam o tempo em sua máxima possibilidade, pois o que pode ser medido pode ser controlado (FOUCAULT, 1979). A partir da ideia do autor, assumimos, por princípio

argumentativo, que o tempo tem sido uma categoria essencial para o condicionamento da vida de algumas crianças.

É na incerteza que alimentamos a esperança do diferente, da reformulação, do fazer/dizer não à dominação, pois há uma brecha para que algo novo ou reelaborado aconteça de acordo com as reinterpretações pessoais em seu tempo e espaço.

O mundo infantil que acompanhamos na atualidade nos mostra que muitas crianças são privadas do tempo, de fazer uso dele *ao seu tempo*, do tempo de ser criança. A criança tem sido desrespeitada pelas práticas de lógica prioritariamente consumista. Ela tem direito de ter infância, ou seja, de desfrutar da cultura infantil não destituída de humanidade (FREIRE, 1987). Para que o ser humano se humanize, é necessário tempo. Suas potencialidades humanas se desenvolvem somente no exercício da experiência que não lhe pode ser usurpada.

Há uma aparente contradição nas bases expostas que precisa, de imediato, ser encarada e esclarecida. Pelo argumento trazido, o ser humano, por um lado, não é resultado automático das influências do meio, pois tem condição para ressignificar as mensagens; por outro, preocupa-nos que as crianças estejam sendo influenciadas por mecanismos da sociedade consumista. O leitor poderá se perguntar: – Se as crianças podem ressignificar as mensagens que lhes chegam, essa preocupação não é indevida?

Não é. A criança ressignifica um conteúdo sempre a partir do seu próprio acervo de conhecimento. As crianças precisam de opções qualitativas para que possam realizar suas reflexões e significações. Assim, por exemplo, quando a criança faz de conta que um galho de árvore é uma flecha, já conhece o que é flecha e o que a verdadeira tem potencial de realizar, como machucar e até matar. Ela também poderá relacionar o baldinho de areia em sua cabeça com um chapéu de polícia ou o capacete de um soldado, porque já sabe o que é um chapéu de polícia e um capacete de soldado.

Ela ainda, em relação à sexualidade, à erotização, ao consumo, está significando, pois é um ser em desenvolvimento (ECA, 1990). Como fenômeno biológico e cultural, a sexualidade depende de um desenvolvimento etário e de uma maturidade experiencial. A liberdade para exercer um pensamento crítico

sobre o tema só existirá à medida que se lhe ofereçam, na vida cotidiana, diferentes mensagens e de acordo com as possibilidades de compreensão da criança.

O compromisso de proporcionar qualidade de escolhas às crianças está ao encargo dos adultos, por isso sua responsabilidade é grande. A responsabilidade dos mais velhos com as crianças é com o tempo presente, não há como deixá-lo passar, porque deixarão de ser crianças, tornando-se também adultos. Essa responsabilidade, assim, está fadada a estar ligada ao tempo futuro, que estará composto de pessoas que, quando aprenderam a importância de considerar a criança em seu tempo e espaço, têm maior probabilidade de valorizar as conquistas de maiores graus de liberdade coletiva e individual.

Então, a qualidade de conhecimento e exemplos passados às crianças no ambiente familiar, institucional ou da cidade, são fundamentais para a construção de conceitos e para a reelaboração de outros.

1.2.4. A Ida a Campo

Para ampliarmos a visão a respeito da erotização precoce e significá-la de maneira mais substancial, estendemos os conhecimentos sobre o cotidiano das crianças, suas casas, seu mundo.

Por querermos ouvir crianças e seus responsáveis, decidimos pela praticidade do acesso. A população investigada⁵ se constituiu da turma da pesquisadora – 4ª série C, com crianças em idades entre 9 e 10 anos – pertencente a uma escola municipal situada no centro de Cascavel/PR⁶ e um responsável legal (por criança).

Além da apreensão das vivências das crianças, caracterizamos o tempo do adulto, responsável por ela, para posteriormente comparar os resultados da pesquisa do responsável com os da criança e analisar as respostas para

⁵ A entrevista com os responsáveis levantou as informações socioeconômicas das famílias e detectamos que 44% possuem renda familiar acima de cinco salários mínimos, 32% de três a cinco, 20% de um a três e 4% recebem até um salário mínimo. Desse universo pesquisado, 52% das famílias moram em residência própria, 28% alugada e 20% cedida.

⁶ Para saber mais sobre a cidade de Cascavel, consultar Apêndice I.

encontrar as brechas e, principalmente, se existe, entre esses dois tempos, inserida no mesmo espaço a inter-relação de conhecimentos e de experiências.

Para nos auxiliar na coleta dos dados e na visualização do tempo gasto pelos participantes em suas atividades, utilizamos um questionário-relógio, do qual falaremos e explicaremos sua elaboração e aplicabilidade, no próximo tópico. Além dele, ajustamos um questionário para conhecer a realidade socioeconômica das famílias e outro com perguntas sobre a infância da criança.

No estudo das vivências dos sujeitos investigados, focalizamos a atenção para descobrir a que tipo de imagens erotizadas as crianças têm acesso no trajeto diário – em passeios, na escola, nos lugares que frequentam e do que brincam, dentro ou fora de casa –, pois, como estão inseridas num mundo aos moldes adultos, provavelmente o que lhes chega é muita informação destinada aos sujeitos mais vividos. Então, fotografamos alguns trajetos percorridos pelas crianças e os instrumentos transmissores dessas mensagens, *outdoors*, bancas de revistas e materiais escolares.

As informações com as crianças foram coletadas em três dias de aula na própria escola. Já os pais/responsáveis, diferentemente, foram visitados no endereço que consideraram mais apropriados, e a entrevista foi em um único momento. A maioria deles foi entrevistada na própria residência e algumas mães fizeram a escolha de serem ouvidas no local de trabalho em virtude da otimização do tempo.

Gradativamente, na medida em que as respostas foram sendo registradas, também se foram confirmando alguns conceitos e outros, diversos, também surgiram. Um em especial diz respeito ao âmbito da vida pública e privada, pois concebíamos uma clara distinção entre esses mundos e, em virtude da pesquisa, percebemos uma aproximação dessas realidades que precisavam de um olhar mais atento aos sinais demonstrados.

1.2.5 Questionário-Relógio: uma maneira de materializar o tempo gasto no cotidiano

Para a pesquisa com as crianças e com o responsável adulto foi utilizado um questionário-relógio. Cada hora do questionário-relógio (de autoria

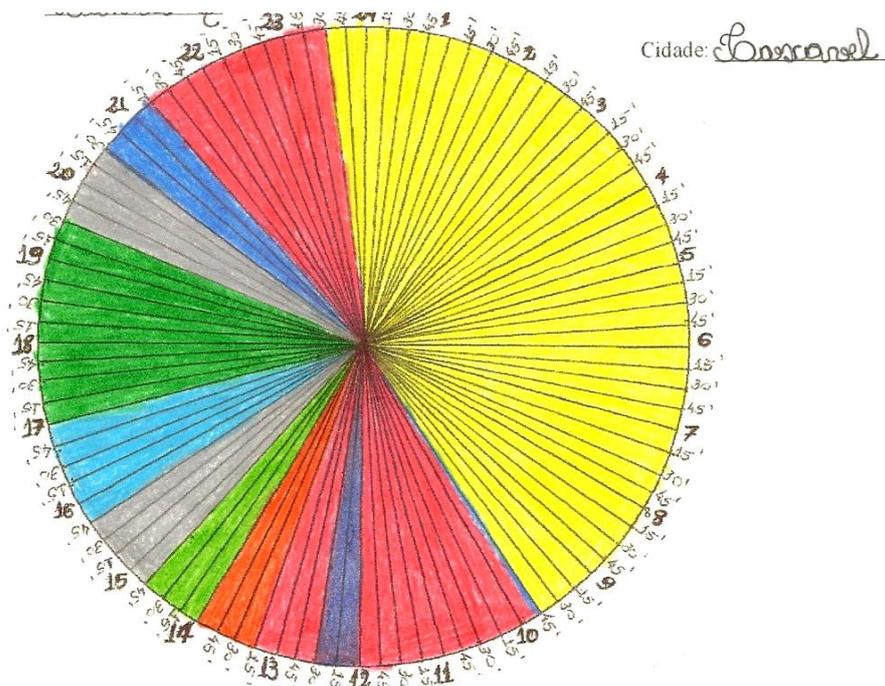
das pesquisadoras e modificado a partir do modelo oferecido pela professora especialista Maria Olívia da Cruz Macalós – APÊNDICE II), foi fracionada em quinze minutos, para representar o dia dos sujeitos envolvidos na investigação, pois ele tem por objetivo marcar o tempo que as crianças e os adultos, responsáveis por elas, gastam nas atividades cotidianas.

O primeiro contato com o relógio foi quando a professora Maria Olívia trabalhou com os pais, na escola em que uma das pesquisadoras era diretora. A aplicação do instrumento adaptado pela especialista teve o objetivo de fazer com que os pais percebessem o tempo que dedicavam aos filhos. A educadora disse ter feito uma adaptação a partir da simbologia do relógio, observado anteriormente em algum material, porém não recordava da fonte de pesquisa.

Com base naquele questionário-relógio, fizemos algumas modificações para ajustá-lo à nossa realidade, pois acreditamos que ele é de fundamental importância para, mesmo que parcialmente, conhecermos o cotidiano dos sujeitos envolvidos na pesquisa, pois o dia a dia da família diz muito sobre as ações das crianças. Ele foi elaborado para ser colorido com a cor indicada no horário que executa a atividade mencionada, e com perguntas que foram respondidas pelos/as pesquisados/as. Exemplo: a pessoa assiste a cinco horas de televisão no domingo. Como procedeu: coloriu com a cor indicada (vermelho), o horário e a quantidade de minutos ou horas que permanece em frente ao aparelho de televisão, depois assinalou X nos canais e escreveu no espaço aberto os programas a que assiste (Faustão, Gugu, filmes, Silvio Santos, Fantástico, seriados e outros).

O instrumento foi aplicado para um dia da semana e um domingo. Portanto, cada criança e cada adulto preencheram dois, somando um total de 120 questionários-relógios. Posteriormente, as informações foram contrastadas entre responsável e criança, para apontar possíveis divergências nas informações entre os questionários das crianças com as respostas dos adultos.

Como exemplo, apresentamos abaixo o questionário-relógio de um dia de domingo respondido por uma criança pesquisada:



Utilize as cores indicadas para colorir, referente um dia rotineiro de domingo:

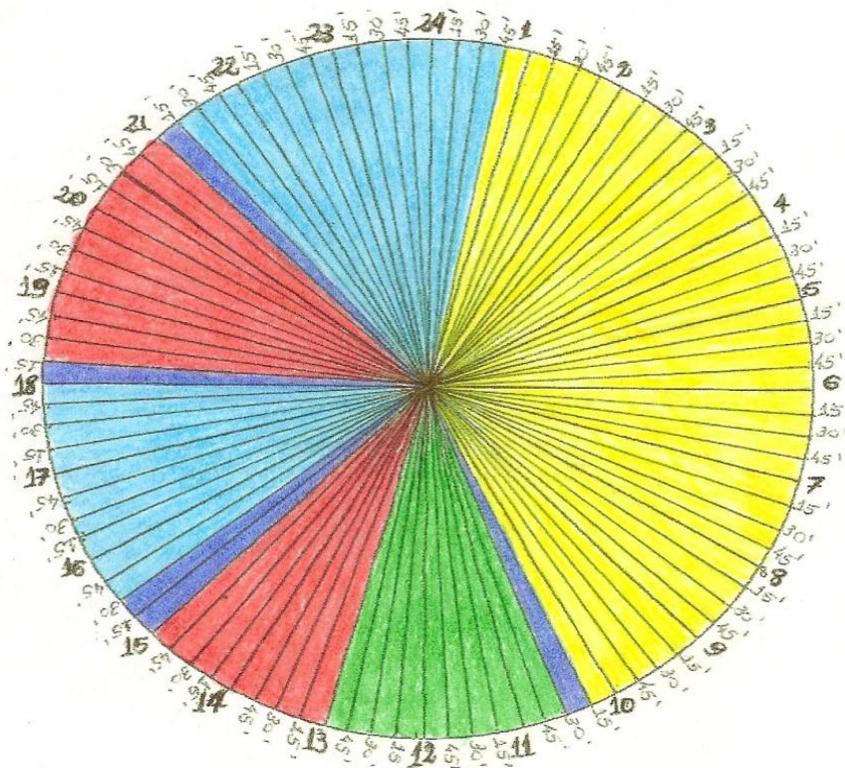
- Amarelo claro o tempo que você dorme;
- Azul escuro o tempo que você leva para realizar as refeições (café da manhã, almoço, lanche, jantar);
- Vermelho o tempo que você assiste TV e assinale abaixo o programa/canal que você assiste:
 - () TV Educativa
 - (●) Globo
 - () Record
 - (●) SBT
 - () Cartoon Network
 - Discovery Kids
 - () Outro – Qual _____
 Que programa você assiste? Domingo Legal, A Turma do Didi
- Cor de laranja o tempo que você brinca. De que você brinca? Video game
- Azul claro o tempo que você brinca com seus amigos: o que vocês fazem? Brincamos de esconde-esconde, pega-pega, esconde-esconde.
- Verde claro o tempo que você passa com seus pais: o que vocês fazem? Conversamos sobre a escola, sobre o dia de cada um
- Verde escuro o tempo que você realiza outra atividade que não foi mencionada. O que você faz? Trabalhos domésticos, cuidado do meu irmão menor, estudo
- Você tem internet? (●) Sim () Não
- Se você assinalou sim na letra h, responda: pinte de cinza o tempo que você utiliza conectado a rede. Geralmente que sites você acessa? Google, uol, discorery channel entre outros
- O que você gostaria de fazer de diferente no domingo? Por que você não faz? Nada

Imagem 1

O tempo materializado por meio das cores foi fundamental para a análise dos dados coletados. No questionário-relógio, o amarelo representa as horas de sono. O azul-escuro, período das refeições. O vermelho, horas em frente à televisão. Verde-claro, o tempo que passa com os pais ou responsáveis. Cor de laranja, para *videogame*. Verde-escuro, outras atividades não mencionadas na pesquisa. Cinza, horas no computador e internet. Azul-claro, brincadeiras

com amigos. A seguir, verificamos um domingo do responsável pela criança, respectivamente.

Questionário direcionado aos pais



Utilize as cores indicadas para colorir, referente um dia rotineiro de domingo:

- Amarelo claro o tempo que você dorme;
- Azul escuro o tempo que você leva para realizar as refeições (café da manhã, almoço, lanche, jantar);
- Vermelho o tempo que você assiste TV e assinale abaixo o programa/canal que você assiste:
 - TV Educativa
 - Globo
 - Record
 - SBT
 - Cartoon Network
 - Discovery Kids
 - Outro - Qual _____

Que programa você assiste? fantástico
- Cor de laranja o tempo que você brinca com seu filho. De que vocês brincam? _____
- Você possui computador? Sim Não - Se a resposta foi "sim", pinte de azul claro o tempo que você geralmente fica nessa atividade.
- Você possui Internet? Sim Não - Se a resposta foi "sim", pinte de azul claro o tempo que você permanece conectado a rede.
- Verde claro o tempo que você realiza outra atividade que não foi mencionada. O que você faz? _____
- O que você gostaria de fazer de diferente no domingo? Por que você não faz? passar, ir ao cinema. O poder aquisitivo não permite
- Escreva a hora que seu filho vai dormir no período da noite. meia-noite

Imagem 2

Algumas cores utilizadas possuem o mesmo significado do questionário-relógio da criança. Existem, também, algumas diferenças representadas por

perguntas e cores específicas, como, por exemplo: a cor laranja que, para as crianças, representa o *videogame*, para os adultos indica o tempo que brinca com o/a filho/a.

A pesquisa qualitativa (TRIVIÑOS, 2008) que realizamos envolveu uma parte em campo e outra, bibliográfica. Esta orientou a ida a campo e deu base teórica à interpretação dos resultados colhidos. Imersas no fenômeno estudado, necessitamos qualificar e quantificar nossas coletas e compreender o significado que o fenômeno adquire na atualidade.

A análise de conteúdo de Bardin (2008), utilizada para a interpretação dos dados, serviu para categorizar os resultados e facilitar sua visualização para melhor interpretação dos dados, pois essa técnica consiste em um conjunto de instrumentos metodológicos aplicados aos discursos registrados que vise identificar quais são os indicadores (estruturas/categorias) predominantes nas respostas dos participantes.

As respostas foram decompostas, categorizadas, para posteriormente quantificá-las e qualificá-las. O processo foi importante para reconhecer as características que emergiram, relativas ao tema central da pesquisa e procedermos a uma análise sequencial dos dados coletados, como explica Bardin (2008, p. 97; 116):

[...] a entrevista é dividida em sequências. Critérios semânticos (organização da sequência em torno de um tema dominante), [...].

Quando se faz análise de entrevistas, raramente é possível estabelecer uma grelha homogênea, devido à complexidade e à multidimensionalidade do material verbal.

Há duas possibilidades: ou assumir um ponto de vista geral e homogêneo, ou analisar alguns aspectos específicos, e as duas completam-se (grifos da autora).

Com a chegada gradual dos resultados da busca a campo, fomos construindo um organograma temático/conceitual. Ele serviu de orientação para a definição dos capítulos.

Depois desta Introdução se apresenta a segunda seção, que trata da diversidade e das diferentes culturas da infância construídas historicamente a

partir do controle dos corpos infantis e adultos, bem como da crescente adultização da criança envolta nas incitações eróticas e no consumo.

Na terceira seção, discutimos a erotização no limiar da vida pública e privada, a linha tênue que as separa ou, muitas vezes, as funde. Estudamos como a possível incidência de comportamentos eróticos diários tende a incorporar as vivências diárias e possibilitar uma (con) fusão entre o que é do âmbito público e do privado.

Como um mecanismo alternativo de contenção da publicidade erotizante, na quarta seção abordamos a discussão a respeito da legislação, que visa moderar os abusos e os excessos das diversas mídias e seus dispositivos disseminadores, que, por meio da publicidade, por exemplo, adentram os lares dos mais diversos sujeitos, inseridos nos diferentes contextos culturais e sociais.

2 RUMO À DIVERSIDADE DA CULTURA DA INFÂNCIA

Neste tópico trilhamos alguns dos diversos caminhos conceituais de infâncias produzidos culturalmente em determinado tempo e espaço, destacando que a criança tem estado sujeita à adultização e quais são os meios pelos quais ela recebe tais estímulos – dentro e fora de casa – que tendem a propiciar a incorporação de ações, de pensamentos, de desejos e de comportamentos de gente grande.

2.1 A CRIANÇA, AS DIFERENTES INFÂNCIAS E CONTROLE DOS CORPOS DAS CRIANÇAS E DOS ADULTOS

Procuramos evidenciar, neste tópico, a dinâmica dos entendimentos dos conceitos – que transitam da Idade Média para a Modernidade, até a contemporaneidade – de infâncias relativas a épocas diferentes, buscando apresentar como a criança urbana se constitui na atualidade e comentando a instituição de um controle dos corpos em relação à sexualidade adulta.

É no tempo atual que ocorrem as confrontações com a erotização⁷ precoce. Platão, em conformidade com a edição de 2004 (p. 69-70), relaciona o sexo ao amor e

[...] *é evidente que o amor é desejo*. Sabemos, porém que os que não amam também desejam os objetos que são belos. [...] em cada um de nós há dois princípios que nos governam e conduzem, e nós os seguimos para onde nos levam: um é o desejo inato do prazer, outro a opinião que pretende obter o que é melhor. Essas duas tendências que existem dentro de nós concordam por vezes, em outras entram em conflito, por vezes vence uma e por vezes a outra. Ora, quando a tendência que se inspira na razão é a que vence, conduzindo-nos ao que

⁷ A palavra erotização deriva da palavra erótico: *adj.* ‘relativo ao amor, sensual, lascivo’ XVI. Do lat. *Erōticus*, deriv. Do gr. *Erōtikós* / erotismo 1881. Do fr. *Érotisme* / **eroto**FOB.IA XX / **eroto**MAN.IA / 1844, *erotimania* 1873 / Cp. Gr. *Erōtomania* / **eroto**MAN.ÍACO 1899 / **erotó**MANO 1899(CUNHA. A. G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997).

Erótico (e.ró.ti.co) *adj.* 1. Relativo a erotismo. 2. Que desperta ou produz o desejo sexual: *fantasia erótica* (Dicionário Escolar da Língua Portuguesa – Academia Brasileira de Letras. 2. ed. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008).

é melhor, **238** chama-se a isso de temperança; quando, pelo contrário, o desejo nos arrasta sem deliberação para os prazeres, e é ele que predomina em nós, isso se chama intemperança. [...] Quando o desejo não é dirigido pela razão, esmaga em nossa alma o desejo do bem e só dirige exclusivamente para o prazer que a beleza promete, e quando ele se lança, com toda a força que os desejos intemperantes possuem, o seu poder é irresistível. Esta força todo-poderosa, irresistível, chama-se Eros ou Amor (grifos do autor).

Então, a partir dessa citação, poderíamos relacionar o erotismo com o amor, se não houvesse na contemporaneidade a forte incidência mercadológica que afeta esses conceitos, inclusive o de infância.

A infância é um conceito criado pelo adulto (MÜLLER, 2007) e continua a influenciar a vida das crianças, quando os mais velhos querem ditar, determinar muitas ações no mundo infantil e praticamente deixar a criança próxima de ser uma personagem e não sujeito da sua história.

Os caminhos que os sujeitos percorrem para deixar a infância são compostos por determinantes culturais próprias, como: etnia, gênero, as posições sociais e de cultura que cada criança integra, como escreve Sarmiento (2002, p. 12) e, por ser uma construção histórica e social, precisamos contribuir para que a criança tenha o direito de viver e de ter uma infância menos objetivada. Quando falamos em infância, é comum que relacionemos a palavra com a criança, acrescida da imagem de inocência, onde a imaginação e o brincar podem ser considerados como características dessa categoria (MÜLLER, 2007).

Nas entrevistas com os responsáveis adultos desta pesquisa, foi possível perceber – quando perguntamos “Como seria a vida ideal para uma criança?” (APÊNDICE III) – que o conceito de criança e infância tem, para a maioria, relação com inocência, pureza, que é típica da Modernidade, quando as crianças passam a ser consideradas como sujeitos que necessitam de cuidados. Ocorre que nem sempre foi assim.

Na Idade Média, o pensamento de Santo Agostinho (1999) mostra uma criança pecadora, em virtude de trazer consigo a culpa do pecado original. Em algumas passagens de seus escritos, percebemos seus conflitos e podemos

interpretá-los como desabafos que mantinha com Deus. Notamos uma súplica quando pede:

Ouvi-me, ó meu Deus! Ai dos pecados dos homens! É um homem que assim fala. Vós, Senhor, compadecei-Vos dele, porque sois o seu Criador e não o autor do seu pecado. Quem me poderá recordar o pecado da infância, já que ninguém há que diante de Vós esteja limpo, nem mesmo o recém-nascido, cuja vida sobre a terra é apenas um dia? Quem mo trará a memória? Será porventura algum menino, ainda pequerrucho, onde posso ver a imagem do que fui de que me não resta lembrança?

[...] Assim, a debilidade dos membros infantis é inocente, mas não a alma das crianças. Vi e observei uma, cheia de inveja, que ainda não falava e já olhava, pálida, de rosto colérico, para o irmãozinho colaço. [...] Indulgentemente se permitem estas más inclinações, não porque sejam ninharias sem importância, mas porque hão de desaparecer com o andar dos anos. É este o único motivo, pois essas paixões não se podem de boa mente sofrer, quando se encontram numa pessoa mais idosa (AGOSTINHO, 1999, p. 44-45).

Por seus textos, podemos compreender que uma criança já é pecadora ao nascer e vai deixando de ser até adquirir a idade da razão – aproximadamente aos 7 anos. O mesmo autor complementa que, ao aprendermos a ler e a escrever, entramos no mundo dos saberes e acredita que o sujeito, à luz do conhecimento, terá condições de abandonar o pecado original que avassalava seu ser, pois a razão é o que há de divino no homem, no adulto.

Para Santo Agostinho (1999, p. 49) há outra maneira de purificação, de libertação dos pecados. O batismo seria a aproximação com Deus, a salvação dos pecados, porém ele afirma que “depois do banho do batismo, as recaídas na imundície do pecado seriam mais graves e perigosas”, por isso a importância e a necessidade de praticar o ato da confissão.

Os estudos de Ariès (1981) foram sobre a família e a criança da França. Apesar de sua obra sofrer algumas críticas⁸ em virtude de ele ter realizado análise pictórica, o conjunto da obra trouxe outras possibilidades de

⁸ Müller (2007, p. 25, grifos da autora), traz que, “[...] para conhecer as críticas que se fazem a Philippe Ariès sobre a sua história da infância, ler a exaustiva e admirável Dissertação de Mestrado de SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **A emergência da concepção moderna da infância e adolescência**. São Paulo: PUC-SP, 1996”.

entendimento da infância, considerando mentalidades de época sobre a criança e a infância.

No século XVII, como apresenta o autor (1981, p. 70), a chamada criança de boa família (nobre ou burguesa) começa a ser diferenciada dos adultos e uma mudança perceptível se deu nas roupas dessa geração. Ela não mais é igualada, pois “[...] agora ela tinha um traje reservado à sua idade, que a distinguia dos adultos”. Essa diferenciação não chegava às meninas, que ainda mantinham as mesmas vestes, semelhantes às das adultas.

Se nos limitarmos ao testemunho fornecido pelo traje, concluiremos que a particularização da infância durante muito tempo se restringiu aos meninos. O que é certo é que isso aconteceu apenas nas famílias burguesas ou nobres. As crianças do povo, os filhos dos camponeses e dos artesãos, as crianças que brincavam nas praças das aldeias, nas ruas das cidades ou nas cozinhas das casas continuaram a usar o mesmo traje dos adultos. (ARIÈS, 1981, p. 81).

Percebemos a importância dada ao gênero masculino e nobre, pois foi o primeiro a ser contemplado com o direito a essa infância. Vestes diferenciadas, educação privilegiada, que primava pelo desenvolvimento intelectual, enquanto que meninas e crianças em desvantagem social permaneceram por mais algum tempo na condição de indiferença.

[...] se por um lado existem alguns indícios da dominação sexual masculina, particularmente em um nível simbólico, por outro há também amplos sinais de que nas primeiras sociedades as mulheres eram participantes ativas na sexualidade e detinham o próprio poder de barganha. [...] Nas primeiras sociedades humanas, a sexualidade era diferente do que viria a se tornar nos dias atuais; [...] A arte primitiva [...] frequentemente retratava formas femininas. Arqueólogos encontraram estatuetas de Vênus, a deusa do amor, de grupos da Era do Gelo e imediatamente posteriores. Elas tendem a ser bastante passivas e, em geral desprovidas de rosto - [...] São também bastante gordas, e supõe-se que essa obesidade era vista como atributo erótico, porque significava boa saúde e capacidade de ter filhos. As roupas femininas também salientavam aspectos sexuais, exibindo seios ou decotes e às vezes com fendas deixavam à mostra os pelos pubianos. (STERNS, 2010, p. 21-23).

Se a sociedade primitiva de base agrícola desfrutava de certa liberdade sexual, a civilização mediterrânea clássica, precisamente na Grécia e em

Roma, gera novos costumes relativos à sexualidade – de controle ou liberação – basicamente centrada no sexo da mulher. Para as épocas subsequentes, o referido autor conta que a mulher, do período agrícola, está envolta por um poder de sedução que precisa de contenção. Então, a sociedade Moderna, com diversas aspirações, inclusive a de certa dominação por dispositivos religiosos, decide conter os desejos sexuais femininos, pois Sterns (2010, p. 55) conta que

[...] na cultura Grega, as mulheres ocupavam posição de considerável desrespeito e eram vistas como criaturas libertinas e imorais por natureza, portanto, necessitando de controle externo – pois a mulher ideal deveria enfatizar a castidade e a devoção à maternidade. As mulheres respeitáveis eram ostensivamente vestidas e cobertas [...]

O controle da sexualidade, do erotismo, também começa a se dar pelas roupas, pois, a partir da Modernidade, as vestes não serviram apenas para diferenciar as crianças dos adultos, mas para cobrir o corpo e esconder as partes íntimas, ou seja, criam-se estereótipos para designar, qualificar ou desqualificar condutas femininas no sentido de caracterizar sua índole.

A construção de uma imagem diferente do feminino começava a ser delineada – contrária àquela entendida como devassa ou irreverente e foi caracterizada, também, conforme o uso das roupas. Uma mulher considerada séria e de família se destacava, além do comportamento recatado, pelos modelos e tecidos das roupas que usava. As mais despojadas, com comportamento mais liberto e que insistiam em utilizar vestes com decotes, fendas nas saias, etc., estavam sob o rótulo de prostitutas ou mulheres de pouco respeito, como bem menciona Stearns (2010).

Boa parte desses comportamentos indica que, geralmente, as garotas são educadas para a vida em família, para uma vida de privações. O prazer feminino é entendido como inadequado para as meninas, porém os meninos, em geral, são desde cedo instigados a procurar a satisfação sexual com elas. A pessoa do sexo feminino aprende precocemente a restringir sua sexualidade e a viver uma vida de pudor e contenção, basicamente distante do prazer, principalmente o sexual.

No século XVIII, na Europa, havia muita ênfase às questões relativas ao pudor e foram tomadas várias medidas

[...] referentes ao vestuário e às roupas íntimas, ao comprimento das saias, das mangas e das meias; a forma do busto, aos decotes, à largura das coxas, dos quadris, à textura dos tecidos; em suma, cada tipo de roupa passou a ter seus pequenos tabus (e, ao mesmo tempo, sua possibilidade de sedução). A roupa masculina também foi regulamentada, embora em menor escala (USSEL, 1980, p. 83-84).

A preocupação, a partir da Modernidade, era de conter as expressões sexuais. Foucault (1988) menciona que uma técnica de poder utilizada foi a educação como forma de pedagogizar o sexo, criando assim uma educação antisssexual, segundo a qual cabia aos sujeitos seguir as regras sem questionar, pois, nessa visão, se fazia necessário implantar ações para conter o erotismo e as práticas de sedução na busca por uma sociedade mais regrada e voltada ao trabalho.

A forte incidência das doenças sexualmente transmissíveis contribuiu para uma organização diferente do pensamento e das ações sexuais, a ponto de micropoderes, unirem-se contra o onanismo e o ato sexual em si como busca pelo prazer, por o considerarem um desperdício de energia. Então, acreditavam em uma educação puritana, para disciplinarizar a criança com comportamentos de contenção do desejo sexual, do não ao sexo, para dessa maneira haver um maior e melhor controle dos corpos. Controlar os desejos sexuais – mesmo que entendidos como algo natural do ser humano – de crianças, jovens e adultos, passa a ser um dos principais argumentos do clero e dessa sociedade do controle.

A Modernidade traz relevantes mudanças que influenciarão nos conceitos de infância, da sua sexualidade e redirecionarão um lugar para a criança na sociedade liberal.

Passa a existir a ideia de infância como um momento da vida que precisa de cuidados e de um lugar onde as coisas próprias da infância aconteçam (ARIÈS, 1981). O local é onde a família estiver e cabe a ela a responsabilidade de zelar pelas crianças, porém a própria família, comumente, está sob supervisão dos olhares da sociedade.

Luccock, quando esteve no Brasil, em meados do século XIX, observou

[...] a falta de alegria nos meninos e de vivacidade nos rapazes. A educação da criança pareceu-lhe reduzir-se a esta função melancólica: destruir nos pequenos toda a espontaneidade. Em casa, até os cinco anos, notou que os meninos de família andavam nus do mesmo modo que os moleques⁹; mais tarde é que vinham as roupas pesadas e solenes distinguir os filhos-família dos molecotes da senzala. Roupas de homem (apud FREYRE, 2004, p. 500).

As roupas tiveram e têm seu papel nos desígnios de uma aparência da infância, porém os comportamentos de determinadas crianças – em fins do século XIX, no Brasil – causam estranheza a R. E. Edgecumbe (1886, p. 47), citado por Miriam Leite, em seu capítulo do livro “A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem”, quando constatou, naquele período, que, no Brasil,

[...] não existem crianças no sentido inglês. A menor menina usa colares e pulseiras e meninos de 8 anos fumam cigarros. Encontrei um bando de meninos voltando da escola, uma tarde. Um pequeno de aparentemente sete anos tirou do bolso um maço de cigarros e ofereceu a um de cada vez. Ninguém demonstrou qualquer desaprovação de um menino tão pequeno estar fumando. A linguagem desses meninos é terrível, embora eu precise admitir que, como os cocheiros de Londres, não percebem que estão usando expressões chulas (apud FREITAS, 1997, p. 37).

A partir da citação evidenciamos uma diversidade cultural dos conceitos de infância. A citação remete-nos a uma reflexão de que a prática infantil brasileira se diferencia da inglesa, principalmente quando Freitas (1997, p.37) menciona que “os pais brasileiros vivem com as crianças ao redor e as estragam a mais não poder”, ou seja, sugere que a infância do Reino Unido tende a preservar – mais – as crianças de certas práticas adultas, diferente do Brasil, que proporciona certa liberdade de convívio entre adultos e crianças. Não se podem tirar conclusões apressadas. A convivência entre adultos e crianças pode ser muito positiva, como pode não ser.

⁹ Moleque é uma referência à criança negra.

Atualmente as crianças participam de muitas atividades do mundo adulto, sendo boa parte influenciadas pela sociedade de consumo e pelo fato dos pais ou responsáveis incentivarem essa prática ao adquirirem os produtos que estão em evidência no mercado.

As influências mercadológicas tendem a erotizar e a provocar comportamentos de sensualidade e de virilidade nas crianças, pois elas tendem a usar roupas e produtos da moda adulta. Algumas meninas usam maquiagem, pintam as unhas, procuram uma aparência mais velha, como das mulheres, e uma parte dos meninos, estimulados pelo exemplo de masculinidade que lhes é apresentado, ensaiam sua agressividade, por meio de jogos e de atividades de lutas ou outras que promovem a diminuição da distância existente entre os dois mundos.

A cultura da infância se desenvolve e se transforma, transcende conceitos quando as influências do mundo adulto e econômico focalizam no infantil seus objetivos ou ainda quando o próprio mundo infantil se funde com outra cultura desse mundo das crianças. Um exemplo está na brincadeira da criança, quando compartilha momentos lúdicos, independente de etnia (MÜLLER, 2007). São culturas diferentes que, partilhadas, poderão ser incorporadas pelos integrantes.

A autora nos brinda com uma passagem sobre a história “das crianças no Brasil: do século XVI ao XIX”, que demonstra que, para as crianças, o que importava era o brincar entre amigos, porém

[...] as vidas dos(as) sinhozinhos(as), dos(as) curumins e dos(as) moleques(cas) coincidem em alguns momentos e se diferenciam bastante em outros. Os pequeninos podiam conviver todos praticamente juntos, mas aos 7 anos os destinos concretamente se distanciavam. Os brancos iam estudar e os negros, trabalhar. As crianças foram separadas de seus amigos em função de sua origem [...]. (MÜLLER, 2007, p. 110).

A infância de algumas crianças, em meados do século XIX, com a mesma idade, sem a separação por cor ou classe social, se apresentava diferente apesar de compartilharem o mesmo lugar e de, muitas vezes, brincarem juntas. Podemos encontrar infâncias desiguais em um mesmo tempo ou aspectos iguais em épocas diferentes (MÜLLER; MORELLI, 2001).

Por exemplo, em um bairro pobre, da atualidade, a criança pode ser pressionada por adultos traficantes a comercializar droga sob ameaça de morte. Se ela não o fizer, coisas ruins acontecerão à sua família. A coação exercida sobre a criança nos remete à Idade Média, à pré-modernidade, quando castigar o corpo e a mente se justifica para atingir determinado objetivo.

Então temos a mesma infância, de crianças compelidas a fazerem algo contra a vontade em virtude de ameaças nada sutis, exercidas em tempos diferentes. Apesar de toda construção histórica e cultural que objetive garantir direitos à criança cidadã¹⁰, vivenciamos atos impelidos por novos bárbaros, pessoas que utilizam a brutalidade – intelectual ou física –, se desprendem, de certa maneira, da humanidade e oprimem seus iguais quando ditam modelos no intuito de moldar comportamentos em uma sociedade ávida pelo desejo de satisfação, de felicidade, de liberdade, preferencialmente descompromissada com o coletivo.

A busca pela integralidade da liberdade chega a ser utópica, pois o que dispomos são níveis de liberdade, que deveriam ser praticadas por sujeitos comprometidos com a coletividade social. Bauman (2000) traz à tona questões pertinentes a se usufruir de uma liberdade com responsabilidade social, em que os sujeitos precisam agir pelo bem comum, pela coletividade, uma vez que são agentes provocadores de padrões sociais.

Um dos modelos atuais tem a erotização dos corpos e o sujeito (adulto ou infantil), como produto. Os mais velhos estão imersos em estruturas onde o ser humano, coisificado, pode produzir e reproduzir valores, conceitos, que, por sua vez, tendem a influenciar o mundo infantil.

O adulto pode provocar condutas na vida das crianças, quando cita que no Brasil, em meados do século XIX, “logo que a criança deixa o berço” (menino branco, sinhozinho) (FREYRE, 2004, p. 419, grifos do autor),

[...] dão-lhe um escravo do seu sexo e de sua idade, pouco mais ou menos, por camarada, ou antes, para seus brinquedos. Crescem juntos e o escravo torna-se um objeto

¹⁰ Criança cidadã: partimos do conceito de que é um sujeito em desenvolvimento e de direitos, isso de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal nº 8.069/1990).

sobre o qual o menino exerce seus caprichos; [...] “Não havia casa onde não existisse um ou mais moleques, um ou mais curumins, vítimas consagradas aos caprichos de nhonhô”, escreve José Veríssimo, recordando os tempos da escravidão. “Eram-lhe o cavalo, o leva-pancadas, os amigos, os companheiros, os criados”. Lembra-nos Júlio Belo o melhor brinquedo dos meninos de engenho de outrora: montar a cavalo em carneiros; mas na falta de carneiros, moleques.

As crianças citadas aprendiam seus lugares e aquela nascida em uma família de posses incorporava a liderança. Os outros sujeitos, menos favorecidos, como os escravos, eram educados à obediência, à servidão, à submissão. Insere-se uma mentalidade na qual o poder maior se localiza onde as posses se manifestam.

As crianças, imersas em outras culturas (negra, indígena, japonesa...), certamente apresentam características específicas que se diferenciam entre si. Por isso não há como considerar apenas um conceito de infância (MÜLLER, 2007; DORNELLES, 2008). Ela não está engessada, formatada a um único entendimento conceitual. Há a necessidade de se considerar a diversidade cultural, pois se uma criança reside no centro da cidade e outra em um bairro mais afastado, certamente as infâncias não serão as mesmas, dado que a convivência com o meio no qual estão imersas apresenta diferenças que influenciam suas vidas.

Dornelles (2008, p. 82) caracteriza uma outra infância, a *cyber*-infância, aquela criança que faz uso de várias tecnologias. É de

[...] domínio dos *cyber*-infantes, o acesso pela Internet da músicas que são transformadas em arquivos sonoros de MP3. Os *cyber* instalam em seus computadores um programa de compartilhamento de arquivos como o *Kazaa*, arquivos que podem ser compartilhados entre os internautas que estão conectados entre si. [...] Também a Internet disponibiliza aos *cyber*-infantes vários sites que oferecem para *download* obras inteiras em versão PDF, a exemplo dos livros de Harry Potter. [...] As crianças-*cyber* [...] podem entrar num *chat* ou salas de conversas com os amigos que estão a quilômetros de distância. [...] Desse modo, é fazendo uso destas possibilidades visuais interativas que os *cyber*-infantes encontram novos modos de se socializar e se produzir como sujeitos infantis hoje. (Idem, 2008, p. 84-86 – grifos da autora).

Reconhecer a pluralidade cultural é permitir uma linguagem mais aproximada da categoria infantil. Não se trata de ordenar uma nova infância, mas permitir sua expressão sem as modificações e unificações impostas pelos adultos (TOMÁS, 2006).

Compartilhamos da ideia de Tomás (2004, p. 5) sobre o universo das crianças, bem como da necessidade de reconhecer o cosmopolitismo infantil, que, segundo ela, “são todas as formas de intensificação de ações (solidariedade global), contra a opressão, a exploração, contra as situações de poder desigual –, que vise reduzir as distâncias geográficas e conceituais”.

Entenda-se aqui que as *diferenças* às quais fazemos oposição são as desigualdades econômicas e sociais, geradas pela sociedade neoliberal e capitalista, pois, paradoxalmente, reivindicamos uma *unidade* que respeite o sujeito enquanto ser humano, no entendimento de questões básicas que são próprias da infância de qualquer lugar, a saber: que a criança seja sempre entendida como um “sujeito da educação” (MÜLLER, 2007, p. 137).

Atualmente boa parte dos conteúdos (cursos de informática, inglês, natação, futebol, hora de brincar, etc.), dos espaços (casa, escola, lugares para diversão, etc.) e dos tempos escolhidos para as crianças são permeados pelas escolhas dos adultos e não há garantias de que essas escolhas sejam as melhores para a vida da criança.

A interação, dos sujeitos infantis, com a diversidade de conteúdos adultos pode interferir e acelerar o abandono da categoria geracional denominada por infância, quando a criança começa a se identificar mais com as coisas dos adultos do que com os seus iguais e gradativamente assume pertencer a outro grupo de indivíduos.

As relações com as roupas da mulher ou do homem são relevantes para compor o pensamento sobre a erotização precoce da atualidade, pois muitas crianças já assumem trejeitos adultos, bem como uma relação com o sexo e uma sexualidade-objeto para cuja administração elas ainda não estão, nem física nem cognitivamente, preparadas.

2.2. A CRIANÇA E A ADULTIZAÇÃO NA ATUALIDADE

Quando mencionamos que existe uma disciplinarização dos corpos, reafirmamos que os sujeitos – adultos e crianças –, assim como podem ser produto dessa cultura, são também agentes produtores de comportamentos.

A criança tem a potencialidade para ressignificar, dar novos sentidos aos significados massificados pela sociedade neoliberal e o fará quando tiver as condições sociais adequadas e as oportunidades que são ofertadas. Por exemplo, uma criança de sete anos de idade desenvolve-se em um ambiente onde a imaginação não é considerada algo importante e recebe muita informação com base em uma realidade de dificuldades extremas, miséria, roubo, falta de opções melhores... Essa criança certamente teve menos oportunidades que outras e sua ressignificação certamente acontecerá conforme as experiências das quais participou. É fundamental observar que a condição econômica ou a cultural não são as únicas influências que uma criança recebe, mas possibilidades de escolhas com qualidade farão diferença no momento das reflexões realizadas pelos sujeitos infantis e adultos.

Sarmiento (2003, p. 8) afirma que, em relação à produção cultural elaborada pelas crianças, a “[...] convergência ocorre na acção concreta de cada criança, nas condições sociais (estruturais e simbólicas) que produzem a possibilidade da sua constituição como sujeito social. Este processo é criativo tanto quanto reprodutivo”.

A criança utiliza o jogo simbólico para incorporar e reestruturar conceitos, pois ela pode ser qualquer coisa e consegue se preparar para enfrentar possíveis situações do mundo real. Para o/a infantil, brincar é coisa séria. Ele/a pode estar em vários tempos sem se deslocar do presente, apenas no uso da imaginação. Para Sarmiento (2003, p. 10-12),

[...] do mesmo modo, a criança incorpora no tempo presente, o tempo passado e o tempo futuro, numa sincronização de diacronias que altera a linearidade temporal, possibilita a recursividade e garante a simultaneidade de factos cronologicamente distintos. [...] Brincar não é, portanto, exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma das suas actividades sociais mais significativas. [...] O brincar é a condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade.

Trouxemos o lúdico, o brincar, o uso da imaginação, para ressaltar que existem possibilidades de ressignificação do real, ou seja, os sujeitos podem provocar transformações e as crianças são partícipes dessa realidade. Acontece que o compromisso de proporcionar qualidade de escolhas às crianças está ao encargo dos adultos, por isso sua responsabilidade é maior, tem o dever de assegurar e de permitir uma infância com a participação delas e garantir conhecimento a esses sujeitos para que consigam realizar suas análises e deixem a condição de exclusiva significação como reprodução, para caminhar em direção da reelaboração, da ressignificação.

A imersão descomedida da criança no mundo adulto gera a possibilidade de uma infância adultizada, erotizada, que pode metamorfosear a criança em um miniadulto ou provocar, posteriormente, a adultescência – “pessoas que já passaram dos 30, 40, 50 anos e que enxergam a vida com os olhos de quem ainda está na adolescência” (GLOBO. COM – NORDESTE, 2010) – nos adultos. Os valores que são disseminados na sociedade contemporânea muitas vezes não permitem reflexão, conduzem apenas para o trajeto da aceitação, pois muito do que está exposto leva a criança a acreditar que ser adulto é o melhor para ela, mesmo que ainda não possua as características dessa idade.

A adultização é, de certa forma, incentivada, estimulada pela atual sociedade do consumo, que é marcada pela “sedução dos objetos – os homens não se cercam prioritariamente de outros homens, mas sim de informações e bens (celulares, computadores, carros, objetos virtuais...), que se tornam rapidamente obsoletos” (CIRINO, 2001, p. 42).

Observou-se que muitas crianças de nossa pesquisa possuem celular, *games*, computador, etc., objetos atrelados às novas tecnologias. Atualmente a biopolítica da sociedade mercantil (FOUCAULT, 2008) produz uma cultura do adulto, que se apresenta sutilmente imersa no universo infantil e cotidianamente articula mensagens propícias ao consumo.

O *outdoor* a seguir parece inocente, ao apresentar duas crianças que revelam a importância de conhecer uma língua estrangeira para estabelecer a comunicação entre si.



Imagem 3 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 6/3/2010, Cascavel-PR

É na percepção do conteúdo do diálogo, bem como da mensagem subliminar que emerge da representação, que se evidencia a prática de técnicas de poder – pois de nada adianta o menino conversar com ela em inglês sem que haja a devida compreensão pela outra parte – no possível fomento a determinadas condutas. A falta de entendimento causaria uma insatisfação, pois o garoto provavelmente não receberá o que pede: um beijo.

A menina, que aparenta ser tímida ou talvez tenha ficado em virtude do pedido, e justamente por ter compreendido o significado da solicitação, baixa o olhar, porém não o desvia. Mantém o contato visual com o menino.

Outra sutileza é a maçã do amor que ela tem em suas mãos. A publicidade de uma escola de idiomas não precisaria fazer uso da simbologia da maçã e do amor para divulgar a língua estrangeira. Nosso olhar se volta à sutil incitação sexual em sujeitos de aproximadamente onze anos de idade.

Há o emprego de preceitos eróticos nos programas televisivos e nas publicidades – por exemplo – que procuram evidenciar modelos para as ações rotineiras dos sujeitos adultos e crianças, por meio dos micropoderes

(FOUCAULT, 1979) – empresas cinematográficas, emissoras de televisão, agências publicitárias, etc.

Geralmente essas instituições se utilizam de uma associação do conceito de infância relacionado à inocência das crianças e estimulam uma aceleração na incorporação dos pensamentos relativos ao mundo adulto por meio de técnicas de poder e dispositivos próprios, que podem vir a provocar, por um lado, a adultização do sujeito infantil e ainda, por outro, instrumentalizar o indivíduo e deixá-lo mais preparado para a sociedade do consumo. A seguir ilustramos essa afirmação.

No canal de TV por assinatura, o D. Home & Health (EUA), lançado pelo Discovery Channel, em “17 de junho de 1985 nos Estados Unidos e em 7 de fevereiro de 1994 no Brasil” (http://pt.wikipedia.org/wiki/Discovery_Channel), passa um documentário chamado “Pequenas Misses”, aos domingos, no horário das 21:00 às 22:00 horas, que retrata o quanto as meninas estão imitando as mulheres.

Em 15 de agosto de 2010, a produção do programa mostrou a rotina de preparação de três meninas. Uma com dois, outra com cinco e a terceira com seis anos de idade. A progenitora da criança de dois anos foi modelo e faz sua filha participar desses concursos desde bebê, sendo que, pelo menos uma vez por mês, ela frequenta algum evento do gênero. A mãe ensaia boa parte do dia com a filha, mesmo quando a criança não quer ou apresenta cansaço, mas justifica que elas se divertem e que a pequena gosta. No período que antecede o evento, a mãe chega a fazer bronzeamento artificial na pequena filha.

A menina com cinco anos participou de aproximadamente vinte concursos e, nos últimos dois anos, ganhou dezesseis deles. Ela treina quase que diariamente e a mãe a orienta para que sorria constantemente. A mãe diz que quer no mínimo cem por cento da filha. O pai dessa criança manifesta que não está convencido de que a participação da filha em concursos de misses seja bom, pelo fato de ela se vestir e agir como adulta.

A pequena de seis anos participa dos concursos, mas a mãe argumenta que não quer acelerar o crescimento da filha, por isso desfila de maneira mais próxima do natural. Não usa maquiagem e o cabelo é arrumado de acordo com a vontade da filha.

Na maioria desses concursos, as crianças estão tão produzidas quanto uma pessoa adulta. Usam aplique nos cabelos, cílios e unhas postiças, maquiagem e se portam como adultas. Elas desfilam em trajes de banho, roupa informal e formal. A menina de seis anos fala que sentiu vergonha em desfilarmos com roupas de banho.

No Brasil também acontecem tais produções. Uma brasileira, após levar o título de minimiss Brasil (MISSBRAZIL, 2009; ENTRETENIMENTOR7, 2010), conquista o miss mundo infantil no ano de 2008 e 2009.

A variante comportamental das crianças é perceptível em razão das variantes culturais a que têm acesso. Algumas envolvidas na pesquisa – com idades entre 9 e 10 anos –, apresentavam vários traços da prática adulta já incorporados em suas atividades. Nos meninos a evidência estava nos cabelos, alguns no estilo moicano; nas meninas, o uso da maquiagem (delineador e batom ou *gloss*).

A beleza infantil está envolta por uma, como diria Moraes e Saraiva (2010), produção de corpos holográficos, livres de imperfeições, restaurados pelo *photoshop*, cada vez mais aos moldes do mercado adulto, que tende a promover e a homogeneizar uma infância mercadológica e mais erotizada, quase à beira de modelos pornográficos, em virtude da normalização de imagens com corpos nus ou quase desnudos, expostos nos caminhos e no cotidiano dos sujeitos. Constatados os indícios do fenômeno adultização da infância contemporânea nas cidades, buscamos entendê-lo com maior profundidade.

2.3. DISPOSITIVOS DE NORMALIZAÇÃO DE PENSAMENTOS E COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA

Neste tópico procuramos percorrer a trajetória da erotização precoce no mundo das crianças e identificar como ela se constitui. Procuramos desvendar seus mecanismos/dispositivos e quais as técnicas de poder que são usadas para sua normalização, bem como reconhecer que micropoderes tornam a infância, cada vez mais, erotizada no meio social e familiar, a partir do interior do lar.

Uma técnica de poder (FOUCAULT, 1979) utilizada pela sociedade contemporânea é a mensagem, que poderá chegar aos sujeitos diretamente ou de modo subliminar. Não só na atualidade brasileira como em várias outras culturas, uma grande influência no cotidiano das crianças é a mídia e os produtos disseminados por ela, pois a propaganda e a publicidade, conforme Guareschi e Biz (2005, p. 193), agem tanto no nível consciente quanto no inconsciente dos sujeitos e não

[...] se pode negar que elas também se dirigem a seres conscientes e levam a eles informações para que possam decidir, com liberdade, sobre seus atos. Mas grande parte das estratégias empregadas são exatamente estratégias que seguem o caminho inverso: em vez de serem dirigidas à consciência, usam apelos e estímulos que se dirigem a impulsos e desejos vitais, mas pouco controlados pela consciência.

Quando as crianças passam a desejar determinado produto em evidência na novela, no programa infantil, no comercial (TV, panfletos, *outdoors* e outros), podemos entender que houve uma aceitação da linguagem publicitária. O resultado das ações da mídia, por exemplo, dependerá da qualidade dos estímulos ofertados à criança, para que, a partir deles, ela ressignifique e adquira uma mudança no nível de liberdade para suas escolhas, pois a liberdade plena é uma utopia.

De acordo com o dicionário escolar da língua portuguesa, da Academia Brasileira de Letras (2008, p. 858), mídia “é o conjunto dos meios de comunicação de massa, que se pode classificar em duas categorias: mídia impressa (jornal, revista etc.) e mídia eletrônica (rádio, televisão, cinema, vídeo etc.)”.

Quando as experiências das crianças são escassas de uma diversidade cultural e intensamente vividas com base no consumo, tenderão a aprender que o corpo é um objeto, quase mercadoria, pois lhes são ofertadas muitas possibilidades.

Os comerciais de cerveja geralmente se utilizam da imagem de belas mulheres para provocar os instintos dos gêneros, porque, se habitualmente a cerveja é associada à imagem feminina, pode ser também relacionada com o prazer, uma satisfação sexual. Acontece que muitas crianças acabam por ter

acesso a essas publicidades e tendem a crescer cultivando, mesmo que parcialmente, tais modelos.

Selecionamos uma imagem que contém algumas marcas de cerveja que confirma a rotulação da mulher em publicidades de cerveja.



Imagem 4 – Fonte: <<http://oqueasrosasnaofalam.blogspot.com/p/opinativismo.html>>.

Essa normalização de associar o humano aos objetos, às coisas e, principalmente, a situações que provoquem satisfação e felicidade, pode objetivar a identidade dos sujeitos em formação. A sensação de bem-estar quando associada aos objetos se torna falsa, pois se desfaz rapidamente, deixando o indivíduo pronto para a próxima aquisição. Esse comportamento poderá promover uma confusão nas vivências dos sujeitos e fazer com que eles aliem sentimentos aos objetos e, indiretamente, se situem em uma condição coisificada.

A massificação de conceitos consumistas preocupa a nós e a outros pesquisadores, como Moraes e Saraiva (2010, p. 9), quando comentam que

“[...] as mídias não são a origem soberana das opiniões, mas participam de modo privilegiado na sua criação, consolidação e propagação”.

Muitas crianças são seduzidas, por exemplo, pelo McLanche Feliz, do McDonald's, rico em calorias e em gorduras consideradas, por especialistas da área de saúde, não benéficas à saúde. Posteriormente, as crianças são jogadas em uma realidade que preza um corpo magro, saudável, esguio, esbelto, perfeito – nos moldes estabelecidos pela maquinaria mercantil.

Kincheloe (2004, p. 394) escreve que o “[...] McDonald's tem aumentado a sua capacidade de maximizar o acúmulo de capital, influência social e vida cultural, e mesmo ajudar a moldar a consciência das crianças”. Assim como as crianças são seduzidas a frequentar o McDonald's, poderão ser induzidas a uma erotização precoce, com a intensificação do uso do corpo sensual associado aos produtos, ao consumo, amplamente divulgados nas revistas, nos panfletos, nos *outdoors*, na televisão.

Tais comportamentos, aos poucos, se normalizam e não nos causam mais indignação. Isso é o ideal para essa indústria, ou seja, ela deseja conseguir o comodismo, a docilidade, a aceitação dos consumidores. Quando chegamos a esse ponto, pode ocorrer de as crianças crescerem rápido demais, de elas trabalharem ou serem exploradas. Os conteúdos midiáticos culminam em uma (des)responsabilização social quando disponibilizados indiscriminadamente para todos, adultos e crianças.

Jipson e Reynolds (2004, p. 367) demonstram preocupação em relação ao conteúdo que as mídias propagam. A preocupação é manifestada mediante uma reflexão ou um *dasabafo*, quando perguntam:

[...] será que desejo que meu filho acredite que as mulheres gastam a maior parte do seu tempo desfilando de biquínis ou saias curtas e apertadas, olhando ávidas para os homens bebendo cerveja? [...] Especialmente quando os garotos crescerem, eles vão começar a ver mais e mais esse tipo de imagem de beleza, desejo e passividade. Quando eu me pergunto sobre como meus filhos construirão suas versões da realidade, penso sobre meu próprio conflito entre experiência pessoal e a “realidade” representada na mídia (grifo do(a) autor(a)).

Se nós, adultos, em determinados momentos, nos sentimos em situação conflituosa perante a diversidade de produtos oferecidos, diante da padronização de estatutos de beleza, de comportamentos, de onde comprar, de onde viver, de como viver, é prudente analisar as condições em que se encontram as crianças. São sujeitos em desenvolvimento, imersas nesse mundo, nessa realidade em que quase tudo precisa ou deve ser imediato. Talvez essa seja uma justificativa, atribuída pelas mídias e suas empresas, para a aceleração do erotismo e das práticas sexuais nas crianças. São utilizadas várias estratégias, aliadas às técnicas de poder, que fazem chegar, rotineiramente, informações de consumo, as novidades dos produtos, suas vantagens que procuram seduzir e produzir novos consumidores.

As famílias estudadas mencionaram a facilidade e a agilidade com que os lançamentos chegam às crianças, mesmo que elas estejam dentro de casa, pois os dispositivos (TV, rádio, internet, *outdoors*, panfletos, etc.), encontram formas de comunicar o recado.

A divulgação expressiva e massiva de diversos produtos, muitas vezes, determina algumas ações dos responsáveis pelas crianças, pois quer seja de fora ou de dentro de suas casas, recebem inúmeras sugestões destinadas à aquisição de algo e os adultos chegam a ser persuadidos pelas crianças que, por sua vez, foram seduzidas pelas campanhas publicitárias, a adquirirem muitos produtos, como os *games*, materiais escolares, roupas etc. A relevância está no fato de que quem compra para satisfazer os desejos infantis são os adultos, pois a criança ainda não está em idade para trabalhar e prover seu sustento. Os empresários sabem que os pais ou responsáveis tendem, em momentos, a ceder aos pedidos das crianças e apostam nessa nova geração de consumidores, de consumidores mirins, se assim se pode denominá-los.

A inaptidão infantil no sentido monetário não impede que a criança utilize de suas habilidades para a obtenção da realização do desejo criado – aí está um dos focos da indústria do prazer –, pois a criança instiga e barganha com os adultos para que esses satisfaçam suas vontades ou os caprichos implantados pelos dispositivos neoliberais, em uma sociedade voltada à comercialização e à exploração dos corpos.

As figuras femininas, sedutoras, com corpos desnudos ou quase, estão postas para atrair a atenção da sociedade do consumo. O homem, com seus músculos suntuosos e insinuantes, apresenta o ser másculo como símbolo de poder. A semiótica envolvida desperta desejos e necessidades, dos quais nem as crianças estão isentas – principalmente quando se identificam com a modelo, o ator, o grupo musical –. Para mencionarmos apenas um exemplo dos inúmeros existentes, a banda Restart, com seu arquétipo despojado, influencia uma legião de crianças e de jovens. O grupo tem conquistado muitos/as fãs, inclusive algumas meninas pesquisadas são atraídas pelos garotos da banda: “Eles são lindos”, diz uma delas, carregando consigo uma foto do ídolo. Esses rapazes inspiram crianças (meninos e meninas), jovens se vestem, cortam o cabelo – procuram se parecer na maneira de agir – conforme a tendência indicada pelos músicos.

As mídias que divulgam os nichos comerciais, aliadas a propagandas que aguçam os sentidos de adultos e de crianças, visam um fim, o produto comercializável, vendável, independente do público – adulto, infantil, feminino, masculino, alternativos – a que se destina. Provavelmente o objetivo seja para aqueles que consigam pagar o preço cobrado. Pelas trilhas do consumo, povoam o campo da subjetividade que cria desejos, necessidades até então inexistentes e encaminham as crianças para o consumismo e impulsionam uma “teologia de consumo” que promete a satisfação por meio desse ato (STEINBERG; KINCHELOE, 2004).

Christo (Frei Betto) (2001, p. 1) escreve um artigo intitulado “Religião do consumo”, onde tece uma concisa crítica ao consumismo desenfreado que assola nossa sociedade. Argumenta que o poder está na aparência, nas marcas como uma nova religião e cita um exemplo

[...] se chego à casa de um amigo de ônibus, meu valor é inferior ao de quem chega de BMW. Isso vale para a camisa que visto ou para o relógio que trago no pulso. Não sou eu, pessoa humana, que faço uso do objeto. É o produto, revestido de fetiche, que me imprime valor, aumentando a minha cotação no mercado das relações sociais.

Na atualidade, o universo infantil foi invadido – pelas diversas mídias – por produtos inspirados, principalmente, em programas e em filmes infantis ou

adultos. A diversidade de artigos chega a impressionar. São roupas, brinquedos, materiais escolares, livros e outros.

Para exemplificar como as crianças são influenciadas pelo mercado dos desejos, relatamos a observação feita a partir dos usos dos materiais escolares das mesmas: aproximadamente 90% das meninas apresentavam algum material cor de rosa e com motivos da moda – com imagens de adolescentes ou de mulheres sensuais, ou motivos relacionados à paixão, ao amor, ao namoro. Os meninos, por sua vez, portavam cadernos com figuras relacionadas à aventura, à virilidade.

Em conversa informal com um profissional de uma livraria sobre os materiais escolares que as crianças mais procuram, soubemos que a diferença de escolhas está no gênero.

Embora biologicamente fundamentado, o gênero é uma categoria relacional que aponta papéis e relações socialmente construídas entre homens e mulheres. Nas palavras de Simone de Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Tornar-se mulher, mas tornar-se homem também, são processos de aprendizado nascidos de padrões sociais estabelecidos, que são reforçados através de normas, mas também através da coerção e são modificados no tempo, refletindo as mudanças na estrutura normativa e de poder dos sistemas sociais. Assim, neste relatório, gênero refere-se aos aspectos da vida social que são vivenciados diferentemente porque homens e mulheres têm papéis diferentes que lhes são designados. Estes resultam em: – homens e mulheres manifestam preferências, interesses e prioridades diferentemente; – desigualdades e diferenças baseiam-se em ser masculino ou feminino; – homens e mulheres enfrentam oportunidades, obstáculos e desafios diferentes; – homens e mulheres são afetados diferentemente por e contribuem de modos diferente para o desenvolvimento social e econômico. (PENA; PITANGUY, 2003, p. 37).

A educação formal (colégios, escolas, instituições de ensino superior e outras) da contemporaneidade ainda enfatiza as questões de gênero principalmente quando se trata das meninas. Moreira (2006) realizou um estudo sobre as questões de gênero e de sexualidade, relacionadas com a sala de aula, com a prática docente e ficam explícitas as diferenças de comportamento dos/as professores/as em relação às meninas e aos meninos. A relação da sexualidade para com os meninos é tida, quase como inerente, ou

seja, normal, porém, quando se trata de meninas, o tratamento difere, pois ainda há um imaginário erótico associado ao sexo feminino e entendem que esse comportamento, ou essa precocidade sexual, em adolescentes, precisa de redirecionamento.

O gênero, portanto, continua a ser a principal referência para as formas de restrição impostas à orientação da vida sexual, pois estas formas de preocupação não se revelam quando se trata de casos que envolvem os homens. Sobre essa prática, continua imperando um imaginário em que, por um lado, existiria uma sexualidade ativa, inscrita, por natureza, no corpo dos homens, e, por outro lado, a suposição de que os corpos femininos trazem inscritos tanto a passividade sexual, como também, um “fogo” sexual e erótico latente que pode “explodir” com qualquer descuido. (idem, p. 4).

Então, a construção da identidade sexual se dá desde muito cedo, inclusive pela diversidade de determinados estímulos (cores, roupas, brinquedos, jogos, grupos étnicos, etc.), como é o caso das representações dos materiais escolares considerados nesta pesquisa.

A atendente da papelaria disse que as meninas se encantam com as cores vivas e brilhantes, sem realizar distinção de valor econômico. Os meninos são mais decididos, querem cadernos que, por exemplo, tenham conotação de aventura, que expressem determinação e mostrem virilidade. As marcas mais procuradas pelos garotos são: Red Nose e Dog Patrol, marcas com valores monetários expressivos. As garotas selecionam as marcas Capricho, Coca-Cola, Planet Girls, Meninhas e outras que tenham, preferencialmente, muitas cores, brilho ou cor rosa. Assim, o gênero vai se constituindo, gradativamente incorpora aspectos que definem o que é aconselhável para cada sexo e o que pode ser partilhado por ambos os sexos, sem causar estranheza.

Meyer (2008) argumenta que não nascemos homens ou mulheres, mas que nos tornamos mulheres e homens conforme os processos culturais acontecem e escreve que

[...] o conceito de gênero propõe, [...] um afastamento de análises que repousam sobre uma ideia reduzida de papéis/funções de mulher e de homem, para aproximar-nos de uma abordagem muito mais ampla que considera que as

instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo em que estão certamente implicadas com sua produção, manutenção ou ressignificação. (Idem, p. 18).

Pressupomos, então, que o gênero deve ultrapassar as limitações atuais que servem para classificar, categorizar os sexos, o que ainda não acontece. O material escolar fotografado evidencia determinados conceitos subliminares, geralmente caracterizados pelo gênero, pois as meninas recebem estímulos de modelos que refletem docilidade, sensualidade, sedução e, também, submissão, um caminho de constantes aceitação e de poucos enfrentamentos, características consideradas predominantemente femininas. Os meninos adquirem um preparo para o comando, o determinante, o detentor de poderes. A seguir exemplificamos nossas afirmações:

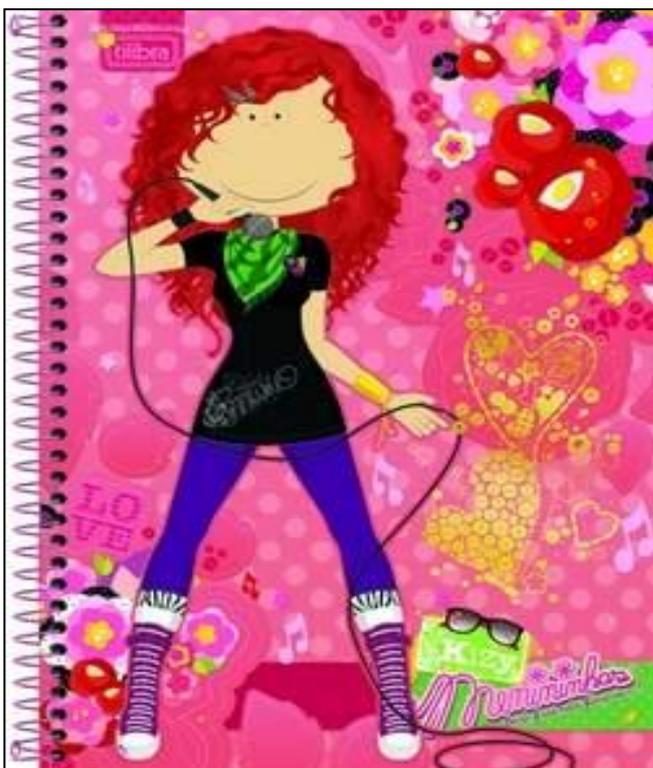


Imagem 5 - <<https://www.gimba.com.br/caderno+univ+96f+1m+cd+meninhas-kizzy/menu-secao/departamento-34970207/produto-10639845/>>.

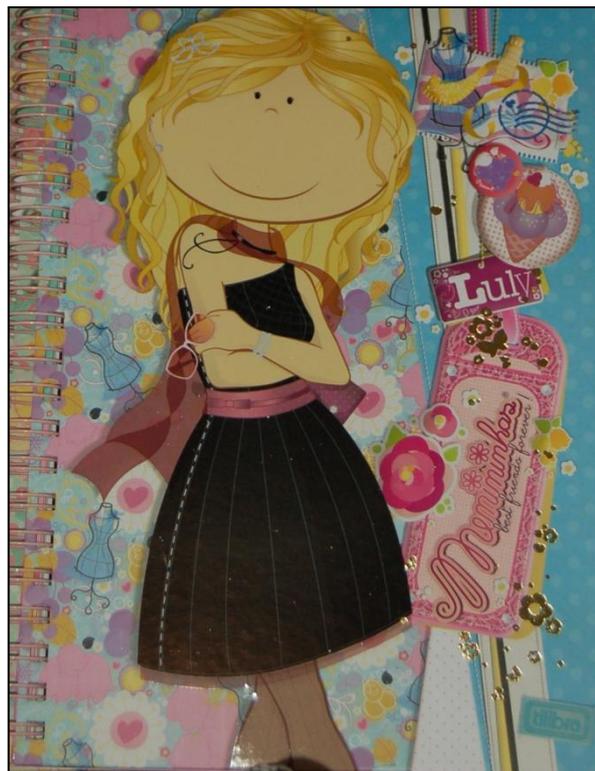


Imagem 6 - Foto de Keli Andréa Vargas Paterno, 6/3/2010, Cascavel-PR, caderno Meninhas.



Imagem 7 - Foto de Keli Andréa Vargas Paterno, 6/3/2010, Cascavel-PR, caderno Hi Girls.

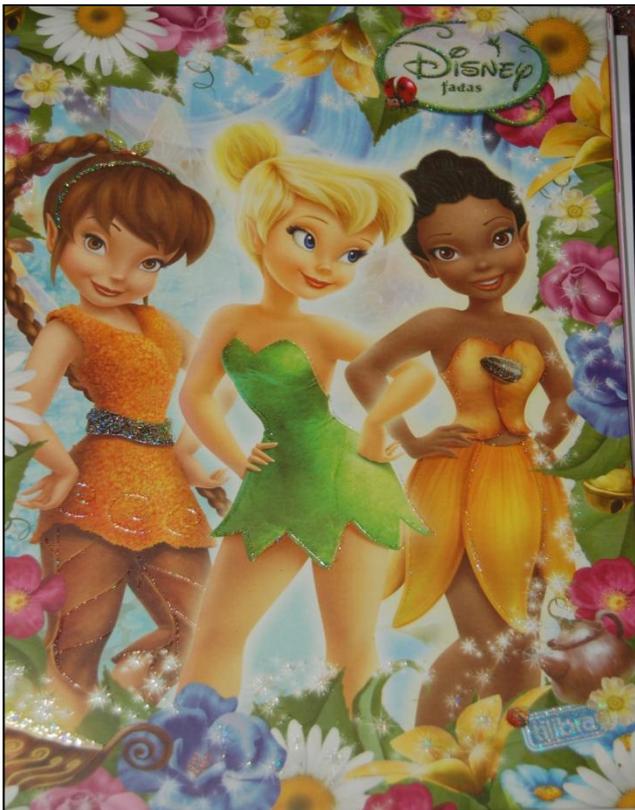


Imagem 8 - Foto de Keli Andréa Vargas Paterno
6/3/2010, Cascavel-PR, caderno Fadas-Disney.

As fadas ganham um ar sensual e politicamente correto, que procura contemplar algumas etnias. Ao olharmos atentamente para os detalhes da imagem, percebemos três jovens, todas com roupa sexy – vestes que valorizam o corpo escultural estereotipado –, olhares provocadores, sorrisos cativantes, cenário de aparente doçura, com intuito de conquistar adultos e crianças.

Na foto, as três estão com as mãos na cintura, em pose insinuante, uma com microvestido, outra com blusa tomara que caia e uma saia em forma de folhas que deixa à mostra partes da coxa, a terceira usa blusa e calça, mas nem por isso menos provocante. Todas possuem corpos modelados de acordo com os padrões estéticos da atualidade e sutilmente encorajam pensamentos relativos a uma possível incitação sexual, porém o material é destinado às crianças.

Nas imagens números 5 e 6 temos jovens *fashions*, vestidas de acordo com o mercado. Já a imagem número 7 é explícita, pois o decote, a posição do corpo e a expressão facial não deixam dúvidas: ela está tocada pelo desejo

sexual. São estímulos como os que apresentamos que movem a infância para os caminhos da erotização precoce, da criação da ideia de um corpo relacionado ao sexo como algo naturalmente ligado à venda de um produto.

Baecque (2009) escreve um tópico chamado “O *glamour* ou a fabricação do corpo sedutor”, que, por meio da indústria cinematográfica, tende a incentivar um modelo de corpo sensual.

O cinema para “o grande público” concentra assim boa parte dos seus meios corporais em torno da fabricação de um *glamour* padrão, novo horizonte do sonho sensual internacional.

Ícone e fetiche desse *glamour*, eis a mulher fatal, assim como é esculpida por Hollywood, arrastando por sua beleza, pelo desejo de vida e morte que inspira, os homens para a fonte divina, mas na maioria das vezes ainda, para o mal e a desgraça. Seu corpo não é animado por razão alguma: flutua na aura da mera aparência. (Idem, 2009, p. 488 – grifos do autor).

Não apenas o cinema, mas os programas e os filmes infantis também podem conduzir a uma determinada construção de identidade. Basta estar atento/a às novidades divulgadas nas mídias, como a sandália, o brinquedo, etc., de tal apresentadora, bem como os cremes para reduzir celulite, as pílulas – milagrosas – que reduzem gordura localizada ou emagrecem sem esforço. São novidades apresentadas como dietas fabulosas e que prometem resultados quase instantâneos, sem contar com o poder do bisturi, ou seja, das cirurgias plásticas para deixar o corpo enquadrado, recortado nos moldes hegemônicos.

É uma biopolítica dos corpos sob influência do biopoder que procura encontrar seus públicos-alvo para exercer a persuasão ao consumo, estabelecendo as comparações entre os corpos dos sujeitos como meio provocativo da insatisfação pessoal que conduzirá à aquisição de algo para satisfazer o desejo criado como um comportamento quase normalizado.

Moraes e Saraiva (2010) comentam que

[...] é dessa comparação que se definem o normal e o anormal, bem como as nuances da normalidade. Assim sendo, observamos que as mídias, especialmente as revistas de beleza, convidam-nos a comparar o corpo que temos,

apontando inúmeras imperfeições (estrias, gorduras localizadas, seios pequenos, rugas e linhas de expressão evidentes, manchas na pele, etc...), ao corpo holográfico, exaltando sua beleza, sua juventude e sua saúde perfeitas. Essa comparação entre os corpos holográficos – **criados, produzidos** – vai evidenciando a perfeita normalidade desses últimos. (Idem, 2010, p. 9 – acréscimo nosso).

Seguem imagens de capas de cadernos destinados aos meninos:



Imagem 9 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 6/3/2010
Cascavel-PR, caderno Dog Patrol.

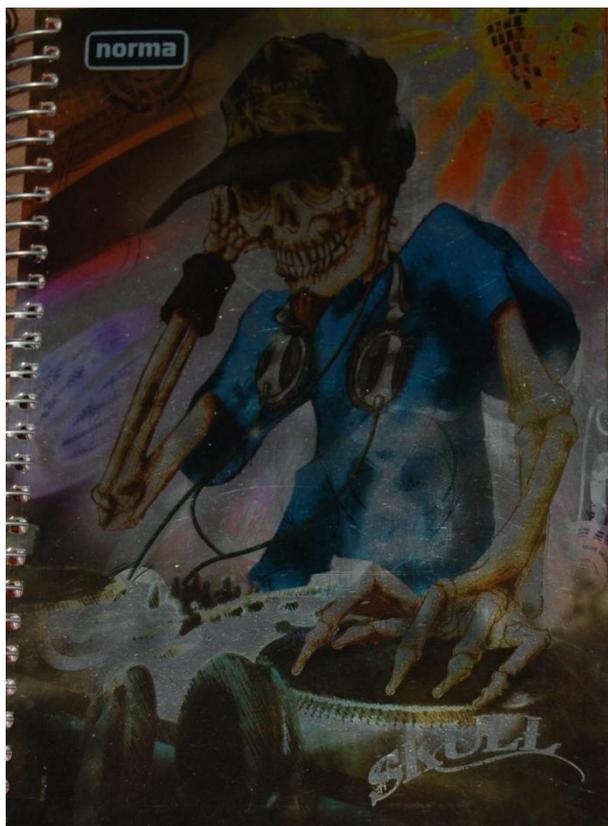


Imagem 10 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno
6/3/2010, Cascavel-PR, caderno Skull.



Imagem 11- Foto: Keli Andréa Vargas Paterno,
6/3/2010, Cascavel-PR, Caderno Batman Tilibra.



Imagem 12 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno
6/3/2010, Cascavel-PR, Caderno Ben 10.

O *Pitbull* e o outro cão, da imagem 9, remetem o nosso pensamento às relações com a agressividade, a força e o poder de intimidar. A imagem número 10, um esqueleto vestido com camiseta e boné, fones de ouvido, passa a impressão de jovialidade, de uma transgressão, pois se supõe que houve uma vitória sobre a morte. Então, o material faz uso da indução à imortalidade, faz-se supor que a pessoa que portar esse produto será invencível, pois até a morte foi derrotada.

Na imagem número 11 temos um ser humano-herói, com máquinas potentes e poderosas, que se disfarça para manter o anonimato, com objetivo de proteger e defender aqueles que dele precisam. Mais mensagens subliminares. O poder que permeia o mundo influencia a subjetividade humana aliada ao fascínio das máquinas. É também uma incitação constante ao consumo. O apelo está, inclusive, na imagem número 12. Trata-se de um menino, aparentemente normal, que, de posse de um relógio, adquire superpoderes, ou seja, com esse relógio você pode ser um herói. É muito fácil, é só comprar os produtos certos e você será poderoso, impetuoso,

conquistador, benfeitor, sedutor, enfim, muitas características podem ser elencadas para sustentar nossa discussão.

Goellner (2008, p. 29) registra que os corpos podem ser construídos de diversas maneiras; pelas roupas, pelos acessórios, pelos sentidos, pela linguagem. Aprendemos constantemente, nas relações com os outros – na família, na escola, nos clubes, nas ruas, etc. -, pois, em conformidade com suas palavras,

[...] há sempre várias pedagogias em circulação. Filmes, músicas, revistas e livros, imagens, propagandas são também locais pedagógicos que estão, o tempo todo, a dizer de nós, seja pelo que exibem ou pelo que ocultam. Dizem também de nossos corpos e, por vezes, de forma tão sutil que nem mesmo percebemos o quanto somos capturadas/os pelo que lá se diz. (Idem).

A sutileza precisa ser exposta (FOUCAULT, 2009), pois ela atua no inconsciente e poderá imprimir essas características na construção da identidade infantil e tornar o sujeito produto de alguma determinação, porém,

[...] a produção do corpo se opera, simultaneamente, no coletivo e no individual. Nem a cultura é um ente abstrato a nos governar nem somos meros receptáculos a sucumbir às diferentes ações que sobre nós se operam. Reagimos a elas, aceitamos, resistimos, negociamos, transgredimos tanto porque a cultura é um campo político como o corpo, ele próprio é uma unidade biopolítica. (GOELLNER, 2008, p. 39).

Podemos dizer que existe uma construção de características sobre os corpos femininos e masculinos, pela mídia mas não só por ela.

Christian-Smith e Erdman (2004, p. 208) escrevem que

[...] os homens individualmente também ocupam posições ao longo de uma série contínua de ações: emoção, experiência-inexperiência sexual, arte esportiva e orientações manuais/esportivas. Essas localizações são intermediadas pela raça, etnia, classe, sexualidade e idade. Por exemplo, espera-se que os homens brancos de classe média usem suas mentes e sejam tão independentes e competitivos quanto fisicamente fortes. A masculinidade dos homens da classe trabalhadora branca e dos homens de cor é elaborada em torno da agressividade, da aspereza, da força física e das ações.

Aparentemente nossa sociedade ainda alimenta muito preconceito em relação à sexualidade dos sujeitos, suas escolhas e sua etnia, pois não encontramos no material investigado imagens de homens negros. Houve avanços em muitas atitudes sociais, mas, como diz Sarmiento (2003), não podemos ignorar o passado, pois ele deixa marcas e influencia muitos comportamentos do presente, por ainda empreender ideias discriminatórias em certas ações da vida cotidiana em sociedade.

Também os estojos de uso escolar integram¹¹ nossos estudos, conforme demonstramos a seguir.



Imagem 13 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 6/3/2010, Cascavel-Pr, Estojos Jolie.

Outro exemplo está relacionado com as mochilas escolares, que confirmam traços de agressividade para os meninos, e para as meninas, docilidade e amabilidade.

¹¹ Mais fotos estão disponíveis nos apêndices desta dissertação.



Imagem 14 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 6/3/2010, Cascavel-Pr, Mochila Dog Patrol.



Imagem 15 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 6/3/2010, Cascavel-Pr, Mochila Hello Kitty.

A mídia, seja qual for sua forma de veiculação, tem sido utilizada como eficiente mecanismo para a divulgação desses diferentes interesses.

Depois que a França (século XIX) se livrou dos horrores da subnutrição ligados à Ocupação, a barriguinha lisa entrou na moda. Ter barriga é uma ameaça, e ser obeso é um pavor. [...] Desde maio de 1955, *Marie-Claire* avisa: “O inimigo nº 1 é a gordura e a celulite”. Os produtos dietéticos fazem o maior sucesso. [...] A cada manhã, a pessoa vive alguns instantes de angústia em seu *pèse-personne* [pesa-pessoa], sintagma que veio a substituir a palavra “balança”, ambígua demais. (PROST; VICENT, 1992, p. 316-318 – grifos dos autores).

Para Foucault,

[...] o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 2009, p. 133 – grifos do autor).

Outros mecanismos que influenciam a criança são a televisão, os *outdoors*, as bancas de revistas, que apresentam maior relevância por atingir uma grande parcela da população, sem distinguir a quem afeta. A mesma notícia ou publicidade chega para adultos e crianças de maneira idêntica, porém a leitura individual varia de acordo com a idade, a cultura e o nível de compreensão dos que a recebem. Por isso precisamos de técnicas que controlem essas veiculações, para que os sujeitos, físicos ou jurídicos, exerçam sua liberdade com responsabilidade.

2.3.1 As Máquinas como Companheiras

Os temas aqui abordados mereceram destaque por serem os principais dispositivos mencionados pelas crianças e seus responsáveis na investigação por nós realizada. Sua existência pode se dar dentro ou fora de casa, em lugares que disponibilizem o computador ou o aparelho de televisão. Neste

tópico, trazemos algumas discussões a respeito da TV e da internet, mecanismos que contribuem para a adultização e a erotização precoce.

O título acima foi inspirado nas respostas de algumas das crianças pesquisadas. Quando perguntamos “O que é a televisão para você?": 38% responderam um passatempo, 18% um objeto legal e uma coisa/diversão, para 10% do público pesquisado é o paraíso, 7% acham que é um equipamento de informação e 3% acreditam que a televisão seja um amigo.

Um amigo?! Essa resposta deve servir como um alerta, talvez um pedido de socorro, para a solidão de algumas crianças em um universo de adultos que realizam muitas coisas para atender às solicitações do mercado – como um *quase* resultado do adestramento social –, que, muitas vezes, ao priorizar o trabalho ou outros afazeres, chegam em alguns momentos a tornar as crianças invisíveis.

Apesar das intensas investidas da sociedade atual, da mídia e de seus dispositivos doutrinantes, o sujeito tem condições de escolhas e pode reverter a circunstância dominante, pois, como Foucault (2008), acreditamos no ser humano e nas suas possibilidades de mudar, de reinventar, de se contrapor às normas e aos estatutos de verdade estabelecidos. No Brasil a maior parte da população possui um aparelho de TV conforme pesquisa realizada pelo IBGE (2000), cerca de 90%.

Em nossa pesquisa, detectamos que, no domingo, o canal mais assistido pelas famílias pesquisadas é o da Rede Globo, com 80% e, em segundo lugar, o SBT, com 20%. Os programas em evidência para esse dia são: Faustão, Fantástico, Gugu e Sílvio Santos, que totalizam 83% da preferência desse público.

As escolhas partem do que é oferecido de maneira gratuita pelos canais abertos, pois, para ter acesso aos outros, é necessário pagar por TV a cabo ou via satélite. É comum o argumento das empresas privadas, de que os sujeitos possuem opção de escolha, pois podem selecionar o que assistir usando o controle remoto.

Nosso argumento crítico parte da análise de que a técnica de poder envolvida não permite uma ampla liberdade de escolha, pois a seleção se limita à programação ofertada e em programas como o Pânico, por exemplo, da

RedeTV, que também foi citado na investigação. Nesse caso, mais de 70% do horário do programa apresenta conteúdo inadequado para as crianças, inclusive com muita evidência do corpo feminino focalizando as curvas e, quando as *Panicats* percebem o *zoom* da câmera, geralmente de maneira estratégica, dão uma voltinha para mostrar melhor seus atributos sensuais.

A título de exemplo, observemos as imagens dos programas do Faustão e do Gugu que aparentam ser inofensivos por estarem no ar em plena tarde de domingo para entreter a população que, geralmente, não possui escolhas culturais no seu bairro e se trancafia em casa diante da televisão. Esses programas apresentam uma variedade de conteúdos e dançarinas sensuais ao fundo, usadas como instrumento de sutil incitação erótica, para prender a atenção dos telespectadores. Não visualizamos dançarinos homens, o que nos faz pensar na forte dominação exploratória existente sobre o sexo feminino.



Imagem 16 - Fonte: registrada nas referências em virtude de sua extensão.

A seguir registro ilustrativo do programa do Gugu:



Imagem 17 - Fonte: registrada nas referências em virtude de sua extensão.

Hamann (2004, p. 2) registra, em seu artigo sobre “Erotização da infância: a história de uma nova forma de ser criança”, que

[...] de alguns anos para cá, a programação televisiva, pelo menos no Brasil, tem exibido com maior frequência os tais “segredos adultos”, em horários que teoricamente obedecem a uma censura imposta pelo Ministério da Justiça. Apenas teoricamente. Na prática, o sexo aparece na TV a qualquer hora do dia – ainda que implícito e sutil: nas dançarinas de biquíni que rebolam no cenário dos programas de auditório.

Em entrevista com os responsáveis perguntamos: – Em que horário seu/sua filho/a costuma dormir? – questionário-relógio relativo ao domingo. Os percentuais mais expressivos foram: 27% às 23 horas e 21% às 24 horas. Aqui demonstramos a preocupação com a qualidade dos programas a que as crianças assistem na televisão, principalmente em horários que entendemos

serem mais adequados para os adultos e que inclusive a censura classifica como inadequados a elas.

As emissoras: Globo, SBT, Record, MTV foram as mais mencionadas, com 88% das crianças investigadas. Dos adultos, 83% vão dormir entre os horários das 23 horas e 24:45 horas, sendo que 7% das crianças dormem depois dos responsáveis, ou seja, assistem televisão sem a supervisão de um adulto. Começa a ser evidenciada uma cultura de infância com muita incorporação de conteúdo adulto.

Cerca de 16% das crianças pesquisadas chegam a assistir entre 5 e 6 horas de programação televisiva por dia, em vários horários, inclusive após as 22 horas, pois 32% delas vão dormir a partir desse horário. Nossa preocupação também está centrada nesse fato, pois se em horário tido como adequado para o/a pequeno/a ver TV já se tem pouca programação com qualidade educativa, no período após o horário mencionado certamente a programação é destinada aos adultos.

Carvalho (2009, p. 92) escreve sobre um estudo norte-americano que analisou

[...] os hábitos televisivos e sexuais de 1.972 adolescentes, com idades entre 12 e 17 anos, durante um ano. O resultado demonstra que jovens que assistem com frequência a programas com conteúdo erótico na TV são duas vezes mais propensos a terem relações sexuais mais precocemente, ou seja, sem que estejam preparados para tal. De acordo com a pesquisa, um adolescente de 12 anos exposto a cenas eróticas com frequência apresenta um interesse sexual similar a jovens de 14 e 15 anos.

Chamamos a atenção para as idades. No Brasil, em concordância com o ECA, até 12 anos incompletos o sujeito é considerado criança. Então, o que a pesquisa norte-americana chama de adolescente de 12 anos, para nós, são crianças.

A mesma autora (2009, p. 91-92) enfatiza que, “[...] de um lado, a televisão estimula o sexo, assim como a valorização e a busca incessante por um corpo perfeito. De outro, ela não esclarece como desenvolver a sexualidade de maneira responsável e consciente”. Concordamos quando ela chama a atenção para o fato de esses sujeitos não estarem suficientemente preparados

para iniciarem as atividades sexuais e para assumirem as consequências que podem resultar dessa atividade. Há, como ela diz, uma “ditadura do corpo”.

Também é correto afirmar que os sujeitos possuem aptidão para analisarem os conteúdos que recebem, porém Thorstensen (1999) escreve, em seu artigo “A TV e a erotização precoce”, sobre a banalização da sexualidade e de como o acúmulo desse tipo de conteúdo tem sido despejado continuamente no cotidiano das crianças. Explica que essa atitude tende a fazer com que a criança veja o sexo como algo banal, sem consequências, pois são inseridas no grupo do “fazer por fazer”.

A autora explica: cada pessoa tem um ritmo e

[...] não há idade cronológica que defina quem está pronto. Simplesmente cada um tem seu ritmo. Pelo mesmo motivo nossa sociedade definiu que a idade mínima para dirigir carro é 18 anos. E sabe-se que a maioria dos acidentes são provocados pelos jovens motoristas. As consequências do sexo irresponsável não são menos graves. (Por isso, quando aquele Ministro do Supremo disse que uma menina de 12 anos, atualmente, já é adulta, ele mostrou que não entende nada de adolescência.) Portanto, esse incentivo generalizado à atividade sexual dos jovens é uma inconseqüência de quem o faz. Em nosso Projeto, temos um lema que repetimos à exaustão: **“Transar não é coisa para criança; é coisa para quem tem cabeça de gente grande”** (Idem, 1999, p. 2 – grifos da autora).

Não nos sentimos a sós na batalha contra a erotização precoce, pois concordamos com a autora e reafirmamos: transar não é coisa para criança, e sim para adultos que possuem condições fisiológicas para conduzir uma possível gravidez, bem como uma estrutura mais adequada, tanto psicológica, quanto de responsabilidade social e familiar. A criança não está em situação de criar, de educar e de prover sustento das necessidades básicas que outra criança necessita.

A visão de uma infância mais tecnológica contribui para gerar novas identidades, conceitos ligados diretamente ao consumo. A hiper-realidade eletrônica revoluciona os meios pelos quais os conhecimentos são produzidos nessa cultura e é nesse caminho que as crianças aprendem muito sobre o

mundo (STEINBERG, 2004), e, atualmente, assimilam muito conteúdo erótico e alguns beiram à pornografia.

A televisão tem a característica cultural de estar ligada nos diferentes momentos das atividades familiares, de fazer parte da família e até, de certa maneira, promover a segurança física da criança, uma vez que, geralmente, ela não pode sair sozinha para a rua, para brincar, passear ou realizar outras atividades.

Os empresários dos meios de comunicação se respaldam no direito de liberdade de expressão para veicularem qualquer entretenimento, bem como quando alertam sobre a classificação etária: “este programa não é aconselhável para menores de 12 anos. Cenas de sexo, violência...” e segue, inclusive quando esta recomendação se dá em canais de televisão que disponibilizam programação às 15 horas, um horário em que muitas crianças estão em frente ao aparelho de TV e assistem às programações com essa limitação de idade.

Nesses horários a programação poderia ser livre a todos os públicos, com entretenimento cultural e de qualidade. Nos horários tarde da noite, como observamos na pesquisa, nem sempre há garantias de que a criança tenha junto um adulto responsável para lhe dizer o que é adequado assistir ou, ainda, para lhe proporcionar orientação e conhecimento sobre o assunto em destaque na programação.

É necessário repensar a qualidade das programações televisivas, pois o que temos visto em novelas, em programas de humor e outros é conteúdo adulto. Nesse aspecto, a programação destinada às crianças, nos desenhos e filmes infantis, também é nociva.

Muitas crianças e mesmo muitos adultos assistem aos filmes da Disney. Quanto a isso, Giroux (2004, p. 96-97) analisa, por exemplo, que, nos filmes “A Pequena Sereia” e “O Rei Leão”,

[...] os personagens femininos foram elaborados dentro de papéis de gênero estreitamente definidos. Todas as mulheres nesses filmes são definitivamente subordinadas aos homens e definem seu senso de poder e desejo quase que exclusivamente em termos de narrativas do macho dominante. [...] É difícil de se ver como um filme desse tipo reforça estereótipos negativos sobre meninas e mulheres. Infelizmente,

esse tipo de estereotipia é repetido, em diferentes graus, em todos os desenhos animados da Disney.

Fizemos alusão ao conteúdo acima, como alerta aos conceitos intrincados nos programas que aparentam mais inocência. Eis a demonstração da eficiência que as técnicas de poder têm em imiscuir-se em entretenimentos aparentemente inocentes, despreziosos, tidos apenas como entretenimento, distração.

Por ocupar um tempo precioso na vida dos sujeitos no momento de ócio, a televisão provoca certa violência simbólica quando frugalmente disciplinariza a família, a sociedade, pois,

[...] a violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com freqüência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la. [...] as variedades são também notícias que distraem. Os prestidigitadores têm um princípio elementar que consiste em atrair a atenção para uma coisa diferente daquela que fazem. Uma parte da ação simbólica da televisão, no plano das informações, por exemplo, consiste em atrair a atenção para fatos que são de natureza a interessar a todo mundo, dos quais se pode dizer que são *omnibus* – isto é, para todo mundo. Os fatos-ônibus são fatos que, como se diz, não devem chocar ninguém, que não envolvem disputa, que não dividem, que formam consenso, que interessam a todo mundo, mas de um modo tal que não tocam em nada importante. (BOURDIEU, 2002, p. 22 – 23).

Homogeneizar opiniões leva ao condicionamento das ações. Em concordância com o autor, levar fatos de pouca importância ao conhecimento da sociedade e privar assuntos relevantes é ferir os direitos dos cidadãos. Os minutos destinados no ar são preciosos e deliberar informação irrelevante comprova a manipulação do conteúdo valioso, pois são poucas as pessoas que leem jornal ou buscam informação em outras fontes.

A média que o brasileiro fica diante da TV é de 3,9 horas diárias. Em algumas vilas periféricas que pesquisamos a média chega a 6 horas e para as crianças, que os pais têm medo de deixar na rua, chega a 9 horas diárias. [...] a relação de comunicação exercida é vertical, de cima para baixo; não faz perguntas, apenas dá respostas. [...] Que diferença haverá entre as crianças de agora e pessoas adultas, que têm hoje mais de 40 anos, que em seu tempo de criança nunca

assistiram TV? E mais: vocês já prestaram atenção à diferença entre uma criança que lê e uma criança que vê TV? A criança que lê vai criando e imaginando em sua mente os personagens do texto: ela cria a figura da Chapeuzinho Vermelho, do lobo, do lenhador, do caçador; já a criança que vê TV recebe todos esses personagens prontos: determinada imagem, tal tamanho, cor, som, movimento. Ela não precisa se preocupar com nada, apenas em “ver”. (GUARESCHI; BIZ, 2005, p. 45).

As crianças de nossa investigação permanecem bastante tempo dentro de casa. Para sua diversão possuem a televisão (100% das famílias e 44% das crianças assistem, pelo menos, a duas horas diárias de programação) e a internet, bem como os jogos de *videogames*, que, juntos tendem a ocasionar o confinamento da família e as induzem a uma alta dose de produtos tecnológicos.

Os *games* são utilizados no mínimo uma hora diária pelos pesquisados que possuem essa opção e a internet, por 72% das famílias estudadas que pagam para ter esse acesso em casa. Para ilustrar, anexamos a capa de um jogo mencionado pelas crianças pesquisadas, chamado *Call of duty 1, 2, 3, 4, 5, 6*, que simula uma guerra, baseado na Segunda Guerra Mundial.

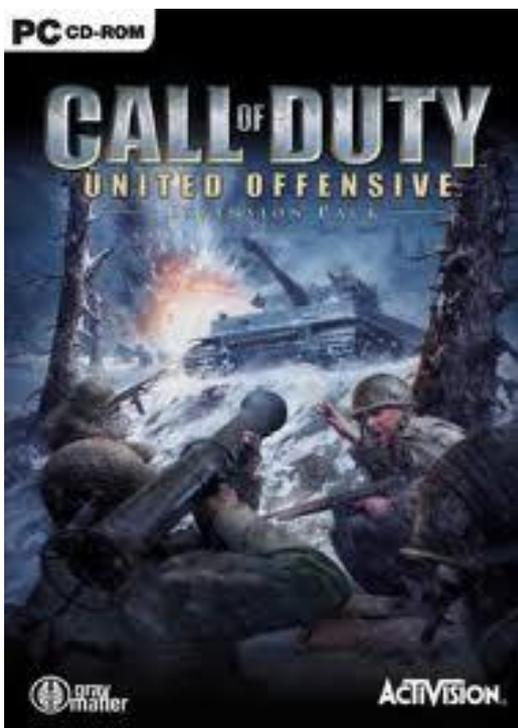


Imagem 18 - Fonte: registrada nas referências em virtude de sua extensão.

Outros jogos poderão trazer conteúdos de cunho erótico, por exemplo, *games* de lutas que também representam lutadoras, mulheres geralmente vestidas com roupas sensuais, com decotes que permitem a exposição de parte do seio e tecidos colantes para ressaltar as curvas e o corpo bem delineado.

Provenzo Jr. (2004, p. 165-166) produziu um estudo sobre “Videogame e a emergência da mídia interativa para crianças” e alerta para o extraordinário condicionamento e para as diversas atitudes que esses jogos provocam. O mesmo autor fala que

[...] jogos em CD-ROM como *Virtual Valerie*, por exemplo, permitem-lhe entrar no apartamento de uma jovem e voluptuosa mulher. Uma vez lá dentro, você pode olhar todas as coisas dela, inclusive sua bolsa, seus livros e até mesmo sua cópia pessoal do jogo *Virtual Valerie*. A meta do jogo é interagir com Valerie. Numa cena, Valerie aparece na tela do computador trajando um sutiã transparente, calcinhas e meia-calça enquanto se deita num sofá. Com as pernas abertas, ela pede ao jogador para retirar seu sutiã, pois acha que está “um pouco quente”. O objetivo do programa é tirar todas as roupas de Valerie e levá-la para a cama. Se você não responder a determinada pergunta corretamente, Valerie não retira as peças de roupa. Dê-lhe a resposta certa, e ela será sua. [...] Muito desta indústria envolverá os tipos de jogos baseados e, tecnologia participativa... [...] O maior público-alvo será sem dúvida as crianças. [...] Se a indústria do videogame está proporcionando o alicerce para o desenvolvimento da televisão interativa, então pais e educadores conscientes têm motivos de sobra para ficar alarmados (grifos do autor).

Com tanto acervo tecnológico, fica evidenciada a influência dos conteúdos ali veiculados à formação da cultura da infância. Guareschi e Biz (2005) mencionam que, em muitos países, as recomendações dadas por pesquisadores, responsáveis políticos e pessoas preocupadas com o impacto da TV e do computador na construção da subjetividade das crianças é de que o tempo de exposição seja o menor possível.

Foi na revista *Vida e Saúde* (2010), a publicação de um artigo que demonstra a preocupação de estudiosos com a falta de movimento lúdico na infância das crianças da atualidade. A pesquisa foi feita para verificar as implicações que a pouca movimentação corporal pode provocar no organismo infantil. A matéria foi divulgada com a chamada: “Desligue a TV: é fato! Ficar

sentado à frente do aparelho de TV ou computador, principalmente se for criança, aumenta a pressão sanguínea” e segue:

[...] o estudo foi publicado no Archives of Pediatrics e Adolescent Medicine e está diretamente ligado ao tempo que se perde de exercício. Na pesquisa ficou claro que crianças que gastam 2 horas ou mais na frente do computador ou da TV têm pressão arterial maior que as que passam tempo menos com os eletrônicos, mesmo entre crianças consideradas saudáveis (Revista Vida e Saúde, p. 24, abr. 2010).

A falta de tempo e a insegurança dos pais em relação ao acréscimo da violência são indicativos importantes a serem observados no cotidiano e podem explicar grande parte das decisões a respeito de deixar as crianças em casa. Nossa pesquisa mostra que 76% das crianças passam a maior parte do tempo não escolar em casa. Hoje chegamos ao que há poucas décadas seria inimaginável – o lugar de brincar é em casa e não na rua.

Enfrentamos, também, uma corrida para acompanhar a demanda tecnológica e a globalização, pois os adultos, cada vez mais atarefados, estão em desvantagem em relação à criança, que ocupa boa parte do tempo livre com investidas à internet, que, de certa maneira, as conecta com o mundo como um lugar das possibilidades, dos desejos, da erotização. Então, convivemos com uma criança que sabe muita coisa do mundo adulto e pouca análise crítica consegue realizar dos dispositivos tecnológicos e dos acervos aos quais têm acesso.

Os responsáveis investigados, quando se referem à infância de seus filhos como não ideal, em resposta à pergunta “– No dia a dia, o que é inadequado para as crianças?” – observam que as crianças fazem muito uso dos aparelhos tecnológicos, bem como assistem a muitos programas de TV que, geralmente, apresentam cenas que incitem ao sexo, como, por exemplo, o *Big Brother*, as novelas, os programas de humor e outros.

A violência também é mencionada por 100% dos tutores legais como fator preocupante, pois justificam que as crianças não brincam na rua ou em locais públicos devido à insegurança e a falta de tempo do adulto em proporcionar-lhes mais momentos de lazer.

São fatores relevantes a serem estudados por fazerem parte do cotidiano, onde as significações e as ressignificações acontecem. Quando solicitamos diretamente à criança: “Escreva duas coisas que você gostaria de ter em seu bairro”, constatamos que 44% das crianças demonstram preocupação em relação à segurança e policiamento, e 40% registram que poderia haver mais postos de saúde, médicos, hospitais, todas preocupações que também deveriam ser de adultos. Em uma situação mais idealizada, as preocupações das crianças poderiam estar relacionadas ao prazer antes da sobrevivência.

Nós, adultos, muitas vezes colonizamos o mundo infantil com vivências, de consumo, de incerteza, de medo, de insegurança e o excesso desses sentimentos pode produzir uma individualização do sujeito. A clausura doméstica reduz o convívio de contato das crianças com seus semelhantes. Mesmo assim, a maioria dos pais pesquisados, por causa da falta de segurança, diz preferir deixar o/a filho/a dentro de casa, pela confiança no espaço privado.

Para muitas crianças, o recreio da escola é um raro momento de brincadeiras com os amigos. Interessante é pensar que talvez esse seja o principal motivo de muitos delas gostarem tanto de ir para a instituição escolar. A referência se faz em base a comentários de pais e responsáveis, que, em dias de muito frio ou chuva, sugerem aos filhos que fiquem em casa e a recusa é imediata. Chova ou faça sol, frio ou calor, as crianças querem contato e convívio com seus iguais.

Outro fator que demonstra relevância é o fato de 31% dos responsáveis pelas crianças responderem à pergunta: “– Como seria a vida ideal para uma criança?”. Resposta: “– Mais convívio familiar”. Conforme viemos delineando, a falta de tempo e de qualidade do tempo junto das crianças deixa a vida familiar a desejar. Os adultos não estão satisfeitos com a vida que estão promovendo aos filhos por geralmente estarem atarefados e preocupados com assuntos relacionados à profissão, ao sustento da família e às questões sociais.

Mesmo quando os adultos estão fisicamente juntos das crianças, eles se distanciam, pois se acumulam tarefas domésticas para serem realizadas e o/a infantil procura se distrair com a televisão, o computador ... a internet. Os

pais ou responsáveis, que oferecem esse recurso às crianças, falam da internet com a preocupação de que as crianças estão conectadas com o mundo e podem acessar *sites* com conteúdos não próprios à sua idade.

Falam ainda de entrar em contato com endereços eletrônicos que, a princípio, pareçam menos inofensivos, mas tendem a promover muita incitação erótica. Um exemplo está no *site* da *Vogue*, de Paris, que lançou um editorial com imagens de diversas crianças com roupas e poses sensuais, com atitudes de adultas. Essa publicidade gerou polêmica entre alguns especialistas, que consideram que as fotos mostram crianças crescendo rápido demais. No *site* pesquisado, diz um dos especialistas que esse ensaio “[...] tem tudo o que um bom editorial de moda deve ter: meninas, maquiagem carregada, salto alto, jóias, poses ousadas [...]. **Mas, com um olhar mais atento, nota-se algo diferente: as “modelos” das fotos são crianças que, certamente, não passam dos seis anos de idade** (WWW.GNT.GLOBO.COM, 2011, grifos do editorial).

Retiramos uma imagem do referido *site* para mostrar que a brincadeira de se vestir como a mãe ou como alguém adulta, virou coisa séria, ou seja, essa publicidade poderá exercer influência na construção desses e de outros corpos infantis.



Imagem 19 - Fonte: <<http://gnt.globo.com/Estilo/Ensaio/Foto-ou-inapropriado---Vogue-francesa-publica-editorial-polemico-com-criancas.shtml>>. Acesso em: 18 jan. 2011, 2:53.

Não queremos afirmar que as repetições de tais imitações determinarão um comportamento de clichê, mas não podemos descartá-las, uma vez que

[...] as diversas representações de corpo da mídia vão se conflitar, articular ou simplesmente conviver com outras representações de corpo veiculadas nos espaços de convivência dos sujeitos. São as roupas da moda, a nova cor de cabelo, as tatuagens, os *piercings*, o corpo “sarado”, a “malhação” em academias, a dieta da moda (das proteínas, da lua, das frutas, etc.), o tipo de linguagem, os lugares mais adequados, a camisinha, a comida do *fast food*, a música do momento, a capa do caderno, a estampa da camiseta, enfim, há um mundo na cultura de *commodities* capaz de identificar, de tornar visíveis os grupos de acordo com as escolhas que cada um faz, marcando no corpo as pertencas, os lugares que ocupamos, as identidades que construímos. (ANDRADE, 2008, p. 120).

A autora nos mostra que é inevitável a convivência com tais comportamentos, porém o diferencial está em como cada sujeito lidará com tanta informação, com as constantes provocações divulgadas pela mídia por meio das publicidades, e em como as crianças enfrentarão os desafios lançados pela sociedade da indústria e do comércio, que, aos nossos olhos incitam, as crianças a crescerem rapidamente.

A objetivação humana se inclina em direção à erotização dos corpos como mercadoria, realidade essa cada vez mais presente nas experiências diárias dos sujeitos. A sociedade da indústria, da tecnologia e da consumo tende a banalizar o sexo, tornando-o normalizado, inclusive para as crianças. Sustentamos nossa afirmação com estudiosos como Jipson e Reynolds (2004), quando analisam o impacto das propagandas na vida e no comportamento dos sujeitos, principalmente dos comerciais sexistas. Argumentam que,

[...] em algum ponto tudo se torna confuso. [...] É confuso quando você pensa em realmente viver de acordo com ditames da cultura popular. (...) Eu penso que vem em parte de todo o conteúdo que você “pegou” quando era pequeno, carregou consigo, elaborou e passará adiante. (idem, p. 361; grifos dos autores).

Os mesmos autores mencionam que as discussões com os grupos estudados os levaram a um debate sobre a “[...] cirurgia plástica eletiva como

uma questão de classe social, brinquedos de criança com características sexuais como economia exploradora, e a revista *Vogue* como pornografia *light*” (JIPSON; REYNOLDS, 2004, p. 362 – grifos dos autores).

Outra ação que parece normalizada é o fato de as crianças terem *Orkut* – é uma rede social filiada ao *Google*, criada em 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e a manterem relacionamentos. Para a criança ter acesso a esse dispositivo, ela precisa omitir ou modificar seus dados.

No começo de 2010, fizemos algumas investidas no *Orkut* de 24 crianças, integrantes da pesquisa, para verificar seu comportamento na rede. Ao consultar o perfil de cada uma, onde constam as informações pessoais, no campo estado civil, 30% registraram “namorando”, 33% “solteiro”, 4% “casado” e a diferença de 33% ou não responderam ou não deixaram visível a informação.

São crianças de nove e dez anos, que passam por adultas e se abrem aos acessos de qualquer tipo. Não está errado ter internet, nem que as crianças a usem, mas os adultos responsáveis devem regrar o uso pelas crianças e as empresas devem atuar com mais responsabilidade na divulgação de seus interesses e encontrar maneiras de quando se tratar de conteúdo adulto, promover chaves de segurança para restringir que elas tenham esse tipo de contato.

Há muitos poderes envolvidos na erotização precoce no interior das casas, porém há outros mecanismos, fora de casa, que é o caso de bancas e revistas e vários outros inseridos no cotidiano.

2.3.2 OUTDOORS, BANCAS E REVISTAS, PANFLETOS, MÚSICAS, MATERIAIS ESCOLARES, ROUPAS...

Neste item desenvolvemos uma discussão dos demais mecanismos levantados na pesquisa, dispositivos que situamos no espaço público, onde o comportamento erotizante está quase normalizado. Nas entrevistas, os responsáveis pensavam para responder a pergunta: “Têm coisas (imagens, músicas, danças, outros) que no dia a dia são inadequadas para as crianças?

O quê? Por que não é aconselhável que as crianças tenham acesso a essas manifestações?” “A música”, respondem, como se não estivessem certos de mencionar ou como alguém que não se dá conta de que nas músicas, nas letras e nas danças, também existem incentivos eróticos. Após a reflexão, afirmavam: “Sim, as músicas com letras inadequadas e quando acompanhadas por coreografias e pessoas com pouca roupa”.

Algo praticamente normalizado é o *outdoor*, com o qual adultos e crianças têm contato. Para exemplificar, trouxemos um deles, situado no trajeto escolar das crianças pesquisadas. Apresentamos o *outdoor* da marca 775, que, por meio de gestos, incita a imaginação – paixão, romance, balada, festa, sexo... – do que acontecerá depois.



Imagem 20 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 06/03/10, Cascavel-PR.

Aqui, mostramos o quanto a sutileza da disciplinarização (erótica) faz parte do cotidiano. A infância que ajudamos a construir pode se modificar com mais rapidez em virtude de algumas banalizações. Não é correto mediocrizar a infância, tornar triviais conceitos como a sexualidade que auxiliarão no desenvolvimento e na formação da criança.

Um roteiro curioso foi à ida a campo para fotografar as bancas de revistas em diferentes datas. Em 13 de agosto de 2009, as principais ruas e avenidas da cidade de Cascavel não apresentavam material publicitário no exterior das bancas, conforme conseguimos constatar pelas imagens abaixo.



Imagem 21 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 13/08/09, Cascavel-PR.



Imagem 22 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 13/08/09, Cascavel-PR

As fotos de bancas no mês de agosto, período de frio, praticamente não mostram publicidade erótica, porém nos *outdoors* e nas bancas fotografadas no

mês de março e abril de 2010, estação não tão fria, a realidade é outra. O exterior de algumas bancas, e a representação do *outdoor*, que trouxemos, apresentam muita incitação ao sexo, totalmente visível a qualquer transeunte.



Imagem 23 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 6/3/2010, Cascavel-PR.



Imagem 24 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 1º/4/2010, Cascavel-PR.

A mídia faz uso da indústria cultural (ADORNO, 2002, p. 27), com “a reprodução do sempre igual”, mas com constantes novidades. Consultamos os responsáveis para saber o que mais havia no caminho das crianças e nos diferentes caminhos, percorridos por elas. O estabelecimento que predomina (com 92% de menção) são os bares e, e os *outdoors* também aparecem com 44%.

A foto abaixo mostra bares nas proximidades da escola – Imagem 25 na esquina e outra (Imagem 26) ao lado – em que os alunos pesquisados estudam.



Imagem 25 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 9/9/2010, Cascavel-PR

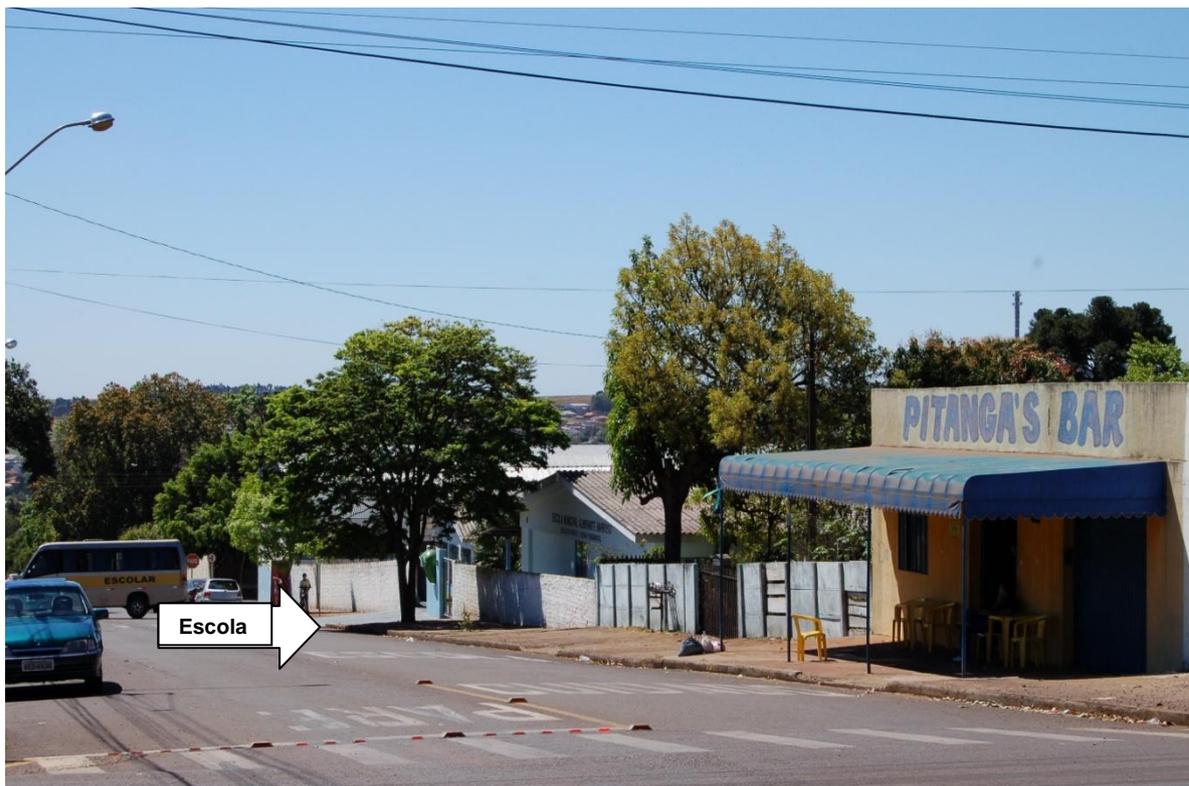


Imagem 26 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 9/9/2010, Cascavel-PR

Abaixo apresentamos fotos de trajetos de algumas crianças investigadas. Na Imagem 27 aparece um *shopping* – região de destaque para os *outdoors* - que fica a três quarteirões da instituição escolar.



Imagem 27 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 9/9/2010, Cascavel-PR.

A próxima (Imagem 28) mostra outros *outdoors*, igualmente próximos da instituição escolar.



Imagem 28 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 9/9/2010, Cascavel-PR.

E, para encerrarmos a sessão de exemplos, na Imagem 29 visualizamos um restaurante e, ao outro lado da rua, um estabelecimento de revenda de bebidas, inclusive alcoólicas.



Imagem 29 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 9/9/2010, Cascavel-PR

A ligação desses exemplos com a erotização da infância está na diversidade de estímulos que o mundo adulto oferece à criança, pois ela transita pelos mesmos lugares. O fato é que a criança tem pouca experiência, científica/intelectual e de sociabilidade. Ele/a ainda não consegue estabelecer relações e ponderar adequadamente (de forma crítica) as informações que recebe. Partilhamos com Ussel (1980); Sarmiento (2005) e Müller (2007) a ideia de que o ser humano – inclui-se a criança – é um ser social. Aprende com seus pares e ensina. Dadas as condições, reagirá.

A erotização permeia os mundos dos adultos e dos infantis, da vida pública e da vida privada. Está em muitos lugares – dentro e fora de casa. É o momento de permitir que a criança viva essa etapa de sua vida sem a pressão e a aceleração imposta pelos adultos. Precisamos reforçar uma contra-hegemonia para as questões relativas ao consumo do corpo e a uma infância precocemente erotizada.

Os sujeitos, especialmente as crianças, que são nosso foco de estudo, realizarão suas ressignificações alicerçadas nos sentidos que recebem cotidianamente, pois, para Sabat (2008, p. 155), “[...] quando falamos em significados, estamos falando de quaisquer objetos, imagens, conhecimentos que se tornam culturais quando, a partir de nossas práticas sociais, lhes damos sentido”.

Para conter os excessos ou abusos veiculados nas publicidades, surge a necessidade de regras e normas que regulamentem essa atividade, principalmente aquela que chega até as crianças, por se tratar de um sujeito em formação, em desenvolvimento e estar em desvantagem de idade e vivências perante os adultos.

3 A EROTIZAÇÃO NO LIMAR DA VIDA PÚBLICA E DA VIDA PRIVADA

A vida pública e a privada tendem a se (con)fundirem na contemporaneidade. Existe uma linha tênue que separa as duas realidades, que, muitas vezes, não são consideradas em virtude dessa miscigenação entre as duas experiências. Neste tópico, para dar um significado maior às constatações da pesquisa, decidimos tratar a respeito de como esses dois mundos, gradativamente, se constituíram e aos poucos se descaracterizam. Sua relevância está no fato de as crianças transitarem pelas duas realidades sem, em determinados momentos, haver distinção entre o que é próprio do público e qual a limitação do privado.

A Modernidade tratou de instituir a casa como lugar para o âmbito privado, porém a contemporaneidade, sob grande influência das tecnologias, tem misturado esses mundos e a criança pode confundir, pois muito do que é público adentra a casa e diversos conteúdos, que seriam próprios da vida privada, foram exteriorizados.

3.1 UM POUCO DE CIVILIDADE: relações entre vida pública e vida privada

Neste item abordamos a erotização que pertencia ao âmbito público e se integra na vida privada. Boa parte do processo tem início com as normas de convivência social e com as regras dos bons costumes, ou seja, normas de civilidade. Ocorre que, na contemporaneidade, vivenciamos um momento em que a erotização é tirada do mundo privado, do âmbito da intimidade e levada para o mundo da vida pública. São as técnicas de poder, de um quase adestramento do corpo social, que se evidenciam no cotidiano da erotização precoce.

Civilidade, no Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (2008, p. 310), significa “qualidade de civil; boas maneiras, boa educação; observância dos usos recebidos na boa sociedade”. Então, podemos dizer, em concordância com Elias (1994, p. 23), que

[...] o conceito de “civilização” refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras,

ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode-se referir ao tipo de habitações ou a maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há o que não possa ser feito de forma “civilizada” ou “incivilizada”. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo o que se pode descrever como civilização (grifos do autor).

Nos registros do mesmo autor encontramos referências no sentido de que a civilidade se constrói historicamente, pois há mudanças nos entendimentos do que seja vergonha, delicadeza, sentido dos ruídos dos corpos e outros. Assim, portanto, o processo civilizador redefine o padrão do que a sociedade exige ou proíbe. A forma como determinadas sociedades ou culturas administram tais normas pode ter cunho incomum quando pensadas linearmente ou de maneira diretiva, pois cada sujeito as interpreta e as assimila de acordo com suas vivências.

Na Idade Média, segundo alguns autores da Coleção da Vida Privada (ARIÈS, 1993; CASTAN, 1993; DUBY, 2009), a vida era predominantemente pública, não havia muita preocupação dos sujeitos em estabelecer limites de comportamentos em relação à sexualidade e aos hábitos que hoje consideramos íntimos ou restritos à vida privada.

No final da Idade Média, começou-se timidamente a regulamentar os comportamentos, pois as manifestações do corpo expressavam e exteriorizavam intimidades, “revelam as disposições da alma” (REVEL, 2009, p. 172). Determinadas ações seriam toleradas quando realizadas na intimidade ou no âmbito privado, já no meio social (público), os hábitos estariam mais regradados.

Ussel (1980, p. 63), escreve que

[...] a partir do século XVI as emoções tornaram-se mais reservadas: matar, espancar, arrancar os cabelos com desespero, manifestar a sua alegria ou sua dor, zombar do pária social, deram lugar a manifestações interiorizadas. Parecia que a paz, a calma cresciam ao mesmo tempo que a uniformidade e o tédio, no lugar da antiga proximidade surgia um maior distanciamento. O nascimento, a doença, a morte, as crises da existência humana, [...] o amor e quase tudo o que dizia respeito à sexualidade, incluindo o que nada tinha a ver com ela, foram isolados na esfera da intimidade, nos

esconderijos da psique, ou então “postos de quarentena”. [...] Da mesma forma que as emoções passaram a ser rodeadas por “muros” invisíveis, diferentes setores da existência foram também arrastados para trás dos muros de pedra. A porta principal da casa, que se podia transpor mesmo sem ser esperado – conforme a hospitalidade daqueles tempos –, foi fechada à chave (grifos do autor).

Na obra “Repressão Sexual”, o referido autor menciona os *Colóquios*, de Erasmo de Roterdã, como um guia para a educação das crianças em meados do século XVIII. Esses escritos auxiliaram na composição do novo comportamento social para a época.

Revel (2009) também faz referência, no começo da Modernidade, a Erasmo, com a obra “A Civilidade Pueril”, que fora publicada pela primeira vez em 1530, na Basileia, na qual os novos comportamentos, tidos como corretos, começam a ser evidenciados para o ambiente público e, de certa maneira, muitos são seguidos até a atualidade. A sociedade, gradativamente, aceitava e incorporava aquelas normas e dedicava olhares de repreensão aos que insistiam ou resistiam em aderir às novas convenções sociais.

A sociedade moderna entra em um processo de mudança nos hábitos rotineiros, de boas maneiras, pois

[...] se o corpo diz tudo sobre o homem profundo, deve ser possível formar ou reformar suas disposições íntimas regulamentando corretamente as manifestações do corpo. É a razão de ser de uma literatura que prescreve os comportamentos lícitos e, mais ainda, proscreve os que são considerados irregulares ou maus. Considera-se a intimidade apenas para manipulá-la e adequá-la a um modelo que é o do meio-termo, o da recusa a todos os excessos. (REVEL, 2009, p. 173).

Os novos comportamentos primeiro são ensinados às crianças como procedimento pedagógico, uma vez que elas ainda não foram “[...] pervertidas pela vida social e está aberta a todos os aprendizados e ao mesmo tempo encarna uma espécie de transparência elementar: não sabe esconder nada do que ela é” (REVEL, 2009, p. 174).

Surge, assim, um registro de boas maneiras para conter os movimentos corporais, e certos outros movimentos passariam a ser considerados

inadequados na presença de outras pessoas. Elias (1994, p. 83-99) registra etiquetas à mesa que começam a ser praticadas.

Ainda se come carne com a mão, mesmo que Erasmo enfatize que deve ser apanhada com três dedos, e não com a mão toda. É repetido ainda o preceito de não cair como um glutão sobre a comida, bem como a recomendação de lavar as mãos antes de jantar, e os anátemas contra escarrar, assoar-se, o uso indevido da faca e muitos outros.

a) Exemplos que representam o comportamento da classe alta em forma razoavelmente pura:

Século XIII

Veamos o poema de Tannhäuser sobre as maneiras corteses: 33. Um homem refinado não deve arrotar na colher quando acompanhado. É assim que se comportam pessoas na corte que praticam má conduta.

Em *The Book of Nurture and School of Good Manners*:

57. O homem que limpa a garganta pigarreando quando come e o que se assoa na toalha da mesa são ambos mal-educados, isto vos garanto.

69. Não sejas barulhento à mesa, como algumas pessoas são. Lembrai-vos, meus amigos, que coisa alguma é tão grosseira.

81. Considero maneiras péssimas alguém com a boca cheia de comida e que bebe ao mesmo tempo, como se fosse um animal.

De *The Babees Book*:

149. E de modo algum bebas com a boca cheia.

117. Não limpes os dentes com a ponta da faca, como fazem algumas pessoas. Isto é um mau hábito.

Século XV

De S'ensuivent les contenance de la table (Estas são boas maneiras à mesa):

Lava as mãos quando te levantas e antes de todas as refeições.

Não reponhas em seu prato o que esteve em tua boca.

No verso 141. Cf. *Stans puer, in mensam*:

11. Illotis manibus escas ne sumpseris unquam.

Nunca pegues comida com mãos que não foram lavadas (ELIAS, 1994, p. 83-99).

Mesmo com o passar dos séculos, conservamos alguns costumes e nos diferenciamos em outros, como, por exemplo, mantemos o uso dos talheres, apesar de remodelá-los. Boa parte das pessoas, inseridas na sociedade contemporânea – urbana –, ainda controla os ruídos proibidos do corpo (arrotar em público não é adequado, bem como se faz necessário controlar a flatulência), não se dialoga com a boca cheia, etc.

Existem, porém, algumas mudanças em virtude das diferenças sociais e do processo de industrialização, como, por exemplo, quando há o excesso de trabalho ou dos diversos afazeres (domésticos e profissionais) e então fazemos as refeições fora de casa, em restaurantes, *fast food* ou por meio de um pedido de comida de pronta-entrega no local indicado (casa, trabalho ou outro lugar).

Com a entrada na Modernidade, se intensificam os bons costumes relativos à vida pública, bem como os cuidados com as crianças, como expressa Ariès (1981), que participavam menos das festas dos adultos, pois ali obtinham informações relativas ao mundo das experiências dos mais velhos, o que já se pronunciava como inadequado.

Ranum (2009) afirma que ações antes consideradas normais e que ocorriam diante de várias pessoas, no âmbito público, da coletividade, com a Modernidade também ganham lugar próprio. Nos novos rituais, inserem-se as práticas relacionadas ao sexo, que ficam restritas aos lugares fechados.

As exposições de certas cenas de cunho erótico a praticamente todos os sujeitos tornam-se corriqueiras na contemporaneidade e a organização mencionada por Foucault (1979), de muitos conceitos que a Modernidade trouxe, como a ideia de um lugar para cada coisa, um espaço público e outro privado, das instituições, das restrições e de algumas classificações, já não estão tão definidas porque começam a se miscigenar.

Muitas dessas ações podem ter assumido um rumo não desejado por vários de nós, pesquisadores, mas um fato positivo a considerar é o lugar que a criança e a infância receberam a partir da Idade Moderna, certamente melhor que aquele da Antiguidade e da Idade Média. Nem a Modernidade é de toda má, nem tampouco a Contemporaneidade. A conformação de um lugar social para a infância necessariamente marca limites entre o que é próprio dela e o que não é e, ao fazê-lo, restringe, de alguma maneira, o campo de ação de

quem não é criança. Paradoxalmente, da Modernidade à Contemporaneidade a liberdade tem sido cada vez mais garantida em termos legais. Há mais liberdades e mais restrições.

Nem toda restrição é ruim. Dependerá do fim a que se destina e para que resultado será utilizada, bem como por quem. A liberdade de alguns pode ferir o direito à mesma liberdade que o outro também partilha. Isso ocorre em virtude de interesses particulares que se sobrepõem aos interesses da coletividade.

Um exemplo são as imagens eróticas explanadas em *outdoors*, em bancas de revistas e aquelas exibidas pela televisão, bem como por outros veículos de expressão. Ou seja, o que a mentalidade da época Moderna reservou para a intimidade do adulto, agora está sendo exposto publicamente para os sujeitos de diversas faixas etárias, com um interesse superior do comércio sobre o interesse da educação infantil.

A sociedade atual aparenta reavivar uma alteração da cultura do íntimo/privado, para íntimo/público, pois, quando circulamos em lugares comuns, onde os diversos sujeitos trafegam, podemos encontrar imagens com teor erótico em vários dispositivos midiáticos e de outros meios de divulgação que associam a sexualidade a um produto.

Agora invertia-se também a definição de público, transformado em território onde são exibidos os assuntos particulares e bens pessoais – e o fato de ninguém poder razoavelmente alegar que eles afetem seus interesses privados ou bem-estar individual foi declarado irrelevante para a questão de tal exibição. Verdade, a exibição foi declarada como “de interesse público” – mas, além disso, o significado de “interesse” também passou por uma mudança essencial, sendo agora reduzido ao de curiosidade e “interesse” em matar essa curiosidade. Tornar público o que quer que desperte ou possa despertar curiosidade virou cerne da ideia de uma coisa “ser do interesse público”. E cuidar de exibir de forma atraente o que se divulga de modo a despertar curiosidade virou a principal medida do “bom serviço ao interesse público”. (BAUMAN, 2000, p. 71 – grifos do autor).

Para nós, o que é de interesse público deve ser decidido por uma posição ética: o que é de interesse público precisa ser educativo para *todos* os sujeitos. Educativo em que sentido? No sentido mais profundo da evolução

civilizatória, isto é, deve existir respeito em plenitude aos sujeitos em relação com o mundo. Ter clareza da nossa responsabilidade em influenciar as pessoas no tempo presente e as gerações futuras.

O acesso à diversidade de informação e de conhecimento não é entendido por nós, pesquisadoras, como algo negativo. Ao contrário. Muito se cresceu em conhecimento, também por meio da globalização, porém começamos a presenciar alguns retrocessos quando os sujeitos são esquecidos, entendidos como objetos, quando as crianças são erotizadas ou se tornam invisíveis perante a sociedade, conforme alerta Sarmiento (2007, p. 37), quando estas são “privadas do exercício de direitos políticos” por serem ignoradas como atores sociais, consideradas inaptas, incapazes. Muitas empresas não se importam em mostrar cenas que incitem o ato sexual em vias públicas ou em levá-las para dentro das casas dos sujeitos nos mais variados horários, pois para elas o importante é produzir desejos nos corpos adultos e infantis, sem a preocupação de se é adequado para a criança ser estimulada precocemente, tanto ao consumo como às práticas sexuais.

Abaixo arrolamos a imagem de um *outdoor* que foi divulgado em uma avenida de Soho (bairro em Nova York), que gerou protestos de alguns populares por considerarem a publicidade pornográfica.



Imagem 30 - Fonte: <<http://rainydays.rockerspace.net/protestos-contra-outdoor-da-calvin-klein/>>. Acesso em: 27/7/2010, 13:45.



Imagem 31 - Fonte: <<http://rainydays.rockerspace.net/protestos-contra-outdoor-da-calvin-klein/>>. Acesso em: 27/7/2010, 13:45.

Chega a parecer que Bauman (2000) falava do *outdoor* acima, quando escreve que, para saciar a curiosidade, rompe-se com os segredos, não há escândalos, o que aparece é o singular interesse em satisfazer o desejo gerado. Soltam-se os risos, os gestos e, entre uma aparente liberdade, os corpos podem, novamente, como diria Foucault (1988), pavonear e mostrar sua exuberância desprovida de restrições. Tais manifestações podem ser justificadas e consideradas de utilidade, uma vez que estão aí para agradar, saciar e despertar os desejos dos sujeitos.

A falsa sensação de felicidade que esse tipo de exposição pública possa promover em algumas pessoas acaba em si quando o sujeito supre o desejo e descobre que aquilo já não o faz feliz. Bauman (2000, p. 72) comenta a promessa feita ao indivíduo, de que, quando compra um produto, este vem acrescido de felicidade. Ocorre, porém, que, quando o sujeito leva o objeto para casa, ele não leva a felicidade junto e logo sentirá nova insatisfação, pois

o vazio criado retorna quando se dá conta de que aquele produto não o satisfaz mais, não o deixa feliz.

As consequências das escolhas dos sujeitos, indiferentemente se foram induzidos ou não a fazê-las, e os seus possíveis arrependimentos sobre determinadas ações, só cabem a eles, pois, como esclarece o autor, a empresa ou o Estado “jamais assumirá a responsabilidade no lugar do indivíduo”. Ser feliz, afinal, fica sob responsabilidade de cada um.

Por falar em escolhas e em consequências, fazemos alusão às preferências ousadas do Marquês de Sade, que chocou a sociedade da sua época e ainda consegue abalar as estruturas morais de muitas pessoas da sociedade atual. O Marquês de Sade tem aqui o papel de caracterizar lugares e tempos. Situar o lugar do privado quando se utiliza dele para a satisfação de seus desejos, bem como caracterizar o corpo como objeto, que, de certa forma, segue até os dias de hoje.

3.2 DAS SUBJUGAÇÕES QUASE EXPLÍCITAS DO MARQUÊS DE SADE ÀS INCORPORAÇÕES SUTIS DA ATUALIDADE

Nossa intenção é trazer uma análise do corpo que, na atualidade, se tornou objeto de prazer e de consumo. O ser humano tem sido destituído de sua humanidade desde muito cedo, ainda quando criança, o que nos lembra o Marquês por suas ações no uso dos corpos dos sujeitos.

Atualmente podemos relacionar as atitudes de Sade, esse dominador de corpos (por desconsiderar o ser humano e usá-lo como satisfação pessoal, independente do consentimento deles), com muitas empresas que fazem o mesmo quando desumanizam os sujeitos (mulheres, crianças e homens), ou seja, também os subjugam pela obtenção e manutenção do poder. O que, porém, para a época de Sade era considerado transgressão, isso hoje tende a se normalizar.

Podemos estabelecer relações entre o Marquês e as empresas da contemporaneidade, quando dedicam tempo e recursos para a aplicação de mecanismos na tentativa de gravar na identidade dos sujeitos o conceito de que o corpo também é objeto. Principalmente um artigo, artefato que pode ser

adquirido em qualquer prateleira de supermercado, bazares, lojas, sorveterias, etc. e igualmente em departamentos com produtos infantis. Ou seja, o corpo humano e social perde partes de sua humanidade para se coisificar.

No momento em que há um rígido controle na esfera sexual, em plena Revolução Francesa, surge um sujeito contraventor que procura romper com as normas aceitáveis, tidas como politicamente corretas pela sociedade do século XVIII. Ele utiliza a libertação dos desejos sexuais como forma de protesto e como maneira de afrontar o poder dominante.

A grande tentativa de Sade, com tudo o que pode ter de patético, reside no fato que trata de introduzir a desordem do desejo em um mundo dominado pela ordem e pela classificação. Isso é o que significa exatamente o que denomina “libertinagem”. O libertino é o homem dotado de um desejo suficientemente forte e de um espírito suficientemente frio para conseguir fazer entrar todas as potencialidades de seu desejo em uma combinatória que esgota absolutamente todas (DE2, 375). (CASTRO, 2009, p. 105-106 – grifos do autor).

O comportamento transgressor do Marquês de Sade transforma as pessoas em objeto de satisfação e de aperfeiçoamento do uso dos prazeres. Cabe, ao fazer o registro do século XVIII sobre a história da vida pública e privada, mencioná-lo, pois seus escritos relatam uma sexualidade exacerbada, inclusive com crianças e jovens (meninos e meninas) sem pudores, que poderia ruborizar a face de sujeitos ditos liberais, como exemplo, a leitura de “A Filosofia na Alcova”.

No prefácio do referido livro são dadas algumas informações a respeito de Donatien Alphonse François de Sade, mais conhecido por Marquês de Sade, nascido em 1740. Aristocrata francês e escritor libertino, morreu em 1814, aos 74 anos e sua trajetória é marcada por uma série de turbulências. Seu casamento foi arranjado, não ama sua esposa, porém manifesta sentimentos mais profundos pela cunhada.

A família, ao perceber as intenções e os sentimentos que o Marquês declinava à cunhada, a interna em um convento. Aqui inicia o drama de Sade, que se envolve com libertinos e manifesta comportamentos que marcam a derrocada dos valores morais para uma convivência social amistosa. Seu

pensamento começa a contrapor os interesses religiosos desse período e, por ser adepto ao ateísmo, refuta a filosofia cristã.

Os contos escritos pelo Marquês serviam para propagar seu pensamento e o caracterizaram como transgressor por fazer apologia ao crime, já que, na época, ir contra o cristianismo era considerado, por muitos, como um ato criminoso. Por causa dos afrontamentos, foi condenado a permanecer encarcerado em um manicômio, onde escreveu a maior parte dos seus contos.

A polêmica gerada a partir dos seus escritos confere o surgimento de um termo médico conhecido por sadismo – “perversão sexual cuja satisfação deriva da necessidade de praticar atos de violência ou crueldade com outra pessoa. Prazer obtido com a prática de atos cruéis”, conforme consta no dicionário Escolar da Língua Portuguesa (2008, p. 1153).

Eventuais críticas tecidas pelo Marquês de Sade eram direcionadas à moral e aos bons costumes, de base cristã, difundidas na sociedade da época (século XVIII), pois a ideia de ser um sujeito bem sucedido estava atrelada aos costumes da caridade e da obediência. Por perceber divergências no comportamento de pessoas tidas como exemplares, ele utiliza os contos para denunciar a perversão dos bastidores da comunidade cristã e extravasar seus desejos mais ocultos.

Suas ações confirmam que as mulheres e as crianças são tidas como objetos de prazer e se sente autorizado a sequestrar e a torturar essas pessoas que serviam aos seus deleites. Geralmente eram pessoas da nobreza que participavam das festas do Marquês, ou seja, sujeitos da mais alta sociedade (PASOLINI, 1975).

As subjugadas eram levadas para um castelo de propriedade do Marquês e serviam de alimento para matar o desejo excêntrico ou a fome sádica (sexual) da qual estavam acometidos alguns sujeitos do século XVIII. As pessoas eram sequestradas e levadas para as prisões do castelo onde, geralmente, passariam o fim dos seus dias encarceradas e privadas de liberdade – a não ser que conseguissem fugir. Então, esses/as humanos/as eram retirados/as do convívio público para serem enclausurados em uma vida privada, sem a liberdade de viver em acordo com suas aspirações.

Em seus escritos, o Marquês delineia uma espécie de declaração dos direitos do erotismo,

[...] onde a natureza e a razão servem aos direitos de um egoísmo absoluto. [...] A obra de Sade glorificava e ao mesmo tempo desencaminhava a liberdade, a igualdade e até mesmo a fraternidade. A liberdade consistia no direito de buscar o prazer sem consideração pela lei, pelas convenções, pelos desejos dos outros (e esta liberdade, ilimitada para alguns, significava em geral a escravidão das mulheres escolhidas). [...] O privado ocupa um lugar muito especial nos romances de Sade. Ele é necessário para os jogos mais cruéis, apresentando-se quase sempre sob a forma de uma prisão. [...] Nos romances de Sade, o privado é o lugar onde as mulheres (às vezes crianças, inclusive garotos) são encarceradas e torturadas para o gozo sexual dos homens. (HUNT, 1991, p. 47-49).

Aparece uma separação entre o que é próprio da vida pública e do que é da vida privada, o que, na contemporaneidade, tende a se fundir, confundir-se, porque muito do particular e do íntimo está exposto ao público e vice-versa.

Interessante é que o Marquês inicia seu movimento como um protesto contra a repressão sofrida em meados da Revolução Francesa e o que acaba por fazer, não apresenta muitas diferenças de conceitos, pois ele efetiva um controle da vida daquelas pessoas, passa a ser dono delas.

Similarmente poderíamos dizer que, na atualidade, muitas crianças também são subjugadas por adultos, quando estes se sentem seus donos. Desprovidos de vida própria, as crianças são vistas, entendidas, por muitos adultos, como aquelas que não sabem, não trabalham, não têm razão, como bem escreve Sarmiento (2007), porém, para a sociedade neoliberal, elas são entendidas como aptas para consumir. O valor do sujeito é atrelado ao que pode comprar, gastar, produzir de lucro. Uma visão estritamente comercial, onde se situa a família, o Estado, a sociedade em geral, o lugar público e o espaço privado. A criança, para o espaço público, onde as empresas de comunicação têm o poder, significa moeda, um objeto.

Essas situações rotineiras na vida dos sujeitos são observadas atentamente pelas crianças e muitas seguirão como exemplo. Preocupamo-nos com a exposição da criança aos costumes mais íntimos dos adultos, aqueles que, entendemos, deveriam permanecer no âmbito privado, porque a criança

precisa construir gradativamente esse conceito e incorporar conhecimentos de maneira que possa ser influenciada para uma mentalidade a favor de relações humanas generosas, amáveis, que valorizam o corpo e a pessoa enquanto potenciais sujeitos iguais nos seus direitos.

3.3 O PRIVADO E O ÍNTIMO: a casa, a mulher e a família

Para caracterizar uma distinção entre privado e íntimo, discutimos a constituição de certos valores que, gradativamente, incorporaram e geraram esses conceitos. A casa, a mulher e a família tiveram papéis de destaque na formulação da máxima: privado e íntimo. A relevância dessa temática para este estudo está na importância da qualidade da socialização e de como se constituem tais relações. Principalmente para as crianças, que estão mais suscetíveis a todo tipo de informação como a sensualidade adulta voltada para um erotismo que não restringe idade, etnia e gênero. Agrupa todos/as em um objetivo, o de criar desejos e estimular o consumo de objetos e do sexo como produto.

A organização das famílias no período agrícola se dava por convivências amistosas, porém a ideia de família consanguínea foi constituída gradativamente. Em virtude do acúmulo de patrimônio (terras, gado, imóveis e outros), manter as relações familiares apenas pelos laços de convivência era uma preocupação, já que os bens seriam divididos entre estranhos. A inquietude em preservar o patrimônio entre herdeiros legítimos, configurados pela descendência do sangue, provoca alterações no conceito de família. Ariès (1981, p. 211-212) afirma que, em meados do século XIII, “[...] o estreitamento dos laços de sangue que então se produziu correspondia a uma necessidade de proteção [...]”, de que, posteriormente, o direito à herança passa a ser do primogênito.

Ainda em concordância com esse autor, o que importava era constituir uma relação familiar alicerçada na garantia de continuidade hereditária, pois inicialmente se geraram constrangimentos quando foi destinado o direito apenas ao primogênito, como registra Ariès (1981, p. 234):

[...] os problemas morais da família apareceram então sob uma luz nova. Isso fica evidente no caso do antigo costume que permitia beneficiar apenas um dos filhos em detrimento dos irmãos, em geral o filho mais velho. Tudo indica que esse costume se difundiu no século XIII, para evitar o perigoso esfacelamento de um patrimônio cuja unidade não estava mais protegida pelas práticas de propriedade conjunta e solidariedade de linhagem, mas, ao contrário, era ameaçada por uma maior mobilidade da riqueza. O privilégio do filho, beneficiado por sua primogenitura ou pela escolha dos pais, foi a base da sociedade familiar do fim da Idade Média até o século XVII, mas não mais durante o século XVIII. [...] a partir da segunda metade do século XVII, os moralistas educadores contestaram a legitimidade dessa prática, que, em sua opinião, prejudicava a equidade, repugnava a um sentimento novo de igualdade de direito à afeição familiar [...].

É uma trajetória do público para o privado, por meio da família que sofre influência do meio público. Podemos dizer que, de forma geral, os fenômenos não são somente privados nem puramente públicos, pois ambos estão inter-relacionados.

No *dicionário escolar da língua portuguesa* (2008, p. 1044), o âmbito público é o concernente ou pertencente ou destinado ao povo, relativo ao governo do país. Ainda,

[...] diz-se público o que é comum, para o uso de todos, o que, não constituindo objeto de apropriação particular, está aberto, distribuído, resultando a derivação no substantivo *o público*, que designa o conjunto daqueles que se beneficiam dessa abertura e dessa distribuição. (DUBY, 2009, p. 17).

É na França do século XIX que Duby (2009) escreve sobre os conceitos do que é público e do que é privado, constituídos a partir do início da Idade Moderna. Se o público tem referência com o que é de todos, pertencente e é de acesso de todos, então o privado, a princípio, é o contrário, é o que está no âmbito pessoal, simbolizado pela família sob os domínios da casa.

O autor registra que descobre nos dicionários franceses,

[...] de início um verbo, o verbo *privar*, significando domar, domesticar, e o exemplo dado por Littré, "um pássaro privado", revela o sentido: extrair do domínio selvagem e transportar para o espaço familiar da casa. Descubro em seguida que o adjetivo *privado*, considerado de maneira mais geral, também conduz à ideia de familiaridade, agrega-se a um conjunto

constituído em torno da ideia de família, de casa, de interior. (DUBY, 2009, p. 15-16 – grifos do autor).

Em a “A Vida Privada dos Notáveis Toscanos no Limiar da Renascença”, de Charles de La Roncière (2009, p. 218-219) mostra outra possibilidade: o privado dentro do privado, ou seja, estabelecem-se normas dentro de casa onde seus pares possuem tarefas domésticas, além dos trabalhos externos. A casa também passa por mudanças, a divisão em peças permite momentos de contemplação de si, de intimidade, pois

[...] a família, que reúne seus membros para comer e para conversar, dispersa-os para trabalhar. A cada um sua tarefa [...] Essa diversificação dos empregos se manifesta no momento em que se multiplicam nos documentos os sinais de um gosto mais acentuado pela intimidade pessoal, no próprio seio da família; os sinais também de uma necessidade (nova?) de se isolar no lar sem o deixar, servindo o privado familiar de moldura a um privado pessoal. Constata-se essa necessidade pela disposição e pelo uso dos espaços privados [...]. (RONCIÈRE, 2009, p. 218-219).

Inicia-se uma nova fase da vida familiar, a privacidade dentro do privado, que denominamos aqui como intimidade. Em fins da Idade Média se estabelece uma relação do que é íntimo e do que é privado, pois a privacidade do quarto não revela a intimidade do sujeito, seus desejos ou pensamentos. São os segredos de si, coisas não reveladas, não exteriorizadas, uma liberdade do íntimo pertencente a uma privacidade individualizada (BRAUNSTEIN, 2009, p. 558), que constitui o que faz parte do interior da pessoa: “É o encontro de si”.

Em meados do século XVI, os objetos e os lugares estavam dotados de potencialidades que permitem “penetrar em uma intimidade particular” (RANUM, 2009, p. 211). Surge assim uma *arqueologia do íntimo*, onde somente o envolvido pode decifrar o que acontece consigo.

O desabrochar de uma intimidade relacionada ao sexo preocupa os clérigos, que se sentem ameaçados com a perda de controle sobre o cotidiano dos sujeitos, em virtude de determinadas ações ainda serem consideradas pecaminosas (FOUCAULT, 1988).

O pecado está ligado ao corpo, aos desejos que incitam a mente do sujeito a ponto de ele ser devorado pelo mal, pois, como caracteriza Ranum em suas explicações relativas ao período da Idade Média à Modernidade:

A beleza física pode suscitar paixões num corpo jovem ou velho. Basta um olhar, e o rosto ruboriza-se, os olhos se enegrecem, as pálpebras pesam, o coração bate mais depressa ou pára. E as pernas podem fraquejar. O amor é um poder [...] O amor pode perturbar a mente de tal forma que acaba provocando feições violentas, doença e até a morte. Quem recebeu um olhar apaixonado tende a saltar, chorar, delirar, escrever versos. O poder amoroso vem de fora do indivíduo, emana de locais celestes ou funestos e abala o equilíbrio dos líquidos corporais. (RANUM, 2009, p. 243).

Os clérigos do século XVI acreditavam que o pensamento libidinoso precisava de contenção. Quando os dispositivos usados por eles não funcionavam, procuravam estabelecer uma doutrinação por meio de técnicas de poder que objetivava o controle dos corpos. Um exemplo pode ser a proibição do uso de métodos contraceptivos, pois discursavam sobre a primazia da família e sua perpetuação por meio da descendência (filhos), bem como consideravam a prática sexual sem esse fim como ação pecaminosa (USSEL, 1980). A constante ênfase dedicada ao pecado objetiva reforçar esse catecismo, que poderá resultar em sujeitos adestrados (FOUCAULT, 1979).

É na disciplinarização dos corpos que versavam várias questões. Uma delas é a esterilidade, que atingia diretamente a continuidade da espécie. O fato de o casal não poder ter filhos era considerado grave,

[...] pois interrompia o ciclo e rompia a solidariedade da linhagem. Cada membro da família dependia dos outros; sem estes não era nada. Os adultos em idade de procriar estabeleciam o elo entre passado e futuro, entre uma humanidade que se fora e uma que estava por vir. Romper a corrente era uma responsabilidade absurda. (GÉLIS, 2009, p. 305).

Foi destinada uma responsabilidade à mulher: o seguimento da espécie, como se o sucesso ou o fracasso da perpetuação dessa genética dependesse apenas dela. Por ser ela a geradora de uma nova vida, lhe foi conferida a preocupação, o cuidado com a família e a continuidade da linhagem; e é no nascimento do filho que o público e o privado tendem a se enleiar, porque a

criança nascia no quarto privado, porém na presença de vários espectadores. Os parentes e as vizinhas transformavam o acontecimento em um momento público, no lugar do espaço privado, que deveria ser o quarto (GÉLIS, 2009).

Apesar do pouco valor agregado ao feminino, propriamente dito, a mulher desempenha importantes atribuições na construção histórica do íntimo e do privado. Boa parte dos registros existentes sobre a história das mulheres foi feita por homens com base nas construções das relações sociais. Pantel (1993, p. 594-595) escreve que a investigação sobre as mulheres,

[...] reteria três destas noções: a de *sexual asymmetry*, a de *relações sociais de sexo* e a de *gender*. Têm um conteúdo próximo, mas nasceram em tradições culturais diferentes.

A noção de *sexual asymmetry* ou de *dissemetria entre os sexos* acentua a disparidade que existe entre o poder e o valor atribuídos a cada um dos sexos.

A expressão <<*relações sociais de sexo*>> insiste num facto que deveria ser evidente para todos: as relações entre os sexos são relações sociais. Não são dados naturais, mas construções sociais. O seu estudo é do mesmo tipo que o de outras relações, igualitárias ou não igualitárias, entre grupos sociais. Vista sob este ângulo, <<a dominação masculina>> é uma expressão entre outras de desigualdade das relações sociais. Pode compreender-se os seus mecanismos e marcar-se as suas especificidades segundo os sistemas históricos. Além disso, é possível estudar a maneira como se articula este tipo de dominação com os outros [...].

[...] a de *gender* ou de <<género>>, [...] refere-se à divisão do mundo entre o masculino e o feminino, a uma divisão sexual ou sexuada (grifos do autor).

A mulher passa a ter lugares seus, que não são os mesmos dos homens. Ela fica relegada ao conceito de fragilidade uma vez que há evidentes diferenças físicas e biológicas. As divergências tendem a aumentar quando se amplia o campo de visão para diversas culturas, etnias e classes sociais.

No século XVIII, a mulher e a criança não eram consideradas pessoas com identidades intelectuais produtivas, pois a criança é um sujeito em desenvolvimento e a adulta é reconhecida por sua sexualidade e seu corpo, enquanto o sujeito masculino, por sua energia e espiritualidade (HUNT, 1991). Deduzimos que se referenciam à inteligência e à superioridade erudita, pois a jovem senhora era considerada sensível e a possível delicadeza a

estigmatizava e conceitualmente era considerada inapta, ou como pessoa de pouca inteligência.

Se olharmos algumas imagens que constam em “Lo público y lo particular” (apud ARIÈS, 1993, p. 413-453), de Nicole Castan e “Amistad y convivencia social” (idem, p. 455-499), de Maurice Aymard, percebemos que a criança está presente, em meados da Idade Média, no cotidiano adulto e começa a aprender os ofícios destinados aos mais velhos.

Em “Lo público y lo particular”, está disponível uma imagem de Pieter de Hooch (*Patio de uma casa em Deljt.*(1770) Londres, National Gallery), que retrata uma mulher de mãos dadas com uma menina. As vestes são semelhantes, as duas, trajavam saia ou vestido – não se consegue definir exatamente –, um pequeno adorno na cabeça (parecido com um chapéu) e um avental. A mulher conduz a pequena e a olha com ternura, o que nos faz acreditar em um vínculo afetivo entre elas. A criança tem seu avental erguido como quem segura ou carrega algo dentro. A mulher possui consigo uma vasilha.

Na imagem que consta no texto “Amistad y convivencia social” (apud ARIÈS, 1993, p. 462), observa-se um senhor, muito bem vestido, com uma roupa preta, uma gola branca bem engomada e um belo chapéu. Ele estende sua mão como quem ou alcançou ou quer pegar o livro das mãos de um garoto. O menino veste algo que se assemelha a um vestido ou casaco comprido, acompanhado por uma capa e uma gola, igualmente branca e, aparentemente, bem engomada. O adulto está sentado à mesa onde escreve algo em um grande caderno ou livro. A criança, em pé, ao seu lado, olha como que para o nada, idêntico ao olhar do homem, que parece se perder na negritude da escuridão, onde não há o que contemplar. Aqui, exhibe-se um sentimento de distanciamento, diferente da cena anterior. A legenda da ilustração traz:

[...] el aprendizaje de la lectura y de la escritura, ya se haga entre padre e hijo o entre preceptor y alumno, es un asunto de hombres que subraya la jerarquía de la autoridad y del saber, y prepara para los oficios y responsabilidades del adulto. (Jan Vermeer, *La lección*. Londres, National Gallery, apud ARIÈS, 1993, p. 462).

A terceira imagem, que consta no mesmo texto, porém na página 477, mostra um lugar de trabalho dos adultos, porém existem crianças dividindo o mesmo espaço de afazeres profissionais dos mais velhos. O local parece-se muito com uma tipografia, onde um adulto cuida da prensa, outro organiza os tipos, um faz a revisão, o menino demonstra arrumar as folhas já impressas e há aquele que comanda e outros, inclusive crianças, destinados as diversas funções. A legenda mostra:

[...] el taller reúne las edades más diversas, desde niños hasta viejos, en el mismo espacio de trabajo. Sin embargo, no engendra la igualdad, sino que acentua las jerarquias múltiples de los saberes, las edades y las condiciones (Grabado de Galle, com arreglo a Stradan. París, Bibl. Nac. apud ARIÈS, 1993, p. 477).

Pelos registros podemos observar o quanto a criança está imersa no mundo dos afazeres dos adultos, bem como a evidente diferença de tratamento destinado para a menina, que aprende atividades relacionadas com a casa. O menino, desde cedo é imerso no mundo letrado, dos intelectuais, daqueles que comandam.

A temática aqui discutida se justifica pela necessidade em conhecer ou, simplesmente, ter algum saber a respeito da trajetória de alguns conceitos, como, por exemplo, a (des)valorização da mulher na construção da identidade de gênero, da criança eroticamente estimulada pelos adultos e as construções de algumas culturas de infâncias.

As assimilações ocorrem de diferentes formas no cotidiano dos sujeitos e cada um as realiza conforme suas condições cognitivas, físicas, culturais e sociais e sempre em relação com os demais sujeitos. O mesmo comportamento é interpretado e entendido da maneira diferente de acordo com o autor da ação. Boa parte dessa significação se dá pela caracterização entre o que é predominante no feminino e no masculino.

É correto afirmar que as crianças aprendem muitas coisas com os adultos e seus pares. Muitas delas ainda são forçadas a crescer rápido para logo contribuírem com os afazeres domésticos ou profissionais. A criança da atualidade adquire algumas semelhanças com a da Idade Média, quando é

constantemente estimulada pelos costumes adultos, como se fossem próprias delas.

A incorporação de exemplos adultos pela criança é normal. O que discutimos são como esses modelos são apresentados para elas, os significados que carregam e que adulto será formado. A construção se dá em relação com outros sujeitos imersos no cotidiano público e privado. A família exerce papel crucial na educação das crianças quando permite, restringe ou estimula determinados comportamentos. Hoje as crianças são sujeitos com direitos que devem ser respeitados e nem sempre cultura e direitos caminham juntos.

Em nossa pesquisa observamos que 57% das crianças pesquisadas são estimuladas a ajudar nos afazeres domésticos, como, por exemplo, lavar e/ou secar a louça, arrumar o quarto, limpar a casa. De acordo com o levantamento, tanto meninos quanto meninas participam dessas atividades, que são entendidas como comportamentos aceitáveis uma vez que essas crianças não são exploradas, e sim, instruídas para lidar com a vida adulta quando atingirem essa categoria, porém não deixa de ser um trabalho realizado pela criança – o diferencial está na intensidade e na frequência com que essa prática ocorre. As nuances são sutis. O que o direito não permite é a exploração da mão de obra infantil tanto na vida pública como no âmbito privado. A questão da erotização precoce ainda é um tema menos discutido e carece de limites legais em alguns sentidos, por isso também é difícil discuti-lo.

O século XIX é considerado o ápice da entrada na vida privada. A sociedade da época está diferente e, como explica Ranum (2009, p. 215), “os arquitetos dos séculos modernos criaram novos espaços privados nas casas da elite”, ou seja, essas residências com diversos cômodos independentes, que aumentam o grau de privacidade e proporcionam maior intimidade aos que nela habitam. O quarto passa a ter um papel relevante na história, pois toda relação secreta do casal e do sujeito em si, ficará restrita ao cômodo em questão.

É nesse século, basicamente na França, que a vida cotidiana começa a sofrer forte influência das opiniões médicas em virtude das doenças que assolam a sociedade. As orientações passadas para as famílias estão ligadas

aos cuidados com a higiene pessoal e a maneira da organização dos cômodos no interior das casas.

Corbin (1991) registra que médicos e higienistas do século XIX orientavam o dia a dia dos sujeitos com objetivo de dispersá-los para lugares individuais de maneira que o leito fosse um lugar de privacidade e, dessa forma, evitar o acúmulo de pessoas no mesmo ambiente por um número excessivo de horas. Acreditavam que essa prática, de escovar os dentes, de lavar o rosto e as mãos com mais frequência, reduzia o contágio de doenças em sujeitos saudáveis. Esses são exemplos de mecanismos de poder, utilizados pela medicina, para disciplinarizar os corpos (FOUCAULT, 2009).

As casas são compostas por mais peças, como banheiro e quarto, além da sala de estar. O quarto do casal foi um grande avanço em acordo com alguns autores da “História da Vida Privada”, pois ali os cônjuges poderiam desfrutar de sua intimidade e, em outros momentos, seria lugar onde a mulher poderia exercitar a prática solitária de contemplação do seu corpo e seria capaz de desprender seus desejos mais íntimos, distantes dos olhares alheios (CORBIN, 1991).

O referido autor disponibiliza algumas imagens que permitem perceber o costume desenvolvido a partir das novas repartições do lar.

No quarto saturado de objetos, símbolos de seus prazeres, esta burguesa deleita-se com sua friorenta solidão. Nesta época, a vedação dos locais de intimidade constitui para muitos uma agradável novidade (Paris, Biblioteca das Artes Decorativas).

Mesmo na Salpêtrière, este inferno das mulheres, triunfa o leito individual e esboça-se a privatização do espaço (Albert Morand, La Salpêtrière, Paris, Museu da Assistência Pública).

Aqui a toailete serve de pretexto para a exaltação do corpo da mulher, cuja perfeita depilação é apenas convencional. O historiador americano Peter Gay sublinha com razão o papel desempenhado pela contemplação de obras de arte na educação dos sentidos da juventude burguesa (Benjamin-Eugène Fichel, Mulher na toailete, 1891. Paris, Biblioteca Nacional). (CORBIN, 1991, p. 441– 442).

O local determinado ao íntimo permite à pessoa libertar suas fantasias eróticas e se desapegar dos pudores institucionalizados por uma sociedade

controladora, bem como indiretamente, autoriza a prática do prazer solitário, a masturbação, que, para a igreja, é considerada pecado, (FOUCAULT, 1988).

Podemos dizer que é no momento de reclusão que o sujeito faz uso real de sua privacidade e da intimidade. Ocorre que, na atualidade, os sentimentos expressos na vida pública e na vida privada estão cada vez mais fundidos, ao ponto de, em alguns momentos, quase não haver distinção entre ambos.

Os lugares destinados a demarcar as coisas desses dois âmbitos, o público e o privado, já não condizem mais com alguns lugares que estavam definidos e, conforme constatamos em nossa pesquisa, com auxílio do questionário-relógio, a televisão e o computador (internet) compilam as realidades e provocam a efetivação das diferenças, porém as duas esferas caminham ladeadas.

Afirmamos que as novas tecnologias têm promovido oportunidades de valorização do que é íntimo. Mas, além do autoconhecimento, devido à sua exposição, estranhos também acabam por se tornar íntimos.

Na contemporaneidade, muito da intimidade é anunciada, é tornada pública. Citamos um fato divulgado no endereço eletrônico de O Globo, em 28 de julho de 2010, que:

[...] de acordo com as informações prestadas pelos jovens, eles se conheceram pela internet há cerca de um mês. O primeiro encontro entre eles aconteceu na última sexta-feira. No domingo, eles voltaram a se encontrar e fizeram uma aposta. Num jogo de cartas on-line, o Uno, quem perdesse teria que tirar a roupa e se submeter às carícias do ganhador na webcam. A menina perdeu. - Eles tiraram as roupas e fizeram carícias. Como as imagens estavam sendo transmitidas pela Twitcam, decidiram que teriam uma relação sexual se o número de acessos ultrapassasse 20 mil. O número de acessos chegou quase a 25 mil, mas a menina desistiu de consumir o ato e pediu que a câmera fosse desligada - informou o delegado Wendt ao GLOBO.

Mencionamos o caso para exemplificar que, na atualidade, a vida privada se torna pública e que as crianças, os adolescentes, os sujeitos de maneira geral, estão sujeitos a receber, talvez independente de sua vontade, os estímulos eróticos.

Por meio das respostas dos sujeitos pesquisados, conseguimos constatar que, em virtude da (con) fusão entre o público e o privado, as crianças

agregam condutas que seriam particulares do mundo adulto e, muitas vezes, as questões de gênero se intensificam ou arrefecem.

Uma mãe entrevistada se mostrou alerta e comenta que, ao passar diante de uma loja conhecida na cidade (Cascavel/PR) e em outros lugares do Brasil, retirou do guichê que estava na entrada do estabelecimento, uma revista publicitária que divulga algumas marcas e tendências de roupas comercializadas naquele local. Diz que, ao folhear a referida revista, se deparou com uma imagem que lhe chamou a atenção e argumentou: “este material está à disposição de qualquer um que por ali passar, inclusive para crianças” e continua: “não acho adequado uma publicidade de *jeans*, onde um casal insinua uma possível cena de sexo, ser vista por uma criança, ainda mais se ela estiver sozinha”.

A mãe fala que ficou tocada por aquela representação, contemplou a imagem por algum tempo e decide levar um exemplar para ser entregue e analisado por nós pesquisadoras. Disse que precisava contribuir, pois concorda que existem coisas que são ou deveriam ser próprias do mundo adulto e outras exclusivas do universo infantil. A imagem abaixo foi fotografada da referida revista.

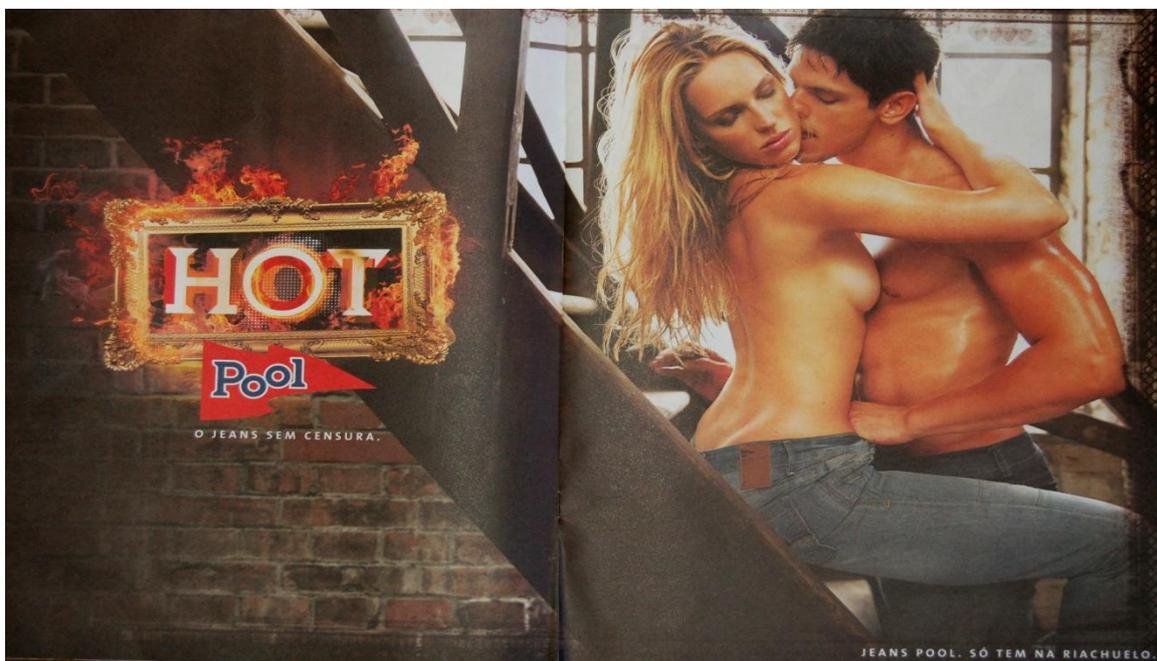


Imagem 32 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 19/03/10, Cascavel-PR

Os pontos de vista diferem. Muitos poderão pensar que não há nada de mais na cena publicitária apresentada. Questionamos a necessidade e o limite na utilização de significados eróticos e quase pornográficos, de uma seminudez e de uma forte tendência sexual na apresentação de uma publicidade como meio de persuadir os sujeitos ao consumo.

Para adultos pode ser normal, mas falamos de crianças que convivem diariamente com tais insinuações e com a utilização de imagens de corpos e de pessoas, tipografadas (idealizadas) similares a objetos, para vender os mais diversos produtos (SABAT, 2008), na tentativa de uma normalização na construção de corpos hegemônicos.

Tais atitudes concedem e facilitam estabelecer relações onde o sexo, o prazer, a felicidade, os objetos e o consumo podem começar a significar e a levar os sujeitos a acreditar que tudo, ou quase tudo, é ou será mercadoria. O ser humano se torna objeto de si e dos outros quando destituído de sua civilidade, de sua cidadania (ELIAS, 1994; FOUCAULT, 2009; SARMENTO, 2007).

Fica comprovado como, no cotidiano, a vida pública e privada se misturam, pois a erotização, a incitação ao sexo, que seria característica da intimidade, vai a público.

Há uma linha tênue entre o público e o privado, que poderá se romper caso os sujeitos continuem a contribuir para a fusão desses mundos. Atualmente, não só o privado veio a público, mas também, muito do que é público, invadiu o âmbito privado. Um exemplo são as novas tecnologias que são instrumentos utilizados como disseminadores das técnicas de poder, quando reproduzem interesses hegemônicos, como o consumo do sujeito por meio de sua sexualidade, uma vez que ela

[...] gera prazer; e o prazer, ou pelo menos a sua promessa, proporciona um incentivo para os produtos comercializados em uma sociedade capitalista. As imagens sexuais aparecem em quase toda parte, no mercado como uma espécie de empreendimento comercial gigantesco; a transformação do sexo em mercadoria poderia então ser interpretada em termos de um movimento de uma ordem capitalista, dependente do trabalho, da disciplina e da autonegação, para uma ordem preocupada em incrementar o consumismo e, por isso, o hedonismo. (GIDDENS, 1993, p. 194).

A engenharia que move a máquina da sociedade individualista e consumista provoca necessidades com discursos de independência, de liberdade e, quando consegue, condiciona os sujeitos (adultos e infantis) e os conduz para uma vida de trabalho.

A necessidade que alguns adultos sentem de preparar a criança para o futuro não deixa de ser um foco para as empresas na busca por uma atuação da sociedade na formação de novos consumidores, trabalhadores, ou seja, sujeitos dóceis, que transitem entre as esferas do público e do privado no exercício de atender às sugestões do *status quo*.

É por meio do trabalho que os sujeitos adquirem poder aquisitivo para dar continuidade ao empuxo que a sociedade do consumo tenta empreender. A mulher também participa mais ativamente dessa realidade e, muitas vezes, acumula funções (trabalho profissional e de casa, do cuidado da família). Essa alteração do comportamento da mulher pode ocasionar um diferencial na rotina familiar. A criança tenderá a ter mais tempo sozinha e, sem os olhares cuidadosos dos responsáveis, pode ter acesso a algumas informações que seriam apenas de interesse dos mais velhos.

O trabalho é um dispositivo, do âmbito público e privado, pelo qual o círculo resiste e persiste. Dele vem uma força geradora do consumo, chamada dinheiro, que move os lucros e a falácia da liberdade do ser humano. Os afazeres mecânicos ocupam um espaço considerável no cotidiano dos sujeitos e praticamente não resta tempo para cultivar o saber, o conhecimento, a espiritualidade, a imaginação que pode permitir que ele se converta “[...] pela primeira vez em senhor e dono de si mesmo” (CASTRO, 2009, p. 246).

Além de não disporem de tempo para o conhecimento, os sujeitos estão sem tempo para os seus filhos. De acordo com nossa pesquisa, 73% dos responsáveis pelas crianças admitem não terem tempo para brincar ou para se dedicarem aos filhos durante a semana.

Esse percentual se reduz para 62% no domingo, ou seja, 38% confirmam que brincam ou passeiam na companhia do/a filho/a no domingo. É o dia que a criança consegue uma fração maior do tempo dos pais/responsáveis. Ocorre que, mesmo no fim de semana, que seria um período menos conturbado, com menos obrigações por parte dos adultos,

muitas crianças são suprimidas da companhia dos responsáveis – por diversas razões, como a necessidade que os adultos têm de descansar (dormir) ou, ainda, por motivo dos afazeres domésticos – e são forçadas a escolher a televisão, o computador e seus amigos virtuais.

Com tanto estímulo tecnológico e pouco tempo dos pais ou dos tutores, as crianças optam por habitarem um mundo novo, que fica entre o âmbito público e o âmbito privado, criado pelo mundo adulto:

[...] os filhos convivem cada vez menos com os pais ou outros adultos, usufruindo mais da convivência com seus pares ou da companhia das telas da TV, do computador, dos jogos eletrônicos e de outros *gadets* lançados no mercado. [...] Nesse espaço virtual estabelecem-se outras redes simbólicas de troca, que fazem da “autoridade” e “experiência” dos pais e professores algo menos absoluto. (CIRINO, 2001, p. 44 – grifos do autor).

E é nesse novo espaço que as crianças são inseridas e aprendem a se portar e a, eventualmente, ressignificar as informações recebidas. O público e o privado já não estão mais tão bem definidos. Dentro de casa se tem alcance do que acontece no exterior da casa, do bairro, da cidade, do estado, do país, enfim do mundo. As tecnologias possibilitaram a globalização de muitos conhecimentos.

Somos tentados, diariamente, a seguir o padrão estabelecido pela sociedade neoliberal e de consumo. A criança transita entre os mundos dos adultos e dos infantis. Ocorre que os mais velhos apresentam mais experiência de conhecimento, de vivência e ocupam lugares de decisão, por isso tendem a direcionar os comportamentos das crianças, porque entendem que sabem o que é melhor para elas.

Geralmente as empresas estão preocupadas com seus interesses e tendem a eliminar as proteções próprias do mundo infantil e provocam a fusão desses mundos, bem como aumentam a possibilidade de rompimento do fio condutor que separa a vida pública da vida privada. Isso pode ser ruim quando a linha se volta à objetivação, a uma dedicação quase exclusiva ao comércio de produtos e dos corpos, tornando os sujeitos objetos.

Mais do que queixas, devemos inventar formas de regulamentar a vida civilizada, que respeite interesses e necessidades de todos os grupos sociais, sempre considerando que estão relacionados e formando o mesmo mundo.

4 MECANISMOS LEGAIS PARA A DESCONSTRUÇÃO DA EROTIZAÇÃO DA INFÂNCIA

4.1 AS LEIS: o Brasil e outros países

A partir das discussões sobre os conteúdos das publicidades, propagadas pela mídia, abordamos neste tópico algumas leis que regem o mundo da publicidade e da propaganda no Brasil e em alguns países da Europa, com o foco na normatização da proteção e do respeito à criança.

A Constituição Federal do Brasil, de 5 de outubro de 1988, capítulo VII, artigo 227, determina que

[...] é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 18 jan. 2011, 3:36.

O artigo mencionado determina, primeiramente, que a criança deva ser cuidada, que se deve zelar, educar, prover sustento, enfim, propiciar condições de uma vida digna para ela. O fato de a família estar em primeiro lugar não exime a responsabilidade do Estado, bem como não exime a dos demais cidadãos. Todos são igualmente responsáveis. Os adultos são os responsáveis pelas crianças e, por sua vez, pela infância contemporânea.

O Brasil obteve um avanço com a Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O artigo 1º fala que “esta lei dispõe sobre a **proteção integral** à criança e ao adolescente” (idem, p. 1 – grifo nosso).

A Lei Federal nº 10.764, de 12 de novembro de 2003, altera a Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o ECA e dá outras providências, conforme o:

[...] Art. 4º O art. 241 da Lei nº 8.069, de 1990, passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 241. Apresentar, produzir, vender, fornecer, divulgar ou publicar, por qualquer meio de comunicação, inclusive rede mundial de computadores ou internet, fotografias ou imagens com pornografia ou cenas de sexo explícito envolvendo criança ou adolescente:

Pena - reclusão de 2 (dois) a 6 (seis) anos, e multa [...] (PLANALTO, 2003).

Também existem algumas leis e regulamentações a respeito da classificação etária na tentativa de preservar a criança de possíveis abusos relativos às programações e às publicidades. Não se trata de cercear a liberdade de imprensa ou de livre expressão, mas concordamos com Momberger (2002, p. 51), quando fala que

[...] a regulamentação da publicidade não deve ser interpretada como restrição à liberdade de manifestação do pensamento, da expressão ou informação como previsto no artigo 220, § 1º e 2º da constituição Federal. Os dispositivos que regulamentam a publicidade não têm por objetivo bani-la, mas somente conter seus abusos para que os consumidores, considerados os entes vulneráveis nas relações de consumo, não sejam prejudicados.

Argumentamos, então, que a criança é duplamente exposta. Primeiro por sua condição peculiar de sujeito em desenvolvimento e, segundo, pela falta de dispositivos mais específicos nas leis que visem conter os abusos, pois as crianças circulam por publicidades direcionadas aos adultos quando trafegam nas ruas e se deparam com *outdoors*, bancas de revistas, panfletos, que divulgam conteúdo adulto no meio público.

O Código de Defesa do Consumidor-CDC (Lei Federal nº 8.078, de 11/09/1990), prevê, no artigo 37, que “é proibida toda publicidade enganosa ou abusiva”, porém não esclarece o que é considerado abusivo. O próprio Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária (CBARP) reconhece, no artigo 7º, “que a publicidade exerce forte influência de ordem cultural sobre grandes massas da população” e recomenda que os anúncios devam ser produzidos por empresas qualificadas, empresas que assegurem a responsabilidade social, ou seja, que cumpram as legislações vigentes no país.

Infelizmente, no Brasil, mesmo algumas publicidades que não estão em conformidade com as regulamentações, são publicadas. Elas só sofrerão alguma sanção se houver denúncia e depois de averiguadas, ainda assim, não há garantias de punição, uma vez que existem muitas brechas nas entrelinhas das leis. Algumas empresas são forçadas a exercer a contrapublicidade, que consiste em desfazer a falsa imagem produzida no intelecto e nos corpos dos sujeitos consumidores, por uma publicidade abusiva ou enganosa de empresa concorrente.

O Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (CONAR) é uma sociedade civil sem fins lucrativos, mantida por publicitários e profissionais de diversas áreas para, basicamente, garantir a ética da publicidade e promover essa liberdade de expressão. Ele também procura atender às denúncias realizadas por sujeitos que atuam ou não no CONAR, bem como, aplicar as normas do CBARP, que, por sua vez, na Seção 11 – Crianças e Jovens, artigo 37, trata especificamente de anúncios voltados às crianças e aos jovens. Por exemplo, os anúncios deverão, “respeitar a ingenuidade e a credulidade, a inexperiência e o sentimento de lealdade dos menores”, pois as crianças acreditam com facilidade nas informações que recebem, especialmente nas informações vindas daqueles que admiram ou daqueles em quem confiam.

Em suma, as crianças podem sofrer constrangimentos com determinados comerciais quando esses não consideram, legitimamente, a que público se destinam ou, ainda, quando as instigam a querer coisas que, muitas vezes, a condição social de suas famílias não permite adquirir.

Uma mãe investigada justifica que quase não sai com os filhos pela falta de dinheiro, pois as crianças veem as coisas nos lugares frequentados, querem consumir e ela fica triste por não poder atender aos pedidos. Então, prefere não sair de casa. Um exemplo disso é a fala de uma mãe pesquisada, quando justifica o pouco tempo que possui para atender as crianças e permite que permaneçam diante da TV ou do computador, e, tenham acesso a uma diversidade de informações. A mesma complementa saber que não é o adequado, até porque as crianças geralmente pedem coisas que viram em anúncios, algo que sua condição financeira não permite comprar.

Momberger (2002, p. 83) faz referência, em seu livro sobre a lei de rádio e de televisão da Suécia (Chapter 7, Section 4 of the Swedish Radio and Television Act (1996:884)¹², que criou a lei para organizar as exposições publicitárias e os programas direcionados às crianças, fruto de um estudo encomendado pelo governo.

O sociólogo Erling Bjurström foi o responsável pelo estudo e afirma

[...] que algumas crianças já aos 3 ou 4 anos de idade conseguem distinguir um comercial de um programa normal de televisão, mas que somente dos 6 aos 8 anos é que a maioria das crianças conseguem fazer a distinção. Afirma, também, que a idade em que todas as crianças conseguem fazê-lo não acontece antes dos 10 anos de idade, na qual as crianças começam a desenvolver uma maior compreensão dos objetivos da publicidade. Para Bjurström, as crianças não conseguem ter uma posição crítica em relação à publicidade ou discernir corretamente o objetivo da publicidade. Afirma que é aos 12 anos de idade em que todas as crianças conseguem fazê-lo. Portanto, esta é a razão do limite de 12 anos para a proibição da publicidade dirigida às crianças na televisão (idem, p. 84).

Outros países europeus também adotaram legislação mais específica relativa às questões das publicidades direcionadas à crianças, como Bélgica, Holanda, Grécia, Áustria, Portugal, porém a Suécia é referência nessa questão.

Momberger (2002, p. 80) analisa alguns princípios da legislação da Espanha e diz que

[...] os anunciantes deverão capitalizar o potencial da publicidade para influenciar o comportamento fazendo anúncios de bom gosto e, sempre que possível, que contenham referências às condutas positivas, benéficas e pró-sociais, tais como amizade, amabilidade, honestidade, justiça, generosidade, proteção do meio-ambiente e respeito tanto às pessoas como aos animais. **A publicidade não deve apresentar-se de maneira provocativa sexualmente.** [...] Devem ser tomados cuidados para que as crianças não sejam induzidas ao erro. O anúncio não deve, de modo direto ou indireto, estimular expectativas pouco razoáveis sobre a qualidade de um produto e sobre suas funções. **Deve-se entender que as crianças possuem imaginação e que o jogo da simulação constitui uma parte importante de seu crescimento. O anunciantes não devem explorar a capacidade de imaginação das crianças** (grifos nosso).

¹² Uma cópia pode ser obtida no *site*:

<<http://www.riksdagen.se/webbnav/index.aspx?nid=3911&bet=1996:844>>.

Na observação cotidiana em sala de aula, alguns sujeitos infantis demonstravam certo constrangimento ao ver o colega com determinado produto melhor que o seu. Entendemos que há uma infração, um descumprimento da legislação (do CBARP, 1980) quando este prevê,

Artigo 37 - Os esforços de pais, educadores, autoridades e da comunidade devem encontrar na publicidade fator coadjuvante na formação de cidadãos responsáveis e consumidores conscientes. Diante de tal perspectiva, nenhum anúncio dirigirá apelo imperativo de consumo diretamente à criança. E mais:

I – Os anúncios deverão refletir cuidados especiais em relação à segurança e às boas maneiras e, ainda, abster-se de:

b. provocar deliberadamente qualquer tipo de discriminação, em particular daqueles que, por qualquer motivo, não sejam consumidores do produto;

e. provocar situações de constrangimento aos pais ou responsáveis, ou molestar terceiros, com o propósito de impingir o consumo.
(http://www.conar.org.br/html/codigos/codigos%20e%20anexos_principios%20gerais_secao11.htm).

Na Suécia não é permitido que a imagem do/a apresentador/a ou personagem de programa infantil seja usada em comerciais ou esteja vinculada a produtos, pois

[...] isto se refere principalmente às pessoas e personagens que desempenham um papel proeminente em programas fundamentalmente dirigidos às crianças menores de 12 anos, Capítulo 7, Seção 4, Lei de Rádio e Televisão. [...] Papel proeminente significa que eles aparecem com frequência comandando programas ou reaparecendo de maneira similar nos programas infantis em questão. (MOMBERGER, 2002, p. 102).

No Brasil não existe legislação que limite o uso da representação do apresentador ou de personagens de programas infantis. Para comprovar, basta voltar o olhar às fotos dos materiais escolares, repletos de personagens ou, ainda, observar nas mídias a diversidade de produtos ofertados por apresentadoras como Xuxa e Eliana, por exemplo.

O CBARP (1980), artigo 37 – I, letra c, diz que

I – Os anúncios deverão refletir cuidados especiais em relação à segurança e às boas maneiras e, ainda, abster-se de:

c. associar crianças e adolescentes a situações incompatíveis com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis.
(http://www.conar.org.br/html/codigos/codigos%20e%20anexos_principios%20gerais_secao11.htm).

Essa regulamentação é específica para publicidades direcionadas às crianças, porém não podemos esquecer que os comerciais adultos não seguem as mesmas normas e são divulgados em lugares públicos que são frequentados tanto por adultos, quanto por crianças. Um exemplo está no *outdoor* abaixo, fixado em uma rua central da cidade de Cascavel/PR. A insinuação ao sexo é quase explícita e podemos caracterizar essa imagem, como diriam Jipson e Reynolds, de pornografia *light*.



Imagem 33 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 1º/4/2010, Cascavel-PR.

O mesmo *outdoor* culminou no cumprimento da Lei Municipal nº 154/2010, chamada de “Lei Anti-Pornografia”, de Campo Grande, Estado do Mato Grosso do Sul. O Ministério Público Estadual considerou

[...] o conteúdo agressivo e com apelo sexual explícito e desnecessário. No entanto, as informações divulgadas pela promotoria são de que foi firmado um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) com empresa responsável pela circulação, a Zoom Publicidade. O empresário Chico Maia, proprietário da Zoom explicou que foi chamado em audiência com os representantes do Ministério Público e informado que teria de tirar os outdoors de circulação para cumprir a lei anti-pornografia. “Além de retirar as imagens, teríamos que realizar uma campanha de cunho educativo enfocando temas como campanhas anti-drogas e anti-violência. Este foi o acordo proposto”, revela Maia. Ele comenta que não tem responsabilidade sobre o conteúdo de campanhas publicitárias como esta de veiculação nacional, ele só recebe o material pronto e executa o serviço. “Não tenho conhecimento de que esta imagem tenha sido censurada em qualquer outro lugar do país e foi escolhido pela agência responsável pela conta em nível global”, ressalta o empresário (<http://www.jornaldedomingo.com.br/noticia/57/outdoor-da-calvin-klein-e-censurado-pela-lei-anti-pornografia.html>).

Consideramos que, para a população de Campo Grande/MS, a aplicação e o cumprimento da referida legislação foi um avanço, pois não podemos aceitar passivamente as banalizações que as mídias e a indústria do consumo tentam impregnar nos corpos dos adultos e das crianças.

No Brasil, o deputado Luiz Carlos Hauly, do PSDB/PR, encaminhou, para aprovação, o Projeto de Lei nº 5921/2001, que visa proibir a publicidade de consumo direcionada à criança. O referido Projeto de Lei se encontra na seguinte situação:

Proposição: PL-5921/2001 -> Íntegra digitalizada

Autor: Luiz Carlos Hauly - PSDB /PR

Data de Apresentação: 12/12/2001

Apreciação: Proposição Sujeita à Apreciação Conclusiva pelas Comissões - Art. 24 II

Regime de tramitação: Ordinária

Situação: CCTCI: Aguardando Parecer [...]

A aprovação do referido projeto é emergencial. Por acreditarmos na importância desse documento, trazemos cópia da solicitação do deputado Hauly (Anexo III).

No Paraná existe um projeto de lei de autoria do deputado Pr. Edson Praczyk, do PRB (Partido Republicano Brasileiro), que foi sancionado e agora é lei, que proíbe a venda e a exposição de material pornográfico ou erótico a menores de 18 anos, conforme íntegra do documento a seguir.



Lei nº. 16.486

Data 12 de maio de 2010

Súmula Proíbe a venda a menores de 18 anos e a exposição pública de Revistas, DVD's, CD's e cartazes em bancas, livrarias, locadoras de filmes por qualquer meio ou congêneres, com conteúdo erótico ou pornográfico.

Assembleia Legislativa do Estado do Paraná

decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º. Em consonância com a Lei Federal nº 8.069, de 1993, Estatuto da Criança e do Adolescente, fica proibido a venda a menores de 18 anos e a exposição pública de Revistas, DVD's, CD's e cartazes em bancas, livrarias, locadoras de filmes por qualquer meio ou congêneres, com conteúdo erótico ou pornográfico.

Art. 2º. O não cumprimento desta lei fica sujeito às seguintes sanções:

- I – advertência por escrito;
- II – multa de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais);
- III – cassação da Inscrição Estadual.

Art. 3º. O Poder Executivo regulamentará a presente lei em 60 (sessenta) dias.

Art. 4º. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO DO GOVERNO EM CURITIBA, em 12 de maio de 2010.


Orlando Pessuti
Governador do Estado

Thelma Alves de Oliveira
Secretária de Estado da Criança e da Juventude

Jair Ramos Braga
Secretário de Estado da Justiça e da Cidadania

Em Maringá, o vereador Dr. Paulo Soni, do PSB (Partido Socialista Brasileiro), encaminhou o Projeto de Lei Complementar nº 1.233/2010 – sancionado e promulgado pelo prefeito municipal –, que regulamenta alterações na publicidade exposta nas bancas de revistas na cidade de Maringá conforme segue:

PODER LEGISLATIVO DE MARINGÁ
ESTADO DO PARANÁ

000950

PROJETO DE LEI COMPLEMENTAR N. 1.233/2010

A Câmara Municipal de Maringá, Estado do Paraná,

APROVA:

Altera a redação da Lei Complementar n. 80/95, que dispõe sobre a instalação de bancas de jornais e revistas em logradouros públicos e dá outras providências.

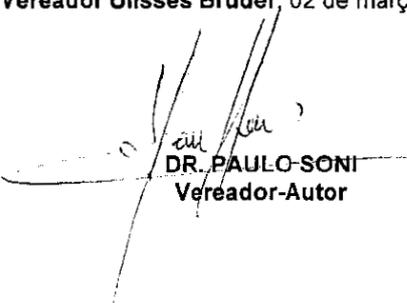
Art. 1.º Fica incluído o inciso IX no artigo 14 da Lei Complementar n. 80/95, com a seguinte redação:

“Art. 14. ...

IX – expor, na parte externa das bancas, material de conteúdo pornográfico ou impróprio para menores de 18 (dezoito) anos.” (AC)

Art. 2.º Esta Lei Complementar entra em vigor na data de sua publicação.

Plenário Vereador Ulisses Bruder, 02 de março de 2010.


DR. PAULO-SONI
Vereador-Autor

Os mecanismos das leis discutidas neste tópico não garantem seu cumprimento, mas poderão servir de instrumento de reivindicação de mudanças no cenário de vida dos sujeitos a partir do momento em que os mesmos tenham mais contato com direitos e deveres da vida em sociedade. Certas situações favoráveis à infância são fruto de conquistas populares em outros lugares.

Alguns países, como Argentina, Espanha e Itália, possuem cidades com projetos voltados às crianças. Um exemplo é Fano, na Itália, que, em 1991, criou o projeto “A Cidade das Crianças”, que se funda em diversas motivações e preocupações, como a seguir.

A degradação da cidade é, em grande parte, devida ao fato de se privilegiarem as necessidades dos cidadãos adultos e produtivos como prioridade econômica e administrativa: é um problema que atinge a todos os cidadãos, mas particularmente aos mais fracos e aos menores [...] As soluções particulares, como o recurso a estratégias de defesa pessoal (portas blindadas, sistemas de alarme), levar as crianças de carro ou incremento excessivo da aquisição de bens de consumo, expõem os pequenos a frequentes experiências de solidão. É preciso pensar em soluções sociais de mudança real de toda a cidade, de suas características estruturais e dos comportamentos de suas habitantes. (TONUCCI, 2005, p. 215-216).

É com esse olhar que travamos ações na defesa e na construção de direitos para os sujeitos desprovidos de lugar. A criança não possui muito tempo, pois para ela o tempo representa se tornar adulta. Então, a execução precisa ser imediata, ela não pode mais esperar, ela precisa conseguir fazer uso de seus graus de liberdade e de poder. Poder se relacionar, efetivamente, com a sociedade e com a cidade da qual participa é fundamental para uma formação política.

Sabemos que as relações e interações promovem cultura. A criança precisa de espaço para se expressar e de momentos para partilhar experiências com seus pares. Quem pode oportunizar esses encontros são os adultos, bem como contribuir para a desconstrução de uma infância objeto, de uma criança vista como bem de consumo. O movimento histórico pode

promover ações no sentido de que adultos e crianças tenham outro cotidiano, estimulado por uma contracultura¹³ à erotização precoce.

É por meio das relações sociais educativas que gradativamente construímos nossa subjetividade, com características próprias, apesar de muitas vezes serem entendidas como uma reprodução, mas muitos conceitos são reelaborados conscientemente a partir do conhecimento de como os poderes hegemônicos regem a sociedade para o consumo.

Reconhecemos que essa construção se efetiva permeada por muitos conflitos, porém precisamos despertar a humanidade talvez refugiada no âmago do ser, para que ela exerça seus níveis de liberdade em uma sociedade de iguais, livremente usuários de sua subjetividade, mas respeitados em suas particularidades.

Quando encontrarmos pouco a pouco o equilíbrio entre a realização individual e a responsabilização pelo coletivo, talvez estejamos mais próximos da construção de uma sociedade menos coisificada, mais humanizada.

¹³ Contracultura: (con.tra.cul.tu.ra) s.f. 1. Movimento cultural surgido na década de 1960, que questionava os valores da cultura ocidental e pregava a sua mudança. 2. Prática cultural que rejeita os valores culturais dominantes (Dicionário Escolar da Língua Portuguesa – Academia Brasileira de Letras. 2. ed. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008).

5 SÍNTESE CONCLUSIVA PARA NOVOS COMEÇOS

O estudo realizado teve o objetivo principal de descobrir quais são os mecanismos sociais que impulsionam a normalização da erotização infantil e foi definido ante a nossa inquietação por observar crianças no ambiente escolar que mostravam alguns comportamentos semelhantes aos dos adultos e que pareciam não ser “coisa de criança”.

No desejo de conhecer de onde provinham as influências da erotização para a vida das crianças, decidimos investigar seu cotidiano, com a suspeita de que, caracterizando o uso do tempo diário infantil com as atividades nele realizadas, poderíamos detectar os indícios que buscávamos. Para o interesse em questão se justificava adentrar na vida privada e na vida pública, conhecendo e reconhecendo as particularidades cotidianas dos sujeitos investigados.

A pesquisa qualitativa, bibliográfica e de campo foi desenvolvida na cidade de Cascavel, no Estado do Paraná. Teve como público-alvo crianças entre 9 e 10 anos de idade que foram alunos/as de uma das investigadoras, em uma escola pública situada em um contexto urbano na região central dessa cidade.

O enfoque das análises abrangeu o âmbito antropológico e histórico, tendo como princípios fundantes a compreensão de que os aspectos políticos e econômicos globais interferem, mas não determinam de todo as realidades particularizadas dos fenômenos sociais; que as vontades e os comportamentos humanos são influenciados (não plenamente determinados) diretamente por dispositivos sociais que circunstancialmente exercem um poder com estatuto de verdade, normalizando valores e saberes de grupos sociais; que o ser humano tem a capacidade de ressignificar os estímulos que recebe em função de sua cultura e das suas experiências particulares e a criança tem essa capacidade condicionada ao seu grau de desenvolvimento e maturidade; que a liberdade é condição necessária para o respeito ao indivíduo e que os adultos têm responsabilidade sobre a formação das crianças.

Chegamos aos resultados que estão neste item organizados em três segmentos: a) o que se registrou da experiência em campo e nos permite

afirmar categoricamente aspectos da realidade cotidiana das crianças investigadas; b) o que é fruto do aprofundamento das leituras respectivas ao domínio conceitual da temática, bem como de suas origens históricas e o que a teoria visitada nos proporcionou de reflexões sobre o significado das novas categorias surgidas no material de campo e, por último, c) o resultado de cunho político, quando passamos a perguntar-nos sobre que mecanismos poderíamos usar para realizar uma intervenção de contraerotização infantil.

Passamos, então, à síntese conclusiva.

As crianças estudadas têm, no cotidiano, contato facilitado com dispositivos eróticos dentro e fora de sua casa. O acesso é alcançado por meio da TV ligada, independente de suas preferências ou ainda por escolhas próprias, como no acesso à internet.

Na rua, o trajeto à escola também brinda os sujeitos com imagens não selecionadas por eles nos *outdoors* e bancas de revistas, bem como em panfletos gratuitos. Os produtos adquiridos geralmente são pagos pelos pais, como roupas, mochilas e estojos escolares. Esses produtos não estão isentos de incitações ao sexo, pois há várias personagens sensuais para atender aos possíveis desejos das meninas e dos meninos.

Em sala de aula foi observado que várias crianças se vestem em conformidade com a moda propagada nas mídias, bem como começam a apresentar comportamento respectivo ao modelo usado, como, por exemplo, roupas de *skeitistas*, atitudes despojadas que procuram seguir a influência desses grupos. Os materiais escolares que muitas crianças investigadas utilizam no cotidiano escolar e familiar apresentam imagens associadas a heróis, personagens infantis, apresentadores de programas, artistas de cinema ou televisão e vários outros.

Quanto ao gênero, há diferenças existentes entre o feminino e o masculino em vários dispositivos de contato da criança com os conteúdos eróticos, que ressaltam atributos da menina e de menino em alguns materiais próprios para crianças, e, de mulher e de homem, próprio para adultos, mas de acesso às crianças.

A rotina infantil constatada evidencia crianças com pouquíssimas horas destinadas à brincadeira fora da instituição de ensino com os amigos. A

diversão ocorre dentro de casa (mas praticamente não se brinca), pois as crianças passam muitas horas diante da TV principalmente em horários noturnos (sozinhas ou acompanhadas pelo adulto) e também no computador, raramente acompanhadas. Quando expõem seu perfil nas redes sociais para comunicar-se, essas crianças, em sua maioria, adulteram a idade para indicar que são jovens ou adultos. Entendem as máquinas como companheiras e não como brinquedo. As crianças opinam que a televisão é um objeto legal e muitas a veem como passatempo, como uma coisa que promove diversão. Um equipamento de informação, um paraíso - segundo alguns, e houve aquele que caracterizou o aparelho como um amigo.

Na busca por reconhecer o que é próprio da vida pública e privada, deparamo-nos com um diferencial. Os âmbitos do público e do privado não estão mais tão bem definidos, nem dissociados a ponto de se realizar uma distinção, pois tendem a se confundir. Quando a criança ou o/a adulto/a liga a televisão ou se conecta à internet, começa a ter acesso dentro de casa ao que é do mundo público e o contrário também se mostrou verdadeiro. São expostos a qualquer cidadão *outdoors*, panfletos, revistas, outros conteúdos da intimidade das pessoas.

Essas crianças gostariam de ter, em seu bairro, hospital, lugar para praticar natação/piscina, posto de saúde, mais médicos, parques, segurança para brincar, quadra de esportes, escola de música, área de lazer, campo de futebol, ou seja, elas não estão apenas preocupadas com o lazer, mas também com as questões sociais.

Quanto ao resultado da investigação com os pais ou responsáveis, alguns alegam conhecer o teor das atrações televisivas e de conteúdos a que as crianças estão expostas com o acesso à internet, porém justificam que a televisão, o *videogame*, o computador/internet os auxiliam para ocupar as crianças enquanto eles realizam outras atividades. Confirmam não ser o mais adequado, mas, em virtude das atuais condições, se apegam a esse recurso e opinam que “se tivessem melhores condições de vida, poderiam dedicar mais tempo aos filhos/as”.

O lazer, o ficar com a família, acaba muitas vezes por ser secundário, pois observamos que vários pais ou responsáveis pelas crianças estão cada

vez mais atarefados e ocupados com as imposições do mercado de trabalho. Dessa maneira, pouco tempo é destinado à educação e ao ócio.

Quando estão em casa sobra pouca energia para brincar ou para dedicar aos filhos, às crianças, pois boa parte das mulheres pesquisadas executam dupla ou tripla função: a profissional, a de mãe e esposa. Muitas estão sobrecarregadas, chegam do trabalho externo e começam os afazeres domésticos e a criança circula por entre a atenção da responsável e suas atribuições de dona de casa, permitindo, assim, que ela tenha tempo, sem supervisão, para o contato com instrumentos tecnológicos.

Constatamos, entre boa parte dos adultos investigados, que há uma dicotomia no entendimento do que é dedicar tempo ou ficar com a criança, quando eles justificam que permanecem com elas. O que evidenciamos é que estar ao lado ou junto geralmente relaciona-se com a ação de assistir televisão, ou seja, praticamente não há momento para o diálogo sem que um equipamento tecnológico esteja ligado próximo dos adultos e das crianças.

Os mesmos responsáveis se preocupam com os rumos que a sociedade do consumo segue. Sentem-se, por muitas vezes, impotentes para realizar algo diferente em virtude da quantidade de atividades diárias que gera uma correria coisificada na vida desses sujeitos.

Por outro lado, algumas pessoas pesquisadas andam na contramão da rotina hegemônica quando, ao invés de assistir televisão, saem para passear, caminhar ou ainda em casa, ler um livro em família, pois argumentam que as crianças passam muito tempo diante da televisão. Os responsáveis analisam o excesso de exposição a essa diversidade tecnológica e eletrônica como algo não adequado ao desenvolvimento e à formação da criança, justamente pelo forte apelo comercial e erótico.

Relataram informalmente que não dão conta de acompanhar os avanços tecnológicos e uma parte deles sequer sabe o básico em informática. Demonstram preocupação porque esses instrumentos estão cada vez mais próximos da realidade infantil, influenciando comportamentos.

Fica comprovado que, apesar de todas as interferências e inferências externas, os sujeitos ainda são possuidores de condições para determinar seus comportamentos no âmbito da sua casa, no lugar considerado como privado.

Dado o exposto, observa-se, com fartura de dados do campo, a confirmação de que há uma erotização sendo estimulada pela mídia em geral que é de acesso às crianças em sua vida pública e privada. Os estímulos provêm concreta e principalmente do contato delas durante um tempo estendido com a televisão, o computador, os materiais escolares e os *outdoors*. Derivadas dessa constatação inicial surgem as reflexões a seguir.

O âmbito da educação deve empenhar-se no ensino de conteúdos e de formas de consolidar a formação das pessoas para um mundo justo, solidário e que mantenha a utopia de sempre existir a possibilidade de se chegar, com a participação de todos, a um lugar melhor, ou seja, a graus maiores dessas conquistas. Daí vem a preocupação com o que se constatou tão cruamente: a erotização é parte intrínseca da sociedade, que tem promovido a exaltação do valor do consumismo atrelado ao de sexo e de felicidade. Praticamente não tem havido limitações desse conteúdo às crianças. Acopladas à ideia consumista (de que o objeto traz felicidade – o objeto pode ser o corpo ou a pessoa), são estimuladas concepções de gênero onde o menino é forte, dominador, e a menina é sensual e delicada.

Evidenciamos a exacerbação do individualismo que se constrói com os dispositivos biopoderosos das empresas, da mídia, das legislações, das políticas públicas, das relações internacionais e outros, endereçando o futuro da vida humana para um lugar muito diferente da solidariedade e da justiça social.

A vida pública tem desresponsabilizado o indivíduo do que é público, ou seja, como nos apresenta Bauman (2000), antes o público era concernente a todos e os interesses particulares, da intimidade, se localizavam em casa. Agora, o que é trazido a público se considera de interesse individual e é como se cada um tivesse a liberdade atendida ao ser-lhe oferecida a oportunidade de estar ante qualquer coisa apresentada. As ruas, as praças, as instituições, enfim, os lugares que todos frequentam se converteram em lugares de passagem, lugares de ninguém. O poder público, entendido comumente como o governo, é acionado para responsabilizar-se quando o indivíduo se sente agredido em seu direito. É chamado para recolher um lixo, para consertar o orelhão, etc.

O poder assim está localizado na prefeitura e em suas secretarias. É um conceito diferente do de Foucault, que o entende como relação, jogo de forças que pode mudar dependendo de como se configuram as circunstâncias. Seria uma contribuição à justiça social e à responsabilização do adulto com as crianças (todas, não só as da sua família) que o poder público passasse cada vez mais a ser compreendido como possibilidade de participação da sociedade em geral no cuidado com a preservação da infância em coletividade.

O poder, a liberdade e a responsabilidade estão, segundo nossa assunção, intrinsecamente ligados. Para uma sociedade justa e solidária, o conceito de felicidade atrelado à liberdade negativa de Bobbio (aquela que não impediria ninguém de ter êxitos e de ser feliz a qualquer custo) deve ser combatido. Precisamos ensinar a adultos e a crianças, por meio de mecanismos sociais, que a liberdade, a felicidade e o poder precisam ser compreendidos sempre em relação com os demais, dando importância relativa aos objetos e à aparência, pois os conceitos acima não devem comprar-se, e sim serem exercitados cotidianamente com atitudes de cidadania.

Seria mais preocupante se identificássemos um comportamento massificado e homogêneo de todas as crianças e adultos investigados. Foi gratificante perceber as iniciativas e as estratégias de alguns adultos para driblar o que consideram inadequado para a educação de seus filhos quanto à incitação erótica ou, simplesmente, quanto ao tempo diante da TV e do computador.

Confirmamos nosso princípio teórico foucaulteano: a independência de alguns sujeitos em relação com as mensagens hegemônicas nem sempre se efetiva, porém se aponta outra precisão conceitual: a normalização de alguns comportamentos pode, muitas vezes, ser simplesmente aparente. E o que pode significar, conforme vimos em alguns casos no campo pesquisado, é que não há uma identidade das pessoas com o que está sendo vivido, mas há, sim, um sentimento de impotência diante da realidade. Ou seja, se não se vê a indignação ou a reprovação de alguns adultos, não significa que não existam, e sim que talvez não saibam o que e como fazer para que aqueles aspectos que incomodam, mudem. Então, muitos realizam ações contra-hegemônicas na privacidade do lar.

Para isso é de grande utilidade conhecer concretamente os mecanismos que influenciam os comportamentos infantis e adultos, para que sirvam de subsídios a movimentos políticos a favor da evocação da criança e da infância com direito a ser cuidada pela sociedade enquanto tal.

A lei é um importante instrumento que pode ser utilizado tanto para limitar possíveis violações de direitos como também para obrigar a existência das redes de proteção infantil e seus acessos. A criança precisa ter a liberdade de ter infância. Tem o direito de ser protegida de mensagens e de vivências não apropriadas à sua característica de sujeito em desenvolvimento, portanto a lei permite uma aproximação dessa idealização à vida concreta dos sujeitos. Mesmo assim, o limite para a interpretação do que é próprio para a criança raramente será consenso. Talvez seja um enfrentamento constante de poder na disputa pelo estatuto de verdade que se entrava entre os argumentos científicos, culturais e sociais.

Quando a lei determina que menores não votem, não dirijam, não tenham responsabilidade jurídica, ou até mesmo que o adulto tem uma idade mínima para candidatar-se a presidente da República, ela traz intrínseco o reconhecimento de que a maturidade se relaciona com a idade (essa maturidade não é igual para cada idade, mas tem relação). Então a lei pode ser uma aliada na preservação do direito da criança em ter infância, em ser criança, sem adultização, sem erotização precoce ou, pelo menos, para a diminuição dessas experiências cotidianas. Junto a isso poderá ser combatida a normalização do consumo, que é o impulsionador principal do que se oferece às crianças.

No Brasil existem leis estaduais e municipais que já determinam limites para o acesso da criança a materiais eróticos, mas são leis cujo cumprimento depende das ações dos donos de diversos comércios. Leis estrangeiras, como as da Suécia, nos perspectivam possibilidades de chegarmos mais longe, com determinações legais mais efetivas a favor da educação da criança.

Diante do conhecimento da existência da lei paranaense, encaminhamos um documento (APÊNDICE VII) ao Ministério Público, ao Conselho Tutelar e ao CMDCA de Cascavel solicitando que se cumpra a Lei Estadual nº 16.486/2010, pois, apesar de a lei proibir, ainda encontramos algumas bancas

de revistas com exposição de conteúdo pornográfico ou erótico em local visível a qualquer pessoa, bem como alguns *outdoors* com imagens vinculadas ao sexo e à compra de produtos em questão.

Estamos vigilantes e prontas para levarmos esses conhecimentos às pessoas e trabalhar em prol de uma cultura da infância menos erotizada precocemente, mais livre das determinações comerciais, sejam discussões nas escolas ou na comunidade em geral, como auxílio ao conhecimento formativo dos docentes e dos responsáveis pelas crianças fora da escola, no meio social em que estamos inseridos. Preparar crianças, jovens e adultos para lidarem com as avalanches publicitárias de maneira mais consciente e crítica.

É momento de dizer não à erotização precoce e à erotização da criança como objeto de satisfação mercadológica. Continuaremos a caminhada com a publicação de produções científicas que abordem o assunto e procuramos celebrar trabalhos e estudos que visem à humanização da sociedade, ao direito que a criança tem de ter infância e de viver o tempo de ser criança.

A Modernidade trouxe a compreensão de direito que temos hoje. Ela trouxe também um lugar social para a infância, que faz a criança ser hoje um sujeito de direitos. Garantir direitos básicos é garantir a construção de novos níveis de liberdade, mas a Modernidade trouxe também o liberalismo, o neoliberalismo, culturas individualistas e doutrinárias e poderes econômicos que mandam muito e que não primam pela humanização da humanidade. Há muito que ser feito nos âmbitos econômico, filosófico, científico, político e educativo para que o mundo da infância seja preservado e direcionado a um rumo que não seja uma volta ao tempo em que a criança era desconsiderada e nem se perca o que já ocorre de conquistas na contemporaneidade. Outra estética e outra ética são necessárias.

REFERÊNCIAS

ABL - Academia Brasileira de Letras. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AGOSTINHO, S. **Os pensadores: Santo Agostinho – Vida e Obra**. Tradução de J. OLIVEIRA SANTOS, S.J., e A. AMBRÓSIO e PINA, S.J. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ANDRADE, S. S. Mídia impressa e educação de corpos femininos. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

_____. **História de la vida privada III: del Renacimiento a la Ilustracion**. Dirigida por Philippe Ariès y Georges Duby. Traducción de M^a Concepción Martín Montero. Barcelona: Círculo de Lectores, 1993.

_____. A dupla definição do público. In: **História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes / organização Roger Chartier; tradução Hildegard Feist**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AYMARD, M. Amistad y convivencia social. In: Ariès, P. (Org.). **História de La vida privada III: del Renacimiento a la Ilustracion**. Dirigida por Philippe Ariès y Georges Duby. Traducción de M^a Concepción Martín Montero. Barcelona: Círculo de Lectores, 1993.

BAECQUE, A. O corpo no cinema. In: **História do corpo: as mutações do olhar: o século XX / sob a direção de ALAIN CORBIN, JEAN-JACQUES COURTINE e GEORGES VIGARELLO; tradução e revisão EPHRAIM FERREIRA ALVES**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Reimpr. Lisboa: Edições 70, 2008.

BAUMAN, Z. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

BOBBIO, N. A era dos direitos. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1992 (livro digital disponível em: <<http://letrasuspdownload.wordpress.com/category/norberto-bobbio/>>).

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Küner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. **Lei nº 8.078/90**: de 11 de setembro de 1990. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8078.htm>.

BRASIL. **Lei nº 10.764**: de 12 de novembro de 2003. Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2003/L10.764.htm>>.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Rio de Janeiro: FAE, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF: Editora da Fenabb, 1990.

BRAUNSTEIN, P. Abordagens da intimidade nos séculos XIV – XV. In: DUBY, G. (Org.). **História da vida privada, 2**: da Europa feudal à Renascença. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CABICEIRA, G. O. **Olhares de crianças sobre gênero, sexualidade e infância**. 155f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia-UNESP) – Campus de Presidente Prudente-SP, 2008.

CARVALHO, M. TV, estímulo precoce à sexualidade e adolescência. In: VIVARTA, V. (Coord.). **Infância e consumo**: estudos no campo da comunicação. Brasília, DF: ANDI; Instituto Alana, 2009. 160 p. ISBN: 978-85-99118-18-4.

CASTAN, N. Lo público y lo particular. In: ARIÈS, P. (Org.). **História de la vida privada III**. Dirigida por Philippe Ariès y Georges Duby. Traducción de M^a Concepción Martín Montero. Barcelona: Círculo de Lectores, 1993.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CIRINO, O. **Psicanálise e psiquiatria com crianças**: desenvolvimento ou estrutura. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

CORBIN, A. O segredo dos indivíduos. In: PERROT, M. (Org.). **História da vida privada, 4**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CHRISTIAN-SMITH, L. K.; ERDEMAN, J. “Mãe, não é verdade!” Crianças construindo a infância através da leitura da ficção de terror. In: STEINBERG, R.; KINCHELOE, L. J. (Org.). **Cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Tradução George Eduardo Japiassú Bricio. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CHRISTO, C. A. L. (Frei Betto). **Religião do consumo**. Artigo publicado no Jornal de Ciência e Fé em abril de 2001, ano 2, nº 29. Disponível em: <<http://www.cienciaefe.org.br/jornal/arquivo/betto/relig.htm>>.

DORNELLES, L. V. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DUBY, G. (Org.). **História da vida privada, 2: da Europa feudal à Renascença**. Tradução Maria Lúcia Machado — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **O processo civilizador**. V. 1, 2. ed. Tradução Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução Maria Tereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Vigiar e punir**. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, M. C. Para uma sociologia histórica da infância no Brasil. In: FREITAS, M. C. (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

Fundação Getúlio Vargas. **Dicionário de ciências sociais**. Instituto de Documentação; Benedicto Silva, coordenação geral; Antonio Garcia de Miranda Netto et al. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GADELHA, S. **Foucault como intercessor**. São Paulo: Segmento, 2008 (Revista Educação Especial: Biblioteca do Professor, nº3).

GÉLIS, J. A individualização da criança. In: DUBY, G. (Org.). **História da vida privada, 2:** da Europa feudal à Renascença. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIROUX, H. A. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In: STEINBERG, R., KINCHELOE, J. L. (Org.). **Cultura infantil:** a construção corporativa da infância. Tradução George Eduardo Japiassú Bricio. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GUARESCHI, A. P.; BIZ, O. **Mídia, educação e cidadania:** tudo o que você precisa saber sobre mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HAMANN, F. P. **Erotização da infância:** a história de uma nova forma de ser criança. Educação (UFAL), 2004.

HUNT, L. Revolução Francesa e vida privada. In: PERROT, M. (Org.). **História da vida privada, 4:** da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

JIPSON, J.; REYNOLDS, U. Tudo o que você quiser: mulheres e crianças na cultura popular. In: STEINBERG, R.; KINCHELOE, L. J. (Org.). **Cultura infantil:** a construção corporativa da infância. Tradução George Eduardo Japiassú Bricio. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

KINCHELOE, J. L. McDonald's, poder e crianças: Ronald McDonald (também conhecido como Ray Kroc) faz tudo por você. In: STEINBERG, R.; KINCHELOE, L. J. (Org.). **Cultura infantil:** a construção corporativa da infância. Tradução George Eduardo Japiassú Bricio. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MOMBERGER, N. F. **A publicidade dirigida às crianças e adolescentes:** regulamentações e restrições. Porto Alegre, RS: Memória Jurídica Editora, 2002.

MORAES, J.; SARAIVA, K. A norma dos corpos holográficos. In: **33ª Reunião Anual da Anped** – Educação no Brasil: o balanço de uma década. Caxambu-

MG. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT16-6621--Int.pdf>>.

MOREIRA, M. F. S. **Tensões e diferenças na sala de aula: práticas docentes, gênero e sexualidade**. In: Seminário internacional Fazendo Gênero 7 – eixo temático: ST07 A - Gênero e sexualidade nas práticas escolares, Florianópolis, SC, 2006. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/M/Maria_de_Fatima_Salum_Moreira_07_A.pdf>.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000.

MÜLLER, V. R. **História de crianças e infâncias – registros, narrativas e vida privada**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. MORELLI, J. A. (Org.). **Criança e adolescente: a arte de sobreviver**. Maringá: Eduem, 2001.

NIETZSCHE, F. W.

Assim falou Zaratustra. Coleção “A Obra-Prima de Cada Autor”. São Paulo: Martin Claret, 2000.

PAGNUSSATTI, V. B. H. Os discursos da mídia, suas múltiplas leituras, como propulsora da sexualidade precoce e gravidez na adolescência. In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE / III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, Curitiba-PR. **Anais do evento**. 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2322_1209.pdf>.

PANTEL, P. S. A história das mulheres na história da antiguidade, hoje. In: DUBY G. (ORG). **História das mulheres no Ocidente**. A antiguidade. Sob direção de PANTEL. S. P. Volume 1. Tradução de Alberto Couto, Maria Manuela Marques da Silva, Maria Carvalho Torres, Maria Teresa Gonçalves e Teresa Joaquim. Porto: Edições Afrontamento, 1993.

PATERNIO, K. A.; MÜLLER, R. V. Sou criança: agora tenho acesso a muitas coisas, inclusive à erotização dos adultos. In: VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul-Anpedsul, Londrina, PR. **Anais do evento**. CD. 2010. Disponível em: <<http://www.anpedsul.com.br/anais.php>>.

PASOLINI, P. P. **Salò o le Centoventi Giornate di Sodoma**. [Filme-DVD]. Adaptação da obra de Sade. Produção Itália, direção de Pier Paolo Pasolini. 1975. NTSC -120 min color.

PENA, M. V. J.; PITANGUY, J. **A questão de gênero no Brasil**. Rio de Janeiro: Gráfica Imprinta, 2003.

PLATÃO, **Fedro**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PROST, A.; VICENT, G.(Org.). **História da vida privada, 5**: da Primeira Guerra a nossos dias. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PROVENZO JR. E. Videogame e a emergência da mídia interativa para crianças. In: STEINBERG, R., KINCHELOE, J. L. (Org). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Tradução George Eduardo Japiassú Bricio. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

RANUM, O. Os refúgios da intimidade. In: DUBY, G. (Org.). **História da vida privada, 3**: da Europa feudal à Renascença. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REVEL, J. Os usos da civilidade. In: CHARTIER, R. (Org.). **História da vida privada, 3**: da Renascença ao Século das Luzes; tradução Hildegard Feist. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REVISTA Vida e Saúde/Boas idéias para você viver bem, p. 24 – Ano 72, nº 4 – Revista Mensal – ISSN 1413-0882 – Casa Publicadora Brasileira – Jatuí-SP. Abril, 2010.

RONCIÈRE, C. L. A vida privada dos notáveis toscanos no limiar da Renascença. In: DUBY, G. (Org.). **História da vida privada, 2**: da Europa feudal à Renascença / organização Georges Duby; tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SABAT, R. Gênero e sexualidade para consumo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SACRISTÁN, G. **O aluno como invenção**. Tradução Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.

SADE, M. **A filosofia na alcova**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SARMENTO, M. J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal, 2005. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf>.

_____. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade**. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/ImaCultInfancia.pdf>.

_____. **Imaginário e culturas da infância.** Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal, 2003. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/ImaCultInfancia.pdf>.

_____. **Crianças:** educação, culturas e cidadania activa. Refletindo em torno de uma proposta de trabalho. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 17-40, jan./jul., 2005. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>>.

_____. **Gerações e alteridade:** interrogações a partir da sociologia da infância. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005 Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

_____. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (Org.). **Infância (in)visível.** Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007.

SCHMIEDT, M. **A invenção da infância** (vídeo). M. Schmiedt Produções. Apoio: Ministério da Cultura. Governo Federal e outros. São Paulo, 23/05/2000.

SOUZA FILHO, A. **Michel de Certeau:** fundamentos de uma sociologia do cotidiano. *Sociabilidades.* São Paulo/SP, v.2, p.129 - 134, 2002. ISSN: 1679-0251- disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index_arquivos/ARTIGOS%20ACADEMICOS/ARTIGOS_PDF/Michel%20de%20Certeau%20-%20fundamentos%20de%20uma%20sociologia%20do%20cotidiano.pdf>.

STEARNS, P. N. **História da sexualidade.** Tradução Tenato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.

STEINBERG, R., KINCHELOE, J. L. (Org). **Cultura infantil:** a construção corporativa da infância. Tradução George Eduardo Japiassú Bricio. – 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, R.; KINCHELOE, J. L. (Org.). **Cultura infantil:** a construção corporativa da infância. Tradução George Eduardo Japiassú Bricio. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

THORSTENSEN, S. **A TV e a erotização precoce.** Artigo publicado em 1999, na rede social. Disponível em: Disponível em: <<http://www.defatima.com.br/site/conteudo/novidades/artigo%20sexualidade.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2010, 22:16.

TOMÁS, C. A. **Há muitos mundos no mundo...** direitos da crianças, cosmopolitismo infantil e movimentos sociais de crianças – diálogos entre crianças de Portugal e Brasil. 2006. 416f. Tese (Doutorado em Sociologia da Infância) – Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança, 2006.

_____.; Soares. N. **O cosmopolitismo infantil: uma causa (sociológica) justa.** V Congresso Português de Sociologia. Instituto da Criança – Universidade do Minho, 2004. Braga. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_deTrabalho/textos/ArtigoCongressoAPS.pdf>.

TONUCCI, F. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** 1. ed. 17. reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

USSEL, V. **Repressão sexual.** Tradução [de] Sonia Alberti; revisão técnica [de] Jane Russo; prefácio [de] Jurandir Freire Costa. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

Sites:

http://www.cascavel.pr.gov.br/secretarias/semdec/sub_pagina.php?id=190 (Acesso em 15/07/10, às 16h50).

<http://www.cascavel.pr.gov.br/historia.php> (Acesso em 15/07/10, às 16h15).

<http://www.vanitatis.com/el-eroticon/embarazo-ninas-hipersexualizadas-modelos-sociales-20101105-343.html> (Acesso em 14/08/10, às 19h20).

http://dn.sapo.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1701381&seccao=Europa (Acesso em 14/08/10, às 18h12).

<http://pe360graus.globo.com/noticias/cidades/saude/2010/09/07/NWS,520122,4,62,NOTICIAS,766-ADULTESCENCIA-CONHECA-DESVIO-COMPORTAMENTO.aspx> - (Acesso em 03/01/11, às 11:24h).

<http://www.discoverybrasil.com/homeandhealth/na-tv/pequenas-misses/> (Acesso em 05/08/10, às 19h37).

<http://www.colheradacultural.com.br/content/20100206153620.000.4-N.php> (Acesso em 05/08/10, às 20h05).

<http://www.missbrazil.com.br/brinf09.html> (Acesso em 05/08/10, às 20h21).

<http://entretenimento.r7.com/moda-e-beleza/noticias/mini-miss-mundo-usa-coroa-de-r-10-mil-reais-em-evento-20100416.html> (Acesso em 05/08/10, às 20h43).

<http://www.hellostranger.com.br/2010/04/concurso-de-beleza-infantil/> (Acesso em 21/07/10, às 19h13).

http://www.ibge.gov.br/7a12/voce_sabia/curiosidades/curiosidade.php?id_curiosidade=38 (Acesso em 12 de julho de 2010, às 22h31).

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://cultureba.com.br/wp-content/uploads/2009/12/faustao.jpg&imgrefurl=http://cultureba.com.br/2009/12/17/&usg=__jyJNSVEqjyXwUTbBQD3ApqjBrmY=&h=280&w=425&sz=38&hl=pt-BR&start=0&zoom=1&tbnid=RvpPw4_3UpbVWM:&tbnh=127&tbnw=170&prev=/images%3Fq%3Dprograma%2Bdo%2Bfaust%25C3%25A3o%26um%3D1%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DN%26biw%3D1259%26bih%3D535%26tbs%3Disch:1&um=1&itbs=1&iact=hc&vpx=454&vpy=78&dur=62&hovh=182&hovw=277&tx=206&ty=68&ei=9-F7TJqcDcSDnQf39bDBAQ&oei=4uB7TILwBJTSngf2r6CdCw&esq=18&page=1&ndsp=18&ved=1t:429,r:2,s:0 – (Acessado em 30/08/10, às 14:05 h)

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.oplanetatv.com.br/arquivos/Noticia/imagemSite/26fb931c7ce55e2553c4b703f6165f5a.jpg&imgrefurl=https://tvcontacto.wordpress.com/2010/03/27/programa-do-gugu-estreia-o-quadro-%25E2%2580%259Cloiras-e-morenas%25E2%2580%259D/&usg=__J0YHB6dqrpLLenibMb2xkXzqSO4=&h=240&w=320&sz=57&hl=pt-BR&start=18&zoom=1&tbnid=BUJ_3jgxrRrutM:&tbnh=114&tbnw=169&prev=/images%3Fq%3Dprograma%2Bdo%2Bgugu%2Be%2Bdan%25C3%25A7arinas%26um%3D1%26hl%3Dpt-BR%26biw%3D1259%26bih%3D535%26tbs%3Disch:10%2C201&um=1&itbs=1&ei=jOI7TNz6H4GpngfJ5NXBAQ&biw=1259&bih=535&iact=rc&dur=390&oei=e-l7TOfpGYe6sQOKvoz6CA&esq=2&page=2&ndsp=19&ved=1t:429,r:5,s:18&tx=123&ty=61 (Acessado em 30/08/10, às 14:26 h).

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.imagepremium.com/images/bpx4fzpzuz2z03ndfzm6.jpg&imgrefurl=http://www.freshwap.net/forums/games/308628-call-duty-1-2-3-4-complete-series-full-iso-full-rip.html&h=500&w=356&sz=42&tbnid=i3VK44LeqFvqEM:&tbnh=266&tbnw=189&prev=/images%3Fq%3DCall%2Bof%2Bduty%2B1,2,3,4,5,6.&zoom=1&hl=pt-BR&usg=__f21eVJbVxJBb91GR0IRvBk9pZR0=&sa=X&ei=Qhp8TJy-loL58AaM1pGZCA&ved=0CBwQ9QEwAA (Acesso em 30/08/10, às 18:00 h).

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut> (acesso em 06/01/11, às 15h36).

<http://www.livrosdownload.com/2009/08/filosofia-na-alcova-marques-de-sade.html> (Acesso em 15/07/10, às 21h11).

<http://oglobo.globo.com/cidades/mat/2010/07/28/no-rio-grande-do-sul-adolescentes-transmitem-cenas-de-sexo-ao-vivo-pela-internet-917256957.asp> (Acesso em 10/01/11, às 17h18).

<http://gnt.globo.com/Estilo/Ensaio/Fofa-ou-inapropriado---Vogue--francesa-publica-editorial-polemico-com-criancas.shtml> (Acesso em 18/01/11, às 2h30).

<http://www.pailegal.net/textoimprime.asp?rvtextoid=2115068408>, (Acesso em 21/01/11, às 21h21).

http://www.conar.org.br/html/codigos/codigos%20e%20anexos_principios%20gerais_secao11.htm (Acesso em 19/01/11, às 17h48).

http://www.conar.org.br/html/codigos/codigos%20e%20anexos_principios%20gerais_secao11.htm (Acesso em 19/01/11, às 17h48).

<http://www.jornaldedomingo.com.br/noticia/57/outdoor-da-calvin-klein-e-censurado-pela-lei-anti-pornografia.html> (Acesso em 20/08/10, às 21h33).

http://www.camara.gov.br/sileg/Prop_Detalhe.asp?id=43201 (Acesso em 30/07/10, às 23h43).

<http://www.marxists.org/reference/archive/bakunin/works/1871/man-society.htm>

ANEXOS

**TERMO DE CONSSSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**

ANEXO I



Universidade Estadual de Maringá



**Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Educação
Mestrado e Doutorado em Educação**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada Normalização da Erotização da Infância: cotidiano escolar e familiar, que faz parte do curso de Mestrado em Educação e é orientada pela professora Dr^a Verônica Regina Müller, da Universidade Estadual de Maringá-UEM. O objetivo da pesquisa é caracterizar a infância da modernidade e identificar os mecanismos que interferem em sua modificação. Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria da seguinte forma: entrevista com as crianças e seus responsáveis. As crianças responderão as questões por meio do relógio piloto, que posteriormente o mesmo será reformulado e aplicado com os responsáveis, para um dia da semana e um dia de domingo. Além desse instrumento, será feita entrevista na qual o responsável relatará o cotidiano da família e da criança. Os encontros serão gravados por meio de equipamento de voz e se permitido, imagem. Informamos que poderão ocorrer alguns contratempos no sentido de alguns responsáveis selecionados se recusarem em participar da referida pesquisa, porém outros serão procurados. Será mantida uma relação de respeito e o entrevistado possui total liberdade para informar o que lhe é confortável.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa (ou ao seu filho, no caso do TCLE ser voltado aos pais/responsáveis de sujeito menor).

Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. O material coletado será arquivado em local seguro, que preserve o sigilo necessário.

Os benefícios esperados são a identificação de alguns mecanismos que interfiram na erotização precoce infantil e posteriormente compartilhar com a comunidade envolvida e outras que se interessarem pela temática.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar no endereço eletrônico: kelipatt@yahoo.com.br, fone: 45- 3037-7662 (Keli) ou veremuller@gmail.com, fone: 44-3301.9617 (Verônica).

Página 1 de 2

Abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Eu, _____ declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pelo Profª Drª Verônica Regina Müller.

Data: 13/01/10.

Nome do(a) responsável: _____

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido e concordo que _____, do (a) qual sou responsável, participe VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pelo Profª Drª Verônica Regina Müller.

Data: 13/01/10.

Nome do(a) responsável: _____

Assinatura ou impressão datiloscópica do responsável pela criança

Eu, **KELI ANDRÉA VARGAS PATERNO**, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

Data: 13/01/10.**KELI ANDRÉA VARGAS PATERNO**

Assinatura do pesquisador

Página 2 de 2

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Verônica Regina Müller

Endereço: Rua Guido Inácio Bersch, nº 60

(telefone/e-mail) 44-3301.9617 – veremuller@gmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444

E-mail: copep@uem.br

APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA
ANEXO II



Universidade Estadual de Maringá

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

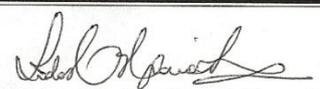
Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos

Registrado na CONEP em 10/02/1998



CAAE N°. 0363.0.093.000-09

PARECER N°. 672/2009

Pesquisador (a) Responsável: Verônica Regina Müller	
Centro/Departamento: CCS/Departamento de Educação Física	
Título do projeto: Normalização da erotização da infância: cotidiano escolar e familiar.	
Considerações:	
<p>Trata-se de um Projeto de Mestrado que tem como objetivo geral identificar e analisar as características dos mecanismos que interferem na construção de normalidade da erotização da infância no meio familiar e escolar à luz da teoria Foucaultiana, e que objetiva especificamente caracterizar a infância da modernidade e identificar os mecanismos que interferem em sua modificação; caracterizar a concepção de infância na escola Municipal Almirante Barroso, 4ª série, a partir das crianças, professores e famílias; identificar formas de vida familiar e atividades escolares que promovam a erotização das crianças; observar manifestações do comportamento infantil e aprofundar o conhecimento na Teoria de Michel Foucault, para interpretação da realidade estudada. É uma pesquisa qualitativa, que envolverá uma parte em campo e outra, bibliográfica. Serão estudadas, no total, 35 crianças de 9 e 10 anos, e os registros serão feitos pela própria criança e por seus responsáveis. As questões serão elaboradas de maneira que os entrevistados respondam espontaneamente, de acordo com a entrevista semi-estruturada. Os resultados serão analisados, de modo a identificar os mecanismos que estão contidos no cotidiano escolar e familiar, que interferem na prática e no pensamento infantil. A entrevista com aos pais servirá para esclarecer as relações sociais implicadas nessa problemática, para confirmar ou não, determinadas informações fornecidas pelas crianças. As entrevistas serão gravadas e filmadas.</p> <p>O Cronograma será de janeiro de 2009 a Dezembro de 2010. Orçamento será de 40,00 reais que será coberta pelo pesquisador. O TCLE vem em forma de convite e há o compromisso de sigilo necessário e confidencialidade.</p> <p>Parecer: Face ao exposto, somos de parecer favorável à APROVAÇÃO do Projeto.</p>	
Situação: APROVADO	
CONEP: (X) para registro () para análise e parecer Data: 11/12/2009.	
O pesquisador deverá apresentar Relatório Final para este Comitê em: Março de 2010.	
<p>O protocolo foi apreciado de acordo com a Resolução n°. 196/96 e complementares do CNS/MS, na 187ª reunião do COPEP em 11/12/2009.</p>	 PROFª.DRª. Ieda Harumi Higarashi Presidente do COPEP

LEGISLAÇÃO
ANEXO III



CÂMARA DOS DEPUTADOS

ALTERNATIVA A DIVULGAÇÃO E
PUBLICAÇÃO

Em 1 - 1 - 01

PROJETO DE LEI Nº _____, DE 2001
(Do Sr. Luiz Carlos Hauly)

PROJETO DE LEI Nº 5921/01

PLENÁRIA REUNIDA	
Em _____	_____
Nome _____	_____
Ponto _____	_____

Acrescenta parágrafo ao art. 37, da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, que "Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências".

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º O art. 37 da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, passa a vigorar com o acréscimo do seguinte § 2ºA:

"Art. 37

§ 2ºA. É também proibida a publicidade destinada a promover a venda de produtos infantis, assim considerados aqueles destinados apenas à criança.

....."(NR)

JUSTIFICAÇÃO

Como acentuei em discurso pronunciado no dia 5 do corrente mês, diante do que dispõe o art. 221 da Carta Magna, uma das questões que precisa ser avaliada é a da relação entre publicidade e crianças, principalmente com o envolvimento de ídolos da população infantil, com a veiculação de matérias que se transformam em verdadeira coação ou chantagem para a compra dos bens anunciados, embora desnecessários, supérfluos ou até prejudiciais, além de incompatíveis com a renda familiar.

Em alguns países é terminantemente proibido que a publicidade se dirija a crianças e produza sua indução. Em outros países existem restrições importantes. Já em outros, como o Brasil, existe um liberalismo total em relação a

3784

Hauly

**CÂMARA DOS DEPUTADOS**

esse tipo de prática. Esse é um tema que mereceria debate, conforme afirmou o Sr. Daniel Herz, Coordenador do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, na Audiência Pública realizada em reunião conjunta da Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática e da Comissão de Direitos Humanos, em 27 de abril de 1999, manifestando a convicção de que é possível equacioná-lo.

Embora tenha manifestado a opinião de que esse é um assunto que deveria ser estudado pelo Conselho de Comunicação Social, em sua função de órgão auxiliar do Congresso Nacional, a fim de que pudéssemos legislar adequadamente sobre ele, levando em conta, principalmente, os princípios da preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas e do respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família, que a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão devem atender, segundo o disposto no art. 221 da Constituição Federal, resolvi antecipar o debate da matéria, com a apresentação do presente projeto de lei.

Sala das Sessões, em 12 de dezembro de 2001.

Deputado **LUIZ CARLOS HAULY**

3784

GER 3.17.23.004-2 (JUN/99)

APÊNDICES

**O LUGAR: UMA CIDADE A SER
PENSADA PARA A INFÂNCIA**

APÊNDICE I

“Cascavel cidade hospitaleira”¹⁴, assim começa o hino da cidade. Um começo acolhedor, que nos remete a refletir mais profundamente sobre o significado da palavra hospitalidade¹⁵. Será suficiente a amabilidade de receber? Acreditamos não bastar. É necessário prover condições para que os recém chegados e os que aqui se estabeleceram exerçam sua cidadania.

A história da cidade demonstra certa inquietação com as questões sociais, pois, os pioneiros pensavam em construir um lugar onde os direitos fossem assegurados. Parte da trajetória desses desbravadores, que deram sua contribuição na formação de Cascavel, foi registrada por Sperança (1992) e outras informações estão disponíveis no portal do município, como

O termo "cascavel" origina-se de uma variação do latim clássico "caccabus", cujo significado é "borbulhar d'água fervendo". Segundo a lenda, o nome surgiu de um grupo de colonos que, pernoitando nos arredores de um rio, descobriram um grande ninho de cobras cascavéis, denominando então o local como "Cascavel". A sonoridade do guizo originou o nome da serpente: do latim "tintinnabulum", literalmente "o badalar do chocalho". Símbolo de poder e sabedoria, a serpente era cultuada na antigüidade(<http://www.cascavel.pr.gov.br/historia.php> - acesso em 15 de julho de 2010).

A maior parte dos relatos que fazemos são registros do livro “Cascavel a história”, de Alceu A. Sperança (1992). O autor conta que muitas pessoas, tropeiros que passavam por Cascavel, era devido ao transporte da erva-mate e tinham um lugar de pouso próximo ao rio. O ervateiro Augusto Gomes de Oliveira, observando a movimentação, constrói uma trilha que se tornará um dos principais caminhos para o transporte daquela que é uma a fundamental fonte de renda da época, em meados de 1895.

¹⁴ Hino de Cascavel:

<http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=80>

¹⁵ Hospitalidade (hos.pi.ta.li.da.de) s.f. **1.** Ação de hospedar; hospedagem. **2.** Qualidade de hospitaleiro. **3.** Tratamento afável e acolhedor dispensado a alguém: É sempre muito elogiada a hospitalidade dos brasileiros (**Dicionário Escolar da Língua Portuguesa – Academia Brasileira de Letras**. 2. ed. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008).

A concentração de equipamentos para coleta da erva, possibilita o surgimento de várias trilhas, que acabam por se encontrar com a de Augusto, que faz surgir a Encruzilhada dos Gomes, pelo crescente movimento (Sperança, 1992).

Por volta de 1920, o senhor José Silvério de Oliveira, o “Nhô Jeca”, primeiro habitante oficial da atual Cascavel, já percorria a região da Encruzilhada e em 1923, encontra enterrada uma estatueta de santa, provavelmente Nossa Senhora Aparecida (Sperança, 1992), que posteriormente passa a ser a padroeira do município de acordo com a Lei nº201/62(http://www.cascavel.pr.gov.br/secretarias/semdec/sub_pagina.php?id=190 – último acesso em 15 de julho de 2010).

No livro, Sperança (1992), conta a história e alerta para o fato da imprecisão da real origem do nome Cascavel e argumenta haver outras versões explicativas, mas não nos ateremos as demais, pois a que relatamos é a mais conhecida e consta no portal do município de Cascavel.

Em 1922 aconteceu um fato interessante quando o monsenhor Guilherme batiza Cascavel de Aparecida dos Portos. Ele acreditava que a referência à serpente, representava um símbolo do mal. Essa também foi uma das batalhas de Nhô Jeca: manter o nome original, além de estabelecer comércios e tornar Cascavel uma cidade.

A população aumenta e a cidade toma forma. Em 1933, Cascavel passa a ser patrimônio de Foz do Iguaçu. O embate entre Nhô Jeca e monsenhor Guilherme referente ao nome continua e somente em 1936 termina, boa parte por resistência das pessoas que aqui moravam, que se referiam ao local exclusivamente como Cascavel. Acaba assim, o enfrentamento religioso envolvido no nome da cidade.

Em 1943 foi criado o Território Federal do Iguaçu que se extinguiu em 1946 e a região é envolta em um temeroso sentimento de abandono pelo Estado. Tem-se início um movimento para criar o município que foi reforçado com a fundação do Tuiuti Esporte Clube no ano de 1949.

Foi em 14 de novembro de 1951, com a criação da lei estadual 790/51, que se efetiva a emancipação dos municípios de Cascavel e Toledo. No dia 19

de novembro de 1952 é eleito, com 383 votos, o primeiro prefeito municipal (Cascavel), José Neves Formigueri (PTB) (Sperança, 2002).

A criação da Comarca de Cascavel, em 14 de dezembro de 1953, foi motivo de festejos para seus governantes. Muitos acontecimentos importantes ocorreram nos anos seguintes e em 1986, no mês de fevereiro, o Movimento dos Agricultores Sem-Terra do Oeste do Paraná (Mastro), futuro MST, ocupou as fazendas Conceição e Vitória. Começava em Cascavel a tradição de ocupações do MST, o que forçou esboços de uma reforma agrária no País. Atualmente,

Cascavel é uma cidade jovem e promissora. Com seus 300 mil habitantes, consolidou a posição de pólo econômico regional e epicentro do Mercosul.

A cidade destaca-se como pólo universitário, com mais de 21 mil estudantes de ensino superior em sete instituições de ensino. É também referência na medicina e na prestação de serviços. Seu comércio e grande infra-estrutura industrial e de serviços demonstram toda a grandiosidade tecnológica da cidade (<http://www.cascavel.pr.gov.br/historia.php>).

Cascavel é uma cidade em desenvolvimento e apesar de ter base agrícola, de acordo com os dados do IBGE/2000, o número de domicílios urbanos é expressivamente maior que o rural.

POPULAÇÃO CENSITÁRIA SEGUNDO TIPO DE DOMICÍLIO E SEXO – 2000			
TIPO DE DOMICÍLIO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Urbano	110.916	117.757	228.673
Rural	8.718	7.978	16.696
TOTAL	119.634	125.735	245.369

FONTE: IBGE - Censo Demográfico - Resultados da amostra

Outra pesquisa interessante feita pelo mesmo instituto, porém no ano de 2007, foi referente à contagem da população por faixa etária. Ao olharmos os

dados, constatamos que 58% dos habitantes são pessoas em idades, entre 19 a 49, com alto potencial produtivo.

CONTAGEM DA POPULAÇÃO SEGUNDO FAIXA ETÁRIA E SEXO – 2007			
FAIXA ETÁRIA (anos)	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Menores de 1 ano	1.955	2.034	3.989
De 1 a 4	8.657	8.706	17.363
De 5 a 9	13.034	12.713	25.747
De 10 a 14	14.392	13.857	28.249
De 15 a 19	13.183	13.696	26.879
De 20 a 24	12.716	13.480	26.196
De 25 a 29	12.095	13.122	25.217
De 30 a 34	11.345	12.523	23.868
De 35 a 39	10.937	12.386	23.323
De 40 a 44	10.380	11.610	21.990
De 45 a 49	8.659	9.191	17.850
De 50 a 54	6.718	7.065	13.783
De 55 a 59	4.798	5.116	9.914
De 60 a 64	3.314	3.968	7.282
De 65 a 69	2.499	2.975	5.474
De 70 a 74	1.829	2.149	3.978
De 75 a 79	1.141	1.429	2.570
De 80 anos e mais	877	1.235	2.112
TOTAL	138.529	147.255	285.784

FONTE: IBGE

NOTA: A soma das parcelas não corresponde ao total porque está incluído no mesmo, a população estimada nos domicílios fechados. Incluído a estimativa do IPARDES para os que não tiveram contagem (Cascavel, Colombo, Curitiba, Foz do Iguaçu, Londrina, Maringá, Ponta Grossa e São José dos Pinhais) (Consulta no site: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=85800> em 02/08/10, à 1:34h (AM)).

São registros de uma cidade em expansão. Uma história rica contada por pioneiros, descendentes, pesquisadores e pessoas envolvidas e comprometidas com o município. Com um olhar voltado à criança, realizamos uma pesquisa junto a 32 crianças (entre 9 e 10 anos). A primeira questão

solicitava que cada um escrevesse duas coisas que gostaria de ter em seu bairro.

Sabemos da dificuldade de se gerir um município. Atender a todas as solicitações é uma tarefa difícil, mas pode contribuir na direção dos trabalhos. Formulamos uma segunda questão: escreva uma coisa que você gostaria de ter na cidade. Procure voltar o pensamento para a coletividade.

Referências:

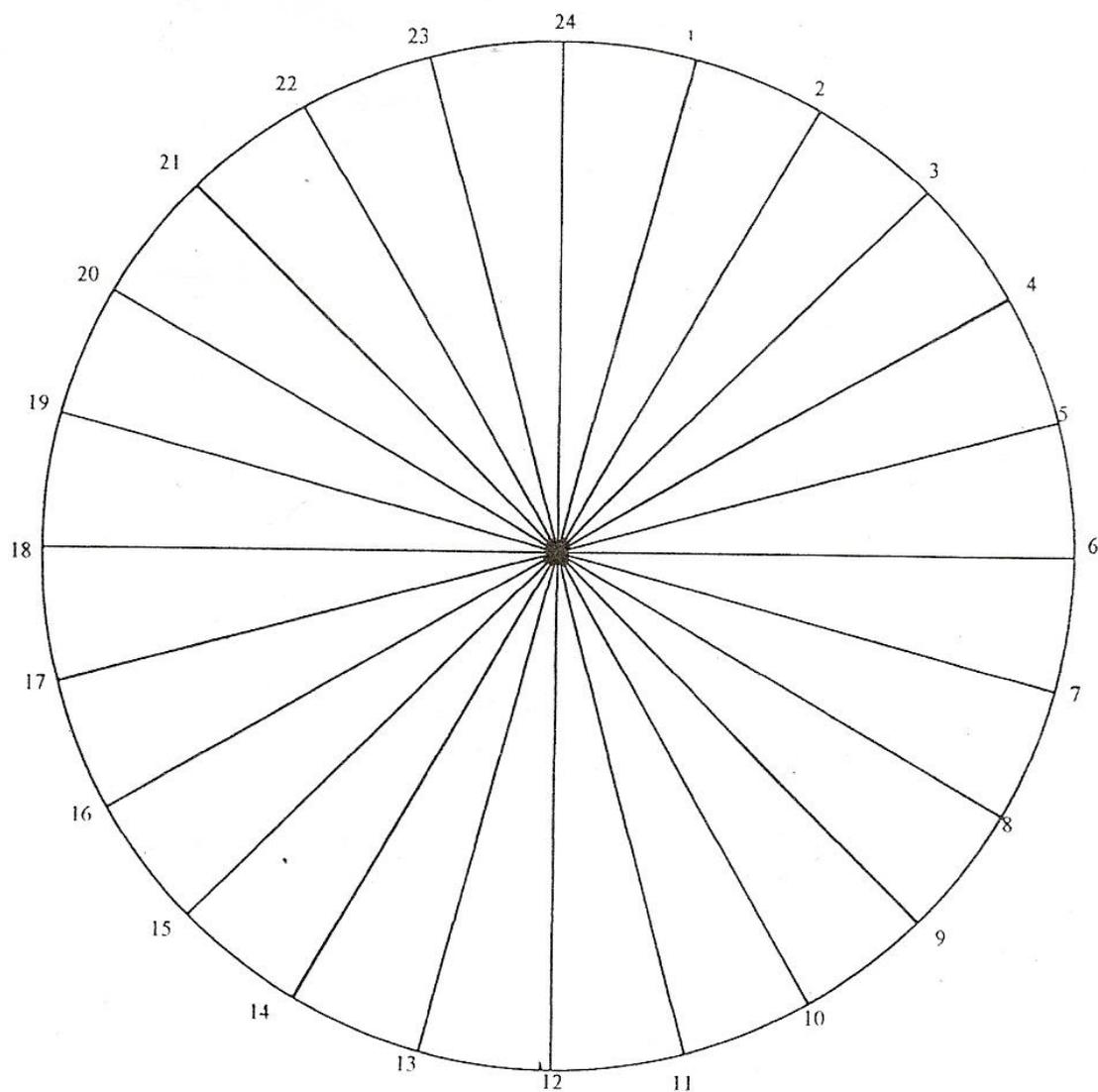
SPERANÇA, A. **Cascavel: a história**. Curitiba: Lagarto, 1992.

_____. 2002. **Cascavel 50 anos Livro Ouro. Cascavel: Gráfica Tuicial**.

QUESTIONÁRIO-RELÓGIO
APÊNDICE II
(original e 12 de um total de 30)

Relógio original fornecido pela professora Maria Olívia da Cruz Macalós

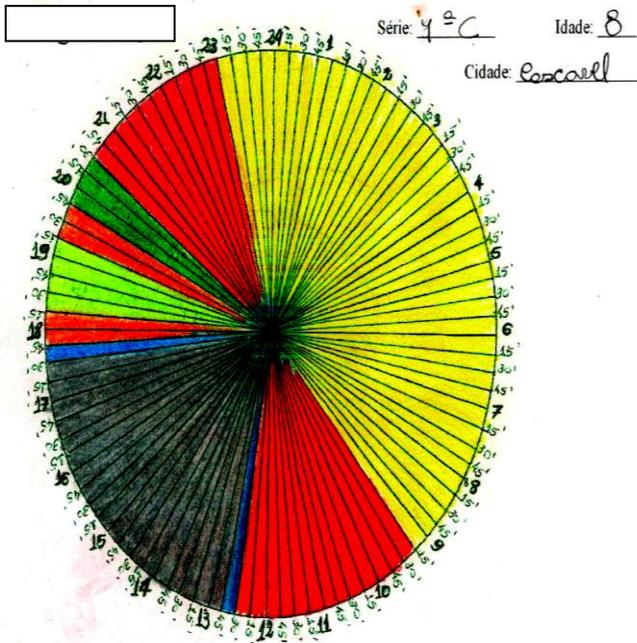
DIAGRAMA DE ATIVIDADES



AZUL
 AMARELO
 LARANJA
 VERDE CLARO
 VERDE ESCURO
 ROSA
 ROXO
 AZUL ESCURO
 MARRON
 VERMELHO
 AZUL CLARO

- descanso/sono
- higienização e alimentação
- atividades domésticas
- trabalho remunerado
- trabalho voluntário
- estudos, cursos
- atividades religiosas
- atividades políticas
- transporte
- recreação/lazer
- tempo para com os filhos

Questionário-relógio de um dia da semana da criança – A



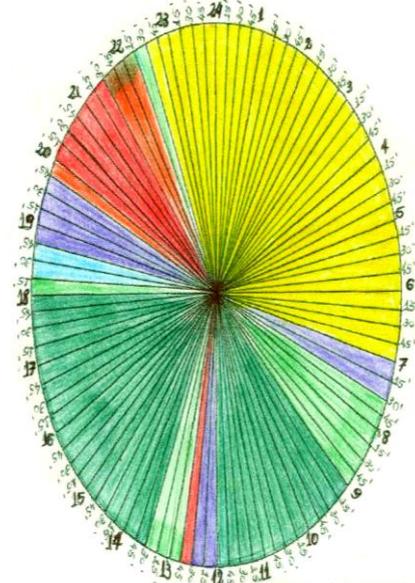
Utilize as cores indicadas para colorir o que pede:

- a) Amarelo claro o tempo que você dorme;
- b) Laranja o tempo que você leva para tomar o café da manhã;
- c) Vermelho o tempo que você assiste TV e assinale abaixo o programa/canal que você assiste:
a) () Xuxa b) () Eliana c) () Discovery Kids d) () Cartoon Network
- e) () Sessão da tarde f) () Outro - Qual terça geladinho, sem dia e dia
- d) Amarelo queimado ou forte o tempo que você brinca com carrinho, boneca, jogos educativos (memória, dominó, xadrez, resta um...);
- e) Marrom o tempo que você joga vídeo game;
- f) Azul claro o tempo que você brinca com amigos outras brincadeiras: quais?
_____;
- g) Azul escuro o tempo ~~que você brinca~~ no transporte
- h) Verde claro o tempo que você passa com seus pais: o que vocês fazem?
_____;
- i) Verde escuro o tempo que você leva para fazer suas tarefas escolares;
- j) Rosa o tempo que você leva para afazeres domésticos. O que você faz?
_____;
- k) Cinza o tempo que permanece na escola;
- l) Preto o tempo que você faz outras atividades; quais?
_____.

Questionário-relógio de um dia da semana do responsável legal da criança – A

Idade: 42 Cidade: Cascavel-Pr.

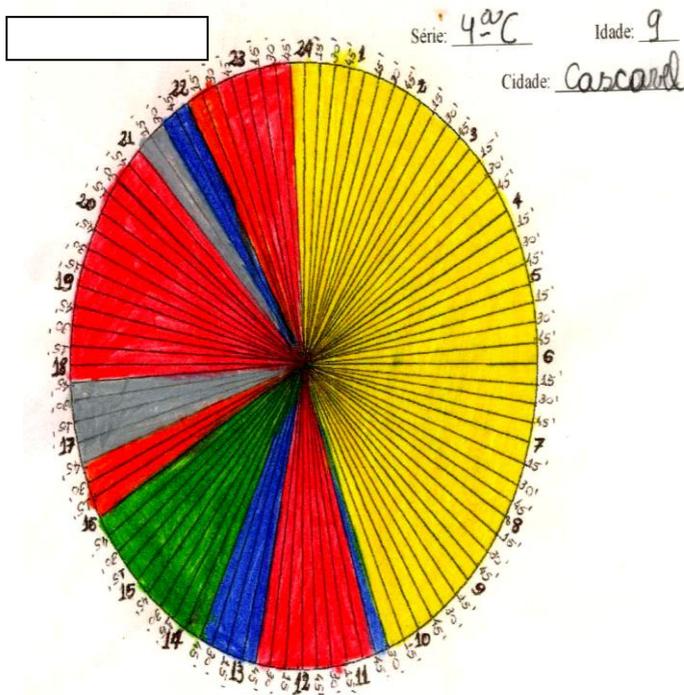
Questionário direcionado aos pais – Dia da semana



Utilize as cores indicadas para colorir referente um dia, habitual, da semana.

- a) Amarelo claro o tempo que você dorme;
- b) Azul escuro o tempo que você leva para realizar as refeições (café da manhã, almoço, lanche, jantar);
- c) Vermelho o tempo que você assiste TV e assinale abaixo o programa/canal que você assiste:
a) () TV Educativa b) (x) Globo c) () Record d) () SBT e) () Cartoon Network f) Discovery Kids f) () Outro - Qual _____
Que programa você assiste? novela, jornal, filme
- d) Pinte de Verde escuro o tempo que você trabalha.
- e) Cor de laranja o tempo que você brinca com seu filho. De que vocês brincam?
quedar e jogar as tarefas
- f) Você possui computador? (x) Sim () Não - Se a resposta foi "sim", pinte de azul claro o tempo que você geralmente fica nessa atividade.
- g) Você possui Internet? (x) Sim () Não - Se a resposta foi "sim", pinte de azul claro o tempo que você permanece conectado a rede.
- h) Verde claro o tempo que você realiza outra atividade que não foi mencionada. O que você faz?
Tarefas domésticas
- i) Escreva a hora que seu filho(a) vai dormir no período da noite. 22:00 horas

Questionário-relógio de um dia de domingo da criança - A



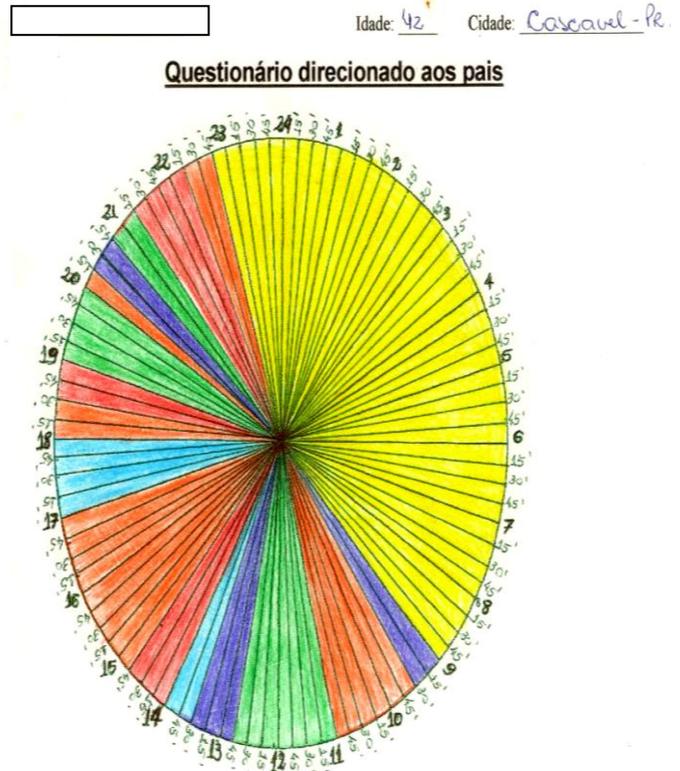
Utilize as cores indicadas para colorir, referente um dia rotineiro de domingo:

- a) Amarelo claro o tempo que você dorme;
- b) Azul escuro o tempo que você leva para realizar as refeições (café da manhã, almoço, lanche, jantar);
- c) Vermelho o tempo que você assiste TV e assinale abaixo o programa/canal que você assiste:
a) () TV Educativa b) (X) Globo c) () Record d) (X) SBT e) () Cartoon Network
f) Discovery Kids f) () Outro - Qual TV suca, rede, rede fequiti, dudu, Silvio Santos
Que programa você assiste? TV suca, rede, rede fequiti, dudu, Silvio Santos
- d) Cor de laranja o tempo que você brinca. De que você brinca?
Video, futebol, jogo video game
- e) Azul claro o tempo que você brinca com seus amigos: o que vocês fazem?

- f) Verde claro o tempo que você passa com seus pais: o que vocês fazem?
Passamos
- g) Verde escuro o tempo que você realiza outra atividade que não foi mencionada. O que você faz?

- h) Você tem internet? (X) Sim () Não
- i) Se você assinou sim na letra h, responda: pinte de cinza o tempo que você utiliza conectado a rede
Geralmente que sites você acessa? logos, orkut, msn, Stardoll
- j) O que você gostaria de fazer de diferente no domingo? Por que você não faz?
andar de kart porque não posso

Questionário-relógio de domingo do responsável legal da criança - A

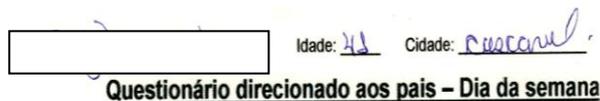
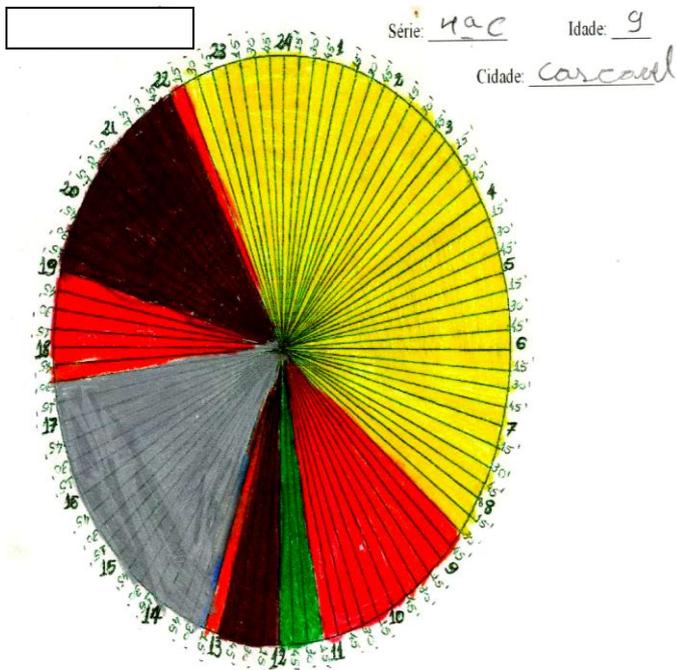


Utilize as cores indicadas para colorir, referente um dia rotineiro de domingo:

- a) Amarelo claro o tempo que você dorme;
- b) Azul escuro o tempo que você leva para realizar as refeições (café da manhã, almoço, lanche, jantar);
- c) Vermelho o tempo que você assiste TV e assinale abaixo o programa/canal que você assiste:
a) () TV Educativa b) (X) Globo c) (X) Record d) () SBT e) () Cartoon Network
f) Discovery Kids f) (X) Outro - Qual filmes (DVD) - reportagem/document
Que programa você assiste? Journal
- d) Cor de laranja o tempo que você brinca com seu filho. De que vocês brincam?
Joguinhos, casinha, escola
- e) Você possui computador? (X) Sim () Não - Se a resposta foi "sim", pinte de azul claro o tempo que você geralmente fica nessa atividade.
- f) Você possui Internet? (X) Sim () Não - Se a resposta foi "sim", pinte de azul claro o tempo que você permanece conectado a rede.
- g) Verde claro o tempo que você realiza outra atividade que não foi mencionada. O que você faz?
vai a missa, trabalhos domésticos, visitas
- h) O que você gostaria de fazer de diferente no domingo? Por que você não faz?
Fazer visita aos amigos e passeios. falta de organização
- i) Escreva a hora que seu filho vai dormir no período da noite. entre 22:30 e 23:00 hrs

Questionário-relógio de um dia da semana da criança - B

Questionário-relógio de um dia da semana do responsável legal da criança - B



Utilize as cores indicadas para colorir o que pede:

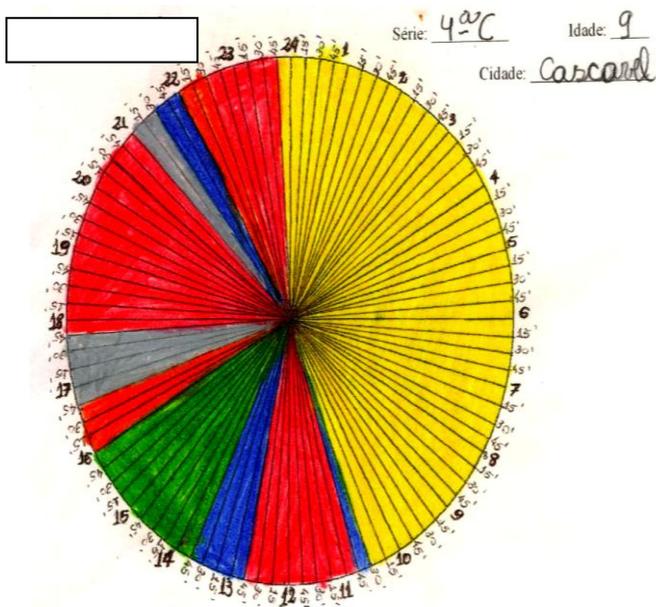
Utilize as cores indicadas para colorir referente um dia, habitual, da semana.

- a) Amarelo claro o tempo que você dorme;
- b) Laranja o tempo que você leva para tomar o café da manhã;
- c) Vermelho o tempo que você assiste TV e assinale abaixo o programa/canal que você assiste:
 - a) Xuxa
 - b) Eliana
 - c) Discovery Kids
 - d) Cartoon Network
 - e) Sessão da tarde
 - f) Outro - Qual As aventuras de Tia e o pai da mãe da criança
- d) Amarelo queimado ou forte o tempo que você brinca com carrinho, boneca, jogos educativos (memória, dominó, xadrez, resta um...);
- e) Marrom o tempo que você joga video game;
- f) Azul claro o tempo que você brinca com amigos outras brincadeiras: quais? bicicleta
- g) Azul escuro o tempo que você ~~trabalha~~ TRANSPORTE
- h) Verde claro o tempo que você passa com seus pais: o que vocês fazem? Parreiros
- i) Verde escuro o tempo que você leva para fazer suas tarefas escolares;
- j) Rosa o tempo que você leva para afazeres domésticos. O que você faz? lavar a louça
- k) Cinza o tempo que permanece na escola;
- l) Preto o tempo que você faz outras atividades; quais? Parreiros

- a) Amarelo claro o tempo que você dorme;
- b) Azul escuro o tempo que você leva para realizar as refeições (café da manhã, almoço, lanche, jantar);
- c) Vermelho o tempo que você assiste TV e assinale abaixo o programa/canal que você assiste:
 - a) TV Educativa
 - b) Globo
 - c) Record
 - d) SBT
 - e) Cartoon Network
 - f) Outro - Qual Varalva
 Que programa você assiste? Jornal
- d) Pinte de Verde escuro o tempo que você trabalha.
- e) Cor de laranja o tempo que você brinca com seu filho. De que vocês brincam? Bolas, xadrez
- f) Você possui computador? Sim Não - Se a resposta foi "sim", pinte de azul claro o tempo que você geralmente fica nessa atividade.
- g) Você possui Internet? Sim Não - Se a resposta foi "sim", pinte de azul escuro o tempo que você permanece conectado a rede.
- h) Verde claro o tempo que você realiza outra atividade que não foi mencionada. O que você faz? me preparando para trabalhar
- i) Escreva a hora que seu filho(a) vai dormir no período da noite. 10 horas

Questionário-relógio de um domingo da criança - B

Questionário-relógio de um domingo do responsável legal da criança - B



Utilize as cores indicadas para colorir, referente um dia rotineiro de domingo:

- a) Amarelo claro o tempo que você dorme;
- b) Azul escuro o tempo que você leva para realizar as refeições (café da manhã, almoço, lanche, jantar);
- c) Vermelho o tempo que você assiste TV e assinale abaixo o programa/canal que você assiste:
a) () TV Educativa b) (X) Globo c) () Record d) (X) SBT e) () Cartoon Network
f) Discovery Kids f) () Outro - Qual _____
- d) Cor de laranja o tempo que você brinca. De que você brinca? lúdica, vídeo, Silvio Santos
videi, futebol, jogo video game
- e) Azul claro o tempo que você brinca com seus amigos: o que vocês fazem?

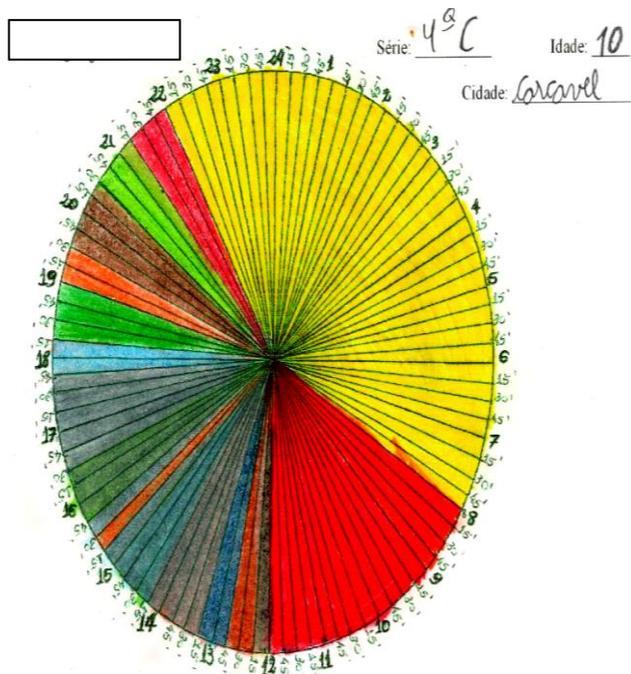
- f) Verde claro o tempo que você passa com seus pais: o que vocês fazem?
Passamos
- g) Verde escuro o tempo que você realiza outra atividade que não foi mencionada. O que você faz?

- h) Você tem internet? (X) Sim () Não
- i) Se você assinalou sim na letra h, responda: pinte de cinza o tempo que você utiliza conectado a rede. Geralmente que sites você acessa? Jogos, orkut, msn, Stardoll
- j) O que você gostaria de fazer de diferente no domingo? Por que você não faz?
Jogar de kart porque não posso

Utilize as cores indicadas para colorir, referente um dia rotineiro de domingo:

- a) Amarelo claro o tempo que você dorme;
- b) Azul escuro o tempo que você leva para realizar as refeições (café da manhã, almoço, lanche, jantar);
- c) Vermelho o tempo que você assiste TV e assinale abaixo o programa/canal que você assiste:
a) () TV Educativa b) (X) Globo c) () Record d) () SBT e) () Cartoon Network
f) Discovery Kids f) (X) Outro - Qual tarado
Que programa você assiste? sem romantico
- d) Cor de laranja o tempo que você brinca com seu filho. De que vocês brincam?
Bolinhas, taboas, jogos
- e) Você possui computador? (X) Sim () Não - Se a resposta foi "sim", pinte de azul claro o tempo que você geralmente fica nessa atividade.
- f) Você possui Internet? (X) Sim () Não - Se a resposta foi "sim", pinte de azul claro o tempo que você permanece conectado a rede.
- g) Verde claro o tempo que você realiza outra atividade que não foi mencionada. O que você faz?
organizar o lixo, lavar roupa
- h) O que você gostaria de fazer de diferente no domingo? Por que você não faz?
Jogar, mas nem sempre dá
- i) Escreva a hora que seu filho vai dormir no período da noite. 10:00 horas

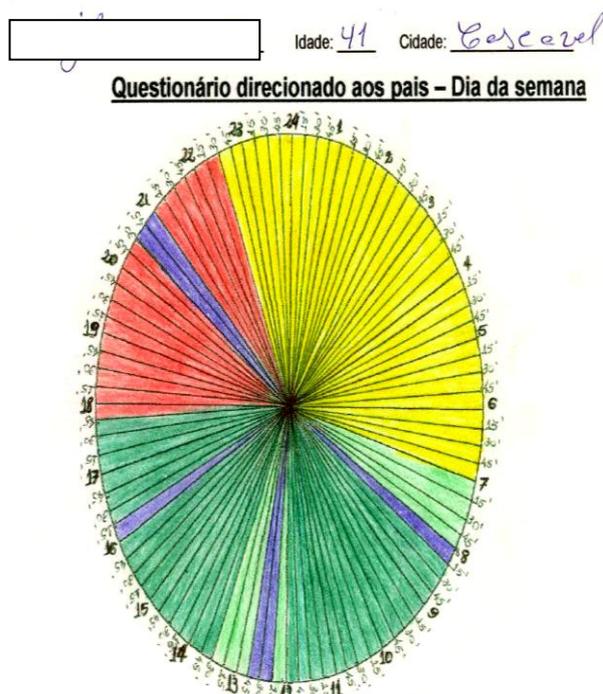
Questionário-relógio de um dia da semana da criança - C



Utilize as cores indicadas para colorir o que pede:

- Amarelo claro o tempo que você dorme;
- Laranja o tempo que você leva para tomar o café da manhã;
- Vermelho o tempo que você assiste TV e assinale abaixo o programa/canal que você assiste:
 - Xuxa
 - Eliana
 - Discovery Kids
 - Cartoon Network
 - Sessão da tarde
 - Outro - Qual Eu e o Patricão e os amigos, Glorinha
- Amarelo queimado ou forte o tempo que você brinca com carrinho, boneca, jogos educativos (memória, dominó, xadrez, resta um...);
- Marrom o tempo que você joga video game;
- Azul claro o tempo que você brinca com amigos outras brincadeiras: quais?
_____;
- Azul escuro o tempo que você almoça;
- Verde claro o tempo que você passa com seus pais: o que vocês fazem?
_____;
- Verde escuro o tempo que você leva para fazer suas tarefas escolares;
- Rosa o tempo que você leva para afazeres domésticos. O que você faz?
_____;
- Cinza o tempo que permanece na escola;
- Preto o tempo que você faz outras atividades; quais?
_____;

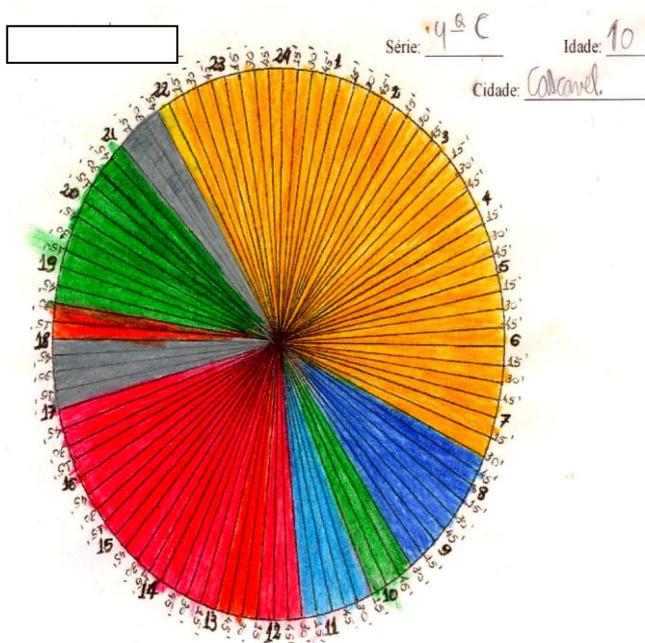
Questionário-relógio de um dia da semana do responsável da criança - C



Utilize as cores indicadas para colorir referente um dia, habitual, da semana.

- Amarelo claro o tempo que você dorme;
- Azul escuro o tempo que você leva para realizar as refeições (café da manhã, almoço, lanche, jantar);
- Vermelho o tempo que você assiste TV e assinale abaixo o programa/canal que você assiste:
 - TV Educativa
 - Globo
 - Record
 - SBT
 - Cartoon Network
 - Discovery Kids
 - Outro - Qual _____
Que programa você assiste? novelas jornal
- Pinte de Verde escuro o tempo que você trabalha.
- Cor de laranja o tempo que você brinca com seu filho. De que vocês brincam?
_____;
- Você possui computador? Sim Não - Se a resposta foi "sim", pinte de azul claro o tempo que você geralmente fica nessa atividade.
- Você possui Internet? Sim Não - Se a resposta foi "sim", pinte de azul escuro o tempo que você permanece conectado a rede.
- Verde claro o tempo que você realiza outra atividade que não foi mencionada. O que você faz?
Refeições organização da casa
- Escreva a hora que seu filho(a) vai dormir no período da noite. 22 Horas

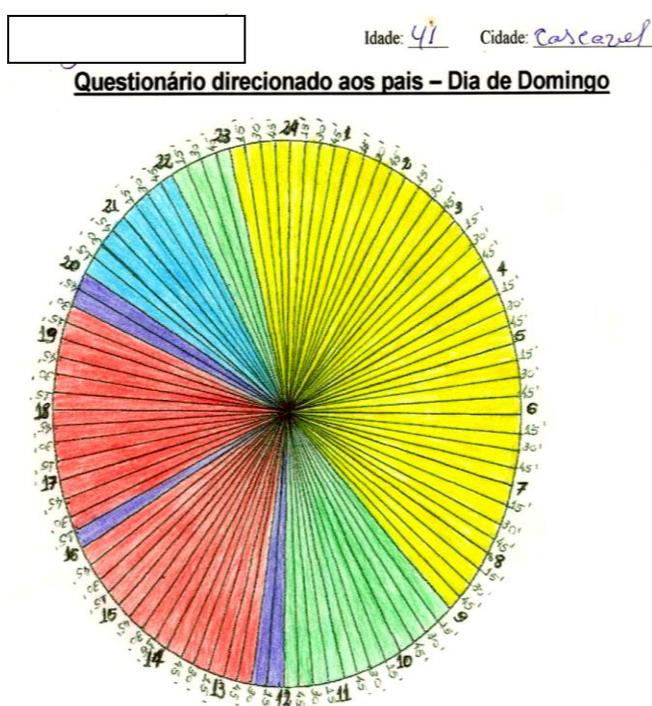
Questionário-relógio de um domingo da criança - C



Utilize as cores indicadas para colorir, referente um dia rotineiro de domingo:

- a) Amarelo claro o tempo que você dorme;
- b) Azul escuro o tempo que você leva para realizar as refeições (café da manhã, almoço, lanche, jantar);
- c) Vermelho o tempo que você assiste TV e assinale abaixo o programa/canal que você assiste:
 a) () TV Educativa b) Globo c) Record d) SBT e) () Cartoon Network
 f) Discovery Kids f) Outro - Qual Emo Tint = formal etc.
 Que programa você assiste? _____
- d) Cor de laranja o tempo que você brinca. De que você brinca?
patina e lanche, vídeo, queima, xadrez, futebol, etc.
- e) Azul claro o tempo que você brinca com seus amigos: o que vocês fazem?
jogar jogos etc.
- f) Verde claro o tempo que você passa com seus pais: o que vocês fazem?
assistir jogos, jogar Salma
- g) Verde escuro o tempo que você realiza outra atividade que não foi mencionada. O que você faz?
nao vou a academia e feitura
- h) Você tem internet? Sim () Não
- i) Se você assinalou sim na letra h, responda: pinte de cinza o tempo que você utiliza conectado a rede. Geralmente que sites você acessa? DVD, desenho, bate papo
- j) O que você gostaria de fazer de diferente no domingo? Por que você não faz?
Eu gostaria de ir ao trabalho da meu pai mas e muito perigoso.

Questionário-relógio de um domingo do responsável legal da criança - C



Utilize as cores indicadas para colorir, referente um dia rotineiro de domingo:

- a) Amarelo claro o tempo que você dorme;
- b) Azul escuro o tempo que você leva para realizar as refeições (café da manhã, almoço, lanche, jantar);
- c) Vermelho o tempo que você assiste TV e assinale abaixo o programa/canal que você assiste:
 a) () TV Educativa b) Globo c) () Record d) () SBT e) () Cartoon Network
 f) Discovery Kids f) () Outro - Qual _____
 Que programa você assiste? Filme FAUSTÃO fantástico
- d) Cor de laranja o tempo que você brinca com seu filho. De que vocês brincam?

- e) Você possui computador? Sim () Não - Se a resposta foi "sim", pinte de azul claro o tempo que você geralmente fica nessa atividade.
- f) Você possui Internet? Sim () Não - Se a resposta foi "sim", pinte de azul claro o tempo que você permanece conectado a rede.
- g) Verde claro o tempo que você realiza outra atividade que não foi mencionada. O que você faz?
organização da casa
- h) O que você gostaria de fazer de diferente no domingo? Por que você não faz?
passar não vou porque preciso descansar
- i) Escreva a hora que seu filho vai dormir no período da noite. 22:30 Horas

**ENTREVISTA COM RESPOSTAS
AMPLAS/ABERTAS COM O
RESPONSÁVEL LEGAL
(5 de um total de 30)
APÊNDICE III**

1) Com quem e como (de transporte escolar, a pé, bicicleta...) seu filho(a) vai à escola? a pé com a tia

2) O que tem no trajeto que seu filho(a) faz até a escola? Exemplos: outdoors, bancas de revistas ou jornais, bares...

só bares

3) Você acha que a infância de seu filho é ou está ideal?

() Sim Não

4) Por favor explique melhor sua resposta. O que está bom ou não?

falta da presença do pai

5) Como seria a vida ideal para uma criança?

uma família unida

6) Tem coisas (imagens, músicas, danças, outros) que no dia-a-dia são inadequadas para as crianças? O quê? Por que não é aconselhável que as crianças tenham acesso a essas manifestações?

Sim, imagens, músicas, danças interfere no desenvolvimento da criança

7) Se o senhor(a) tivesse mais tempo, o que gostaria de fazer na companhia de seu filho(a)?

gostaria de viajar ir pra praia

- 1) Com quem e como (de transporte escolar, a pé, bicicleta...) seu filho(a) vai à escola? com os pais.
- 2) O que tem no trajeto que seu filho(a) faz até a escola? Exemplos: outdoors, bancas de revistas ou jornais, bares...
comércio, lojas, bar, outdoors, restaurantes.
- 3) Você acha que a infância de seu filho é ou está ideal?
 Sim Não
- 4) Por favor explique melhor sua resposta. O que está bom ou não?
Infelizmente ~~sofremos influências~~
~~externas negativas~~, vindas principalmente
pelos meios de comunicação.
- 5) Como seria a vida ideal para uma criança?
Onde ela pudesse se desenvolver em
um ambiente sem essas influências e pudesse
apenas receber as informações adequadas à sua
idade.
- 6) Tem coisas (imagens, músicas, danças, outros) que no dia-a-dia são inadequadas para as crianças? O quê? Por que não é aconselhável que as crianças tenham acesso a essas manifestações?
Sim! Pois a maioria incute a violência
e ao erotismo.
- 7) Se o senhor(a) tivesse mais tempo, o que gostaria de fazer na companhia de seu filho(a)?
Gostaria de poder conversar e mostrar
tudo o que acho ser importante p/ sua forma-
ção, para ela saber se defender melhor.
E tbm ter mais tempo p/ brincar e
sorria c/ ela.

1) Com quem e como (de transporte escolar, a pé, bicicleta...) seu filho(a) vai à escola? carro próprio.

2) O que tem no trajeto que seu filho(a) faz até a escola? Exemplos: outdoors, bancas de revistas ou jornais, bares...

Bares.

3) Você acha que a infância de seu filho é ou está ideal?

() Sim Não

4) Por favor explique melhor sua resposta. O que está bom ou não?

meu filho não tem por motivo da influência do computador, jogos, filmes.

5) Como seria a vida ideal para uma criança?

seria melhor se não estivesse drogas, cigarro, bebidas, mortes.

6) Tem coisas (imagens, músicas, danças, outros) que no dia-a-dia são inadequadas para as crianças? O quê? Por que não é aconselhável que as crianças tenham acesso a essas manifestações?

As redes sociais sem outras oportunidades para o mal encaminhamento para seu filho.

7) Se o senhor(a) tivesse mais tempo, o que gostaria de fazer na companhia de seu filho(a)?

acompanhar seu filho, ir na praça Buncan, ir no cinema.

1) Com quem e como (de transporte escolar, a pé, bicicleta...) seu filho(a) vai à escola? Carro próprio

2) O que tem no trajeto que seu filho(a) faz até a escola? Exemplos: outdoors, bancas de revistas ou jornais, bares...

bares

3) Você acha que a infância de seu filho é ou está ideal?

() Sim (X) Não

4) Por favor explique melhor sua resposta. O que está bom ou não?

Acho que eles não tem liberdade para brincar
temos que protegê-los de tudo
Acho que acaba sufocando eles.

5) Como seria a vida ideal para uma criança?

poder ter liberdade de ir e vir sem perigo

6) Tem coisas (imagens, músicas, danças, outros) que no dia-a-dia são inadequadas para as crianças? O quê? Por que não é aconselhável que as crianças tenham acesso a essas manifestações?

sim, muitas letras de músicas, muitos estilos de
dança eles acabam emitindo os certos personagens

7) Se o senhor(a) tivesse mais tempo, o que gostaria de fazer na companhia de seu filho(a)?

passar mais com ele, Brincar mais poder
curtir mais coisas com ele

1) Com quem e como (de transporte escolar, a pé, bicicleta...) seu filho(a) vai à escola? Com pedestre, de carro.

2) O que tem no trajeto que seu filho(a) faz até a escola? Exemplos: outdoors, bancas de revistas ou jornais, bares...

Parcs, servitorias, residências, cabelereiro, sinais de trânsito

3) Você acha que a infância de seu filho é ou está ideal?

Sim Não

4) Por favor explique melhor sua resposta. O que está bom ou não?

Está bom o fato de aquisição de roupas, brinquedos, materiais escolares, alimentos, viagens. O que não está bom, a influência imposta pela mídia a força imposta pelo capitalismo no qual vivemos, nos forçamos a uma

5) Como seria a vida ideal para uma criança?

Aquela na qual os pais conseguissem disponibilizar tempo para a vida familiar.

6) Tem coisas (imagens, músicas, danças, outros) que no dia-a-dia são inadequadas para as crianças? O quê? Por que não é aconselhável que as crianças tenham acesso a essas manifestações?

Sim. Violência, sexo, troca de namorados ou maridos como quem troca de roupa, em fim coisas que colocam em dúvida a moralidade das pessoas. Não acho aconselhável as crianças a ter acesso a essas manifestações

7) Se o senhor(a) tivesse mais tempo, o que gostaria de fazer na companhia de seu filho(a)?

Passar, brincar, participar de atividades em conjunto a ela.

Continuação

certa submissão as chamadas coisas mundanas, ao trabalho, tudo isso com que nós não disponibilizamos de nosso tempo e lazer com nossos filhos e atividades familiares.

pelos fatos de influenciar a uma maturidade muito rápida, fazendo com que elas, as crianças, pulem a fase de ingenuidade e se tornem adultas cada vez mais rápido.

**COISAS QUE VOCÊ GOSTARIA DE TER
NO SEU BAIRRO**

APÊNDICE IV
(5 de um total de 32)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ-UEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-MESTRADO

QUESTIONÁRIO

Aluno (a): Daniel de C. J. Lopes

Data de Nascimento 24/03/99 Série: 4 Turno: C

- 1) Escreva duas coisas que você gostaria de ter em seu bairro.

Um clube de natação gratuito e segurança. ^{Bairro Camilândia}

- 2) Escreva uma coisa que você gostaria de ter na sua cidade.

Hospitais bons gratuitos.

OBS.: Pense em algo que possa, além de beneficiar a você, a comunidade.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ-UEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-MESTRADO

QUESTIONÁRIO

Data de Nascimento 10/09/99 Série: 4^a série "C" Turno: Tarde

- 1) Escreva duas coisas que você gostaria de ter em seu bairro.

Segurança 24 horas e área de lazer.
Bairro: Monte Orobó

- 2) Escreva uma coisa que você gostaria de ter na sua cidade.

Cursos para todos.

OBS.: Pense em algo que possa, além de beneficiar a você, a comunidade.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ-UEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-MESTRADO

QUESTIONÁRIO

Data de Nascimento 04/06/1999 Série: 4^oC Turno: Tarde

1) Escreva duas coisas que você gostaria de ter em seu bairro.

Um Hospital e Uma quadra de
Basquete.

"Bairro: Novo Milênio"

2) Escreva uma coisa que você gostaria de ter na sua cidade.

Mais Parques e Hospitais e Postos
de Saúde

OBS.: Pense em algo que possa, além de beneficiar a você, a comunidade.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ-UEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-MESTRADO

QUESTIONÁRIO

Data de Nascimento 18/06/99 Série: 4ºC Turno: tarde

- 1) Escreva duas coisas que você gostaria de ter em seu bairro.

A Eu gostaria que tivesse uma praça e uma
escola de Música

- 2) Escreva uma coisa que você gostaria de ter na sua cidade.

A Uma Quadra de Esportes e um local próprio
para andar de Bicicleta.

OBS.: Pense em algo que possa, além de beneficiar a você, a comunidade.

Bairro = Claudete



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ-UEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-MESTRADO

QUESTIONÁRIO

Data de Nascimento 05/04/00 Série: 4^a Turno: c tarde

1) Escreva duas coisas que você gostaria de ter em seu bairro.

Um cinema, um centro de recreação, um mercado de saúde.
Parquinho

2) Escreva uma coisa que você gostaria de ter na sua cidade.

Mais segurança

OBS.: Pense em algo que possa, além de beneficiar a você, a comunidade.

O QUE É A TELEVISÃO PARA A CRIANÇA?

APÊNDICE V
(5 de um total de 32)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ-UEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-MESTRADO

QUESTIONÁRIO

Data de Nascimento 19/05/99 Série: 420 Turno: Integral

1) O que é a televisão para você?

É um objeto que eu gosto de assistir, assistir etc
e eu acho legal assistir.

2) Você a considera uma brincadeira? Justifique sua resposta.

Não, porque não é brincadeira como TV



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ-UEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-MESTRADO

QUESTIONÁRIO

Data de Nascimento 30/08/99 Série: 4^{ou} C Turno: noite

1) O que é a televisão para você?

A televisão é um ótimo modo para ver notícias do mundo inteiro, para quem não tem muita paciência para ler, ela é um entretenimento.

2) Você a considera uma brincadeira? Justifique sua resposta.

Não porque ela pode nos mostrar algo importante.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ-UEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-MESTRADO

QUESTIONÁRIO

Aluno (a): Gabriel Zudi Karnalho

Data de Nascimento 30/11/09 Série: 4ª E Turno: Tarde

1) O que é a televisão para você?

Uma coisa legal e paraíso das maravilhas.

2) Você a considera uma brincadeira? Justifique sua resposta.

Sim. Por que da para brincar de vídeo game.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ-UEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-MESTRADO

QUESTIONÁRIO

Data de Nascimento 02/32/99 Série: 4º C Turno: tarde

1) O que é a televisão para você?

Uma objeto que eu uso para se diver-
tir

2) Você a considera uma brincadeira? Justifique sua resposta.

Não, porque ela é imoral



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ-UEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-MESTRADO

QUESTIONÁRIO

Data de Nascimento 05/01/00 Série: 4^a Turno: C

1) O que é a televisão para você?

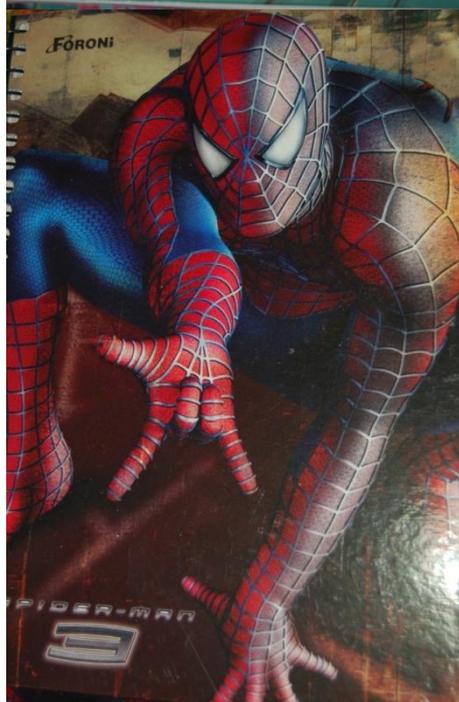
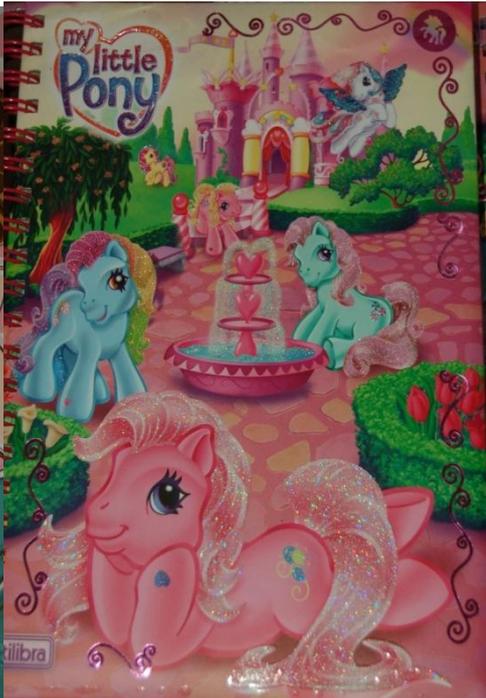
É um objeto que nós usamos para saber de algumas coisas,
para se divertir, para se divertir.

2) Você a considera uma brincadeira? Justifique sua resposta.

Não. Porque ficar com os olhos fixados nela para mim
não é brincadeira.

OUTRAS FOTOS
FONTE: KELI A. V. PATERNO
APÊNDICE VI







**DOCUMENTO ENCAMINHADO AO
CMDCA, MINISTÉRIO PÚBLICO E AO
CONSELHO TUTELAR**

APÊNDICE VII

Cascavel, 02 de fevereiro de 2011.

Prezado(a) Senhor(a):

Vimos por meio deste, fazer uma reivindicação a respeito do cuidado com a cultura da infância nesta cidade na atenção ao cumprimento da legislação.

No Brasil, a partir de regulamentações feitas em municípios e estados, há lei específica que busca preservar e proteger crianças e adolescentes de excessos por parte da mídia no que se refere à exposição exagerada de temas e imagens ligados à erotização e à incitação ao sexo. Alguns municípios dão mostra da preocupação com o tema, como por exemplo, Maringá que sancionou a lei n. 1.233/2010, para regulamentar as exposições de “conteúdo pornográfico ou impróprio para menores de 18 (dezoito) anos”. Em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, criou-se a lei n. 154/10 chamada de “Lei anti-pornografia”, a qual foi aplicada para retirar do espaço público um outdoor considerado inadequado.

No Estado do Paraná, a lei 16.486 (ANEXO I), vigora desde 12 de maio de 2010 e considera a Lei Federal número 8.069 de 1993, Estatuto da Criança e do Adolescente. A lei estadual proíbe a venda a menores de 18 anos e a exposição pública de revistas, DVD's, CD's e cartazes em bancas, livrarias, locadoras de filmes por qualquer meio ou congêneres, com conteúdo erótico ou pornográfico. Prevê punições a quem não a cumpra.

Os resultados de nossa investigação de “A invasão da erotização do adulto no mundo infantil: micropoderes na vida pública e privada” evidenciam que grande parte dos espaços por onde circulam as crianças cotidianamente em Cascavel, apresentam imagens eróticas inadequadas à infância, tanto em outdoors quanto em bancas de revistas (ANEXO 2).

Gostaríamos de solicitar a Vossa Senhoria que envidasse esforços para o cumprimento da lei n.16.486/2010 e fiscalizasse a correta aplicação da mesma.

Na parte que nos cabe, realizaremos movimentos de esclarecimento junto aos pais e responsáveis pelas crianças. Certos de vossa colaboração, agradecemos.

Cordialmente,

Keli Andrea Vargas Paterno
Mestranda em Educação-UEM

Dr^a Verônica Regina Müller
Professora orientadora-UEM

ANEXO I



Lei nº. 16.486

Data 12 de maio de 2010

Súmula Proíbe a venda a menores de 18 anos e a exposição pública de Revistas, DVD's, CD's e cartazes em bancas, livrarias, locadoras de filmes por qualquer meio ou congêneres, com conteúdo erótico ou pornográfico.

A Assembleia Legislativa do Estado Do Paraná

decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º. Em consonância com a Lei Federal nº 8.069, de 1993, Estatuto da Criança e do Adolescente, fica proibido a venda a menores de 18 anos e a exposição pública de Revistas, DVD's, CD's e cartazes em bancas, livrarias, locadoras de filmes por qualquer meio ou congêneres, com conteúdo erótico ou pornográfico.

Art. 2º. O não cumprimento desta lei fica sujeito às seguintes sanções:

- I – advertência por escrito;
- II – multa de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais);
- III – cassação da Inscrição Estadual.

Art. 3º. O Poder Executivo regulamentará a presente lei em 60 (sessenta) dias.

Art. 4º. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO DO GOVERNO EM CURITIBA, em 12 de maio de 2010.

Orlando Pessuti
Governador do Estado

Thelma Alves de Oliveira
Secretária de Estado da Criança e da Juventude

Jair Ramos Braga
Secretário de Estado da Justiça e da Cidadania

ANEXO II



Imagem 01 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 06/03/10, Cascavel-PR



Imagem 02 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 01/04/10, Cascavel-PR



Imagem 03 - Foto: Keli Andréa Vargas Paterno, 01/04/10, Cascavel-Pr